

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

SARA BARRETO

**Compreendemos “pintar o sete” e “pintar o quadro” da mesma forma?
Um estudo experimental sobre o processamento de expressões idiomáticas no PB**

JUIZ DE FORA

2017

SARA BARRETO

**Compreendemos “pintar o sete” e “pintar o quadro” da mesma forma?
Um estudo experimental sobre o processamento de expressões idiomáticas no PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mercedes Marcilese

JUIZ DE FORA

2017

SARA BARRETO

**COMPREENDEMOS “PINTAR O SETE” E “PINTAR O QUADRO” DA
MESMA FORMA? UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE O
PROCESSAMENTO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mercedes Marcilese (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profa. Dra. Elisângela Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Paula Grillo El-Jaick
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Mercedes Marcilese, pela dedicação, carinho, paciência, por ter se tornado uma das mulheres a quem mais admiro por seu brilhantismo e humildade.

Às professoras Cristina Name e Luciana Teixeira, por terem me tornado apaixonada por Psicolinguística e por Aquisição da Linguagem. Mesmo sabendo tão pouco, sinto-me encorajada e movida a buscar muito mais.

À minha inesquecível psicamiga Andressa Christine, com a qual a dura caminhada tornou-se mais suave e agradável. Minha admiração, gratidão e amizade a você.

Aos outros amigos da turma mais fofa de Mestrado deste programa: Alexandre Diniz, Henrique Moraes, Márjori Mendes, Michele Ramos, Mariana Bessa e Pedro Lucas. Obrigada por tudo. Sentirei saudades (Já sinto)!

À nova psicoamiga, minha ex-aluna e querida colega de mestrado, Ágata Avelar – coincidências boas da vida... reencontrar gente querida: que presente!

Aos amados alunos e colegas de trabalho da Psicologia da Universo – a melhor equipe com a qual já tive a honra de trabalhar: quanto apoio, quanto carinho, quanta deferência! Inesquecíveis: Cláudia Ciribelli, Caroline Levate, Simone Ribeiro, Ana Cláudia Cesário, Monalisa Lauro, Karen Lamas, Juliana Curzi, Vivian Ligeiro e o querido Daniel Gomes (apoio no Psyscope – rrsrsrs) – meus queridos, muito mais que colegas de trabalho!

À nossa Sueli (Chuchu), meu braço direito, pelos momentos em que, por conta das atribuições deste trabalho, estive com meu menino, e me permitiu trabalhar tranquilamente.

A toda a minha família, em especial ao incentivo do primo Webert Guiducci, ao meu pai, meu exemplo de caráter e de retidão, ao meu Naldinho, meu parceiro de toda a vida, pela ajuda prática, pela dedicação e respeito à minha realização pessoal, pelo compartilhamento dos sonhos e, sobretudo, pelo amor! Ao meu doce menino Felipe: obrigada, acima de tudo, por ser sua mãe!

A todos que tornaram viável a realização desta pesquisa: aos participantes dos experimentos, aos membros da Banca Examinadora, e, por fim, à UFJF, pelo apoio financeiro.

Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste!

Sigmund Freud

Sumário

Resumo	10
Abstract	11
Lista de Figuras	12
Lista de Gráficos	13
Lista de Tabelas	14
1. Introdução.....	15
1.1. Apresentação do problema de pesquisa	18
1.2. Hipótese de trabalho	20
1.3. Objetivos	20
1.4. Justificativa.....	21
1.5. Organização do trabalho	22
2. Sobre a distinção entre linguagem literal e não literal.....	24
2.1. O contraste entre literal e não literal: semântica vs. pragmática?	25
2.2. Linguagem não literal: a visão da Linguística Cognitiva	27
2.3. Linguagem não literal: as expressões idiomáticas.....	34
3. O processamento da linguagem não literal na perspectiva psicolinguística	47
3.1. A interpretação metafórica via sentido literal: o Modelo Pragmático	48
3.2. O processamento direto do sentido figurado	50
3.3. Propostas “conciliadoras”	54
3.4. Compreensão de metáforas nominais no PB (Ricci, 2016)	56
4. Expressões idiomáticas: representação, acesso e processamento.....	59
4.1. Hipóteses sobre a representação e acesso lexical de expressões idiomáticas.....	60
4.2. Compreensão de expressões idiomáticas (Cacciari & Tabossi, 1988)	73
4.3. Sobre a compreensão de expressões idiomáticas do português.....	83
5. Processamento de expressões idiomáticas do PB: um estudo experimental	94
5.1. O método experimental.....	95
5. 2. Técnicas experimentais utilizadas.....	98
5.2.1. Leitura automonitorada – <i>Maze task</i>	98
5.2.2. <i>Priming</i> intermodal e decisão lexical	101
5.3. Experimento 1: Investigando o papel do grau de idiomaticidade, familiaridade e contexto prévio na compreensão de expressões idiomáticas.....	102
5.3.1. Método	102
5.2.2. Resultados e discussão	109
5.4. Experimento 2: Investigando o curso temporal do acesso aos sentidos figurado e literal de expressões idiomáticas	116
5.4.1. Método	117
5.4.2. Resultados e discussão	121
5.5. Síntese dos principais resultados obtidos	125
6. Considerações finais.....	127

7. Referências bibliográficas.....	133
8. APÊNDICE.....	139
9. ANEXOS	166

Resumo

Esta dissertação investiga a compreensão de expressões idiomáticas do tipo verbo + complemento no português brasileiro (PB) (Ex. *pintar o sete*, *passar a bola*). Na literatura psicolinguística, identificamos diferentes abordagens relativas à representação, ao acesso e ao processamento de expressões idiomáticas. Segundo modelos de acesso direto, expressões seriam compreendidas a partir da recuperação de seu sentido plenamente disponível no léxico (GIBBS, 1980, 1985, 1986), enquanto outras abordagens pontuam que o acesso ocorra de forma indireta ou mediada (BOBROW & BELL, 1973; WEINREICH, 1969). Há, ainda, propostas que defendem a ocorrência do acesso em paralelo dos sentidos literal e figurado (ESTILL & KEMPER, 1982; SWINNEY & CUTLER, 1979), bem como visões que enfatizam a relevância de se atentar para certas propriedades internas e externas das expressões idiomáticas (Ex. grau de composicionalidade e de cristalização da expressão e contexto discursivo prévio) para uma melhor compreensão do modo como as mesmas seriam processadas (GIORA, 1997, 1999; BOWDLE & GENTNER, 2005). Nossa pesquisa está alinhada com esse último tipo de visão que questiona a possibilidade de uma abordagem categórica que possa dar conta do processamento de toda e qualquer expressão sem levar em consideração aspectos específicos envolvidos em cada caso. Expressões idiomáticas são tipicamente caracterizadas como combinações fixas e não composicionais nas quais o sentido idiomático não constitui uma função da soma das partes. O grau de decomponibilidade das mesmas, entretanto, é variável (GIBBS, 1989): em alguns casos, as partes colaboram na construção do sentido figurado, em outras, essa contribuição não é clara. Em expressões como *passar a bola*, por exemplo, percebe-se uma maior decomponibilidade do que em *dar zebra* ou em *pintar o sete*. Assumimos nesta pesquisa que haveria, assim, um espectro de idiomaticidade. Este trabalho pretende explorar em que medida o *grau de idiomaticidade* afeta a compreensão das expressões. Buscamos ainda investigar o papel da *familiaridade* do falante com a expressão e do *contexto* prévio em que as expressões aparecem e avaliar até que ponto esses fatores interagem entre si no processamento. Foram conduzidos dois experimentos visando a investigar essas questões. No Experimento 1 foi utilizada uma tarefa de *maze* (leitura automonitorada em forma de “labirinto”) na qual o segmento crítico era relativo à complementação do verbo: complemento idiomático vs. literal (Ex. *abrir o coração/a porta*). O Experimento 2, inspirado no estudo de Cacciari e Tabossi (1988), foi idealizado a partir do paradigma de *priming* intermodal (*cross-modal priming*), por meio de uma tarefa de decisão lexical em que a palavra alvo poderia ser relacionada idiomáticamente, literalmente ou não relacionada à expressão idiomática (Ex. *passar a bola* – palavra alvo: responsabilidade – futebolista – helicóptero). Tomados em conjunto, os resultados obtidos revelaram efeitos estatisticamente significativos das três variáveis investigadas, sugerindo que o *grau de idiomaticidade*, a *familiaridade* do falante com a expressão e o *contexto prévio* afetam o processamento das expressões e, portanto, devem ser considerados num modelo que vise a explicitar a representação, o acesso e a compreensão dessas estruturas.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; processamento linguístico; espectro de idiomaticidade; familiaridade; contexto.

Abstract

This dissertation investigate the comprehension of verb + complement idioms in Brazilian Portuguese (e.g. *passar a bola*, *pintar o sete* – literal meaning: “to pass the ball” and “to paint the seven”; figurative meaning: “to delegate responsibility” and “to make a mess”). In Psycholinguistic literature, different approaches related to the representation, the access and the processing of idioms can be recognized. According to direct access models, idioms would be understood from the retrieval of their fully available meaning in the lexicon (GIBBS, 1980, 1985, 1986), while other approaches point out that the access occurs in an indirect or mediated way (BOBROW & BELL, 1973; WEINREICH, 1969). There are also proposals that posit that literal and figurative meaning are accessed in parallel (ESTILL & KEMPER, 1982; SWINNEY & CUTLER, 1979), as well as approaches that emphasize the relevance of certain internal and external properties of the idioms (degree of compositionality and crystallization, previous discursive context, for example) for a better understanding of their processing (GIORA, 1997, 1999; BOWDLE & GENTNER, 2005). Our research is in line with the last vision that denies the possibility of a categorical approach that can account for the processing of any expression without taking into account the specific aspects involved in each case. Idioms are typically characterized as fixed and non-compositional combinations in which meaning is not a function of the sum of the parts. The degree of compositionality, however, is variable (GIBBS, 1989): in some cases, the parts collaborate in the construction of the figurative meaning, in others, this contribution is not clear. In expressions such as *passar a bola*, for example, one perceives a greater decomposition than in *dar zebra* (literal meaning: “to give zebra”; figurative meaning: “to go wrong”) or in *pintar o sete*. Thus, a spectrum of idiomaticity is observed. This research intends to explore to what extent the degree of idiomaticity affects the comprehension of idioms. We also investigate the role of the speaker's familiarity with the idiom and the previous context in which the idiom appear and evaluate the extent to which these factors interact with each other in the processing. Two experiments were conducted to investigate these issues. In the Experiment 1, a maze task (self-paced reading in the form of a "labyrinth") was used. The critical segment was related to the verb complement: idiomatic complement vs. literal complement (e.g. *open the heart/ the door*). Experiment 2 was inspired by the research of Cacciari and Tabossi (1988), based on the cross-modal priming paradigm, and conducted by means of a lexical decision task in which the target could be related idiomatically, literally or unrelated to the idiom (e.g. *passar a bola* – “to pass the ball”; target words: responsibility – soccer player - helicopter). Taken together, the obtained results revealed significant effects of the three investigated variables, suggesting that the degree of idiomaticity, the speaker's familiarity with the idiom and the previous context affect the processing of the idioms and, therefore, should be considered in a model that aims to explain the representation, access and comprehension of these structures.

Keywords: idioms; linguistic processing; spectrum of idiomaticity; familiarity; context.

Lista de Figuras

Figura 1 – Sequência de telas apresentadas durante uma tarefa típica <i>maze</i>	100
Figura 2 – Ilustração esquemática do procedimento do Experimento 1	109
Figura 3 – Ilustração esquemática do procedimento do Experimento 2	120

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Tempo médio de reação em milissegundos em função de <i>idiomaticidade</i>	110
Gráfico 2 – Tempo médio de reação em milissegundos em função de <i>familiaridade</i>	110
Gráfico 3 – Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre <i>familiaridade</i> e <i>contexto</i>	111
Gráfico 4 – Tempo médio de reação por condição experimental e por grupo	111
Gráfico 5 – Média de respostas-alvo idiomáticas em função de <i>familiaridade</i>	112
Gráfico 6 – Média de respostas-alvo idiomáticas em função de <i>idiomaticidade</i>	112
Gráfico 7 – Média de respostas-alvo idiomáticas em função de <i>idiomaticidade</i> e <i>contexto</i>	113
Gráfico 8 – Média de respostas-alvo idiomáticas em função de <i>idiomaticidade</i> , <i>familiaridade</i> e <i>contexto</i>	113
Gráfico 9 – Tempo médio de reação em milissegundos para efeito principal de <i>familiaridade</i>	121
Gráfico 10 – Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre palavra-alvo e <i>idiomaticidade</i>	122
Gráfico 11 – Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre palavra-alvo e <i>familiaridade</i>	122
Gráfico 12 – Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre palavra-alvo, <i>idiomaticidade</i> e <i>familiaridade</i>	124

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Média de respostas-alvo por condição experimental	114
Tabela 2 – Resultado da estatística por meio do teste de Friedman	114
Tabela 3 – Resultado da estatística por meio do teste de Wilcoxon	115
Tabela 4 – Tempo médio de reação por condição	123

1. Introdução

O tema do presente trabalho é o processamento de expressões idiomáticas do tipo verbo-complemento (Ex. *pintar o sete, armar barraco*) por falantes do português brasileiro (doravante, PB) no que tange à compreensão. A partir de uma revisão de diversas perspectivas teóricas desenvolvidas no âmbito da Psicolinguística para dar conta do processamento da linguagem não literal em geral, e das expressões idiomáticas em particular, buscamos avaliar aqui alguns dos fatores que potencialmente podem interferir na compreensão desse tipo de expressões. Especificamente, nesta dissertação buscamos explorar o papel do grau de idiomaticidade, da familiaridade do falante com a expressão e da informação contextual prévia na compreensão das referidas expressões.

Na concepção original do projeto que deu origem a este trabalho, a escolha por pesquisar um fenômeno vinculado à comumente denominada “linguagem figurada” ou “não literal”, se justifica em função do interesse por dar continuidade a um projeto mais amplo¹ que visa a discutir, dentro da perspectiva da Psicolinguística experimental, a noção de *interface* e sua definição, de acordo com diferentes vieses teóricos, para, então, caminhar na avaliação do papel das interfaces internas (sintaxe–semântica) e externas (sintaxe–discurso/ pragmática) ao sistema linguístico na aquisição e no processamento de L1 e L2. Tendo como ponto de partida essa proposta, nesta dissertação optamos por abordar um aspecto vinculado às denominadas interfaces externas (sintaxe–discurso/pragmática) e investigar experimentalmente a compreensão de expressões idiomáticas por falantes de PB como L1. Cabe destacar que, embora nossa pesquisa possa ser considerada como um desdobramento do mencionado projeto, a discussão sobre a noção de interface em si não constitui um dos nossos objetivos específicos, mas um dos pontos de partida iniciais da pesquisa. Interessa aqui em particular a relação entre o fenômeno específico estudado e as dimensões semântica e pragmática da linguagem. Pontos que desenvolveremos mais à frente e que, entendemos, podem contribuir para alimentar a discussão sobre as relações de interface no domínio linguístico.

Como já mencionado, o aspecto linguístico delimitado para nossa pesquisa empírica está relacionado à chamada “linguagem não literal”. Stern (2000) aponta que a

¹*Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento adulto de L1 e L2: concordância e tópico/foco no PB* (CAAE: 44123015.6.0000.5147, financiado pela FAPEMIG).

questão crucial para as teorias sobre a compreensão da metáfora e da linguagem figurada em geral, vincula-se ao denominado “problema do reconhecimento/identificação” (*Recognition Problem*). Nas palavras do próprio Stern:

[...] is the question of how one knows that an utterance is a metaphor. What are the conditions, heuristics, clues, cues, trains of reasoning, or steps followed by speaker-hearers by which they identify or recognize particular utterances as metaphors, rather than as literal utterances or as nonliteral utterances of other kinds or as strings of nonsense sounds? (STERN, 2000, p. 3)²

No âmbito desta pesquisa, assumimos que a discussão em torno da noção de interface pode sinalizar um caminho interessante para abordar o problema do reconhecimento de uma expressão linguística como veiculando ou não um sentido figurado.

Embora o conceito de interface esteja hoje bastante difundido na literatura linguística, seu uso é relativamente recente (ROTHMAN & SLABAKOVA, 2011). É no contexto da linguística gerativa de orientação chomskyana, especificamente no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) (CHOMSKY, 1981, 1986), que podem ser identificadas as raízes dos desenvolvimentos posteriores relativamente a essa noção. De acordo com P&P, as computações sintáticas – geradas por um sistema computacional nuclear³ – estão vinculadas a condições de interface que são resultado da natureza binária das representações linguísticas, formadas crucialmente pelo par som/sentido⁴. O resultado da computação sintática funciona como *input* para as interfaces entre a sintaxe e os sistemas de desempenho linguístico, sendo essas interfaces vinculadas às representações fonética/fonológica e semântica, respectivamente.

Além dessa proposta que distingue a sintaxe das interfaces vinculadas às representações fonética e semântica, outros modelos das interfaces linguísticas têm sido propostos na literatura (cf. ROTHMAN & SLABAKOVA, 2011; ROTHMAN & GUIJARRO-FUENTES, 2012, para uma breve revisão). Alguns desses modelos

² “[...] é a questão de como alguém sabe que um enunciado é uma metáfora. Quais são as condições, as heurísticas, as pistas, as cadeias de raciocínio, ou os passos seguidos pelos falantes-ouvintes através dos quais eles identificam ou reconhecem enunciados particulares como metáforas, diferenciando-os de enunciados literais ou de enunciados não literais de outros tipos ou, ainda, de cadeias de sons sem sentido” (STERN, 2000, p. 3). A tradução é nossa.

³ Vale salientar que é nesses termos que a sintaxe é caracterizada pela Teoria Gerativa.

⁴ Nessa definição, “som” deve ser entendido como “meio físico de realização” que, no caso das línguas de sinais, não será de natureza acústica, mas visual.

coincidem parcialmente com vários dos pontos fundamentais da visão chomskyana, mas eles se diferenciam pelo fato de procurar fornecer uma visão mais refinada sobre o modo como as interfaces trabalham e pela tentativa de caracterizar de forma mais detalhada as relações entre os módulos gramaticais e outras áreas da cognição geral. Dentre os desenvolvimentos recentes, destacam-se as propostas de Jackendoff (2002), Reinhart (2006) e White (2009, 2011).

No contexto das discussões sobre a noção de interface, destacamos aqui a importância da denominada Hipótese das Interfaces (SORACE, 2005, 2009; SORACE & FILIACI, 2006; SORACE & SERRATRICE, 2011; MONTRUL, 2004; dentre outros) em particular, no que diz respeito à distinção entre interfaces internas e externas. Apontam os referidos autores que há evidências de que construções mais diretamente vinculadas às interfaces externas exibiriam maior instabilidade na gramática dos falantes (monolíngues e bilíngues, adultos e crianças). Nas interfaces internas, teríamos os pontos de contato entre os módulos linguísticos entre si, já, na interface externa, apresentam-se aqueles pontos de interação entre o(s) domínio(s) linguístico(s) e outros módulos cognitivos. Dessa forma, léxico, sintaxe, semântica, morfologia e fonologia constituiriam níveis relativos a interfaces de natureza interna. Por sua vez, fatores tais quais aspectos contextuais, fundamentais aos domínios discursivo e pragmático, estariam vinculados à noção de interfaces externas (WHITE, 2009). Para o nosso trabalho, vale frisar, é fundamental a distinção que pode ser estabelecida entre discurso e pragmática (ROTHMAN & SLABAKOVA, 2011). Tanto o nível discursivo quanto o pragmático podem ser considerados interfaces externas, entretanto, a interface sintaxe-pragmática extrapola a interface sintaxe-discurso. Esta inclui as construções cuja computação de sentido e aceitabilidade dependem de informação proveniente do discurso prévio: das entidades mencionadas na sentença anterior (tópico sentencial); da informação relativa à entidade procurada (foco) e, ainda, das informações acerca de quais noções já teriam sido ativadas nas mentes do falante e do ouvinte. Por sua vez, o nível pragmático teria um escopo mais amplo do que o discursivo assim definido. De acordo com Horn e Ward (2004), a pragmática abarca fenômenos como: implicaturas conversacionais, pressuposições, referências, dêixis, definitude e atos de fala. Dessa forma, a dimensão pragmática depende de conhecimento de mundo, de máximas de cooperação comunicativa (GRICE, 1975) e de certos princípios pragmáticos universais, e outros mais ou menos idiossincráticos, os quais são culturais e podem depender de instrução. A articulação entre a gramática e essa dimensão pragmática da linguagem é

crucial para compreender o funcionamento do fenômeno específico escolhido por nós como objeto para a pesquisa empírica: os usos não literais da linguagem e, dentre eles, pontualmente, as expressões idiomáticas.

1.1. Apresentação do problema de pesquisa

Tipicamente, expressões idiomáticas são caracterizadas como cadeias de palavras cuja interpretação não se deriva de forma composicional a partir da interpretação de suas partes (CACCIARI & TABOSSI, 1988). Nesse sentido, essas expressões acabam por desafiar a visão tradicional da compreensão da língua, segundo a qual, para que se proceda à compreensão de uma sentença, é necessário que sejam reconhecidas as palavras que a compõem, que se recuperem seus sentidos individuais a partir do léxico mental, além de que esses elementos sejam combinados conforme determinadas relações gramaticais. Desse modo, expressões idiomáticas constituem um desafio para qualquer teoria do processamento da linguagem, até mesmo pelo fato de serem bastante frequentes na língua: o dicionário de expressões idiomáticas do inglês americano de Makkai, Gates e Boatner (na sua 5ª edição de 2013) inclui 8000 “palavras e frases idiomáticas”, o que torna evidente que elas não consistem em exceções, mas fazem parte do funcionamento “normal” do sistema linguístico.

Muitas expressões idiomáticas admitem a possibilidade de serem interpretadas também como sentenças literais, tais como: “passar a bola”, “arregaçar as mangas”, “sacudir o esqueleto”, etc. Além disso, expressões diferem em termos de seu nível de cristalização (MUELLER & GIBBS, 1987), do tipo de operações sintáticas às quais podem ser submetidas (FRASER, 1970), e também quanto a outros aspectos que podem se mostrar importantes relativamente ao modo como as mesmas são processadas e compreendidas. Expressões como *feel out* (sentido idiomático: “sondar”; “tentar perceber o que o outro pensa, ou sente a respeito de algo, ou de alguém”) constitui uma expressão idiomática, da mesma forma que *spill the beans* (sentido idiomático: “revelar o segredo”) o é, conquanto a intuição dos falantes de língua inglesa seja bastante diferente a respeito de ambas: o sentido idiomático será facilmente acessado para a última, mas não para a primeira. No PB, expressões como as mencionadas acima, a depender da situação de uso, poderiam suscitar dúvidas quanto à sua interpretação literal, ou idiomática. Expressões como “dar zebra”, “fazer boca de siri” ou “pintar o sete”, por sua vez, desde que do conhecimento do falante, jamais suscitariam a mesma

dúvida: seriam sempre interpretadas idiomáticamente, ilustrando o mesmo contraste apontado para o inglês.

Outra questão a se refletir é que mesmo as expressões “muito idiomáticas” diferem-se umas em relação às outras em termos de quão familiares ou convencionais são para os falantes e, ainda, há de se considerar a possibilidade de influência de um mínimo de informação que preceda a leitura, ou a escuta da expressão idiomática e que possa, ou não, favorecer a compreensão metafórica da expressão. Nesse sentido, o quanto o contexto prévio pode facilitar o acesso aos sentidos literal ou figurado é uma questão relevante na pesquisa relativa ao “problema do reconhecimento” formulado por Stern (2000) e anteriormente mencionado.

Dessa forma, diante de tamanha variabilidade de fatores, tanto intrínsecos às próprias expressões quanto externos, caracterizamos o nosso problema de pesquisa a partir das seguintes questões: (i) Em que medida, os aspectos anteriormente levantados se mostram relevantes no processamento de expressões idiomáticas pelos falantes no que diz respeito à sua compreensão? (ii) Esses aspectos atuam de forma isolada ou a compreensão das expressões depende da interação de um conjunto de fatores? (iii) Levando em consideração o curso temporal do processamento, os fatores levantados podem influenciar em alguma medida qual sentido é acessado em primeiro lugar (idiomático ou literal)? Com o intuito de fornecer algumas respostas – mesmo que parciais – para essas questões, procedemos à leitura, à discussão da literatura especializada e à elaboração de experimentos psicolinguísticos.

Além dos fatores antes mencionados, a própria estrutura interna das expressões idiomáticas apresenta uma considerável variação, que torna difícil comparar, por exemplo, em termos da sua estrutura de natureza nominal ou verbal, as seguintes expressões: *levado da breca* (pessoa que faz coisas impensadas); *barra pesada* (situação difícil, pessoa grosseira ou violenta); *cutucar a onça com vara curta* (arrumar problema, provocar); *mão de vaca* (indivíduo que não gosta de gastar, mesquinho). Dada a impossibilidade de investigar experimentalmente expressões com estrutura tão variável, optamos por selecionar um único tipo formado por verbo acompanhado de complemento simples. Isto é, escolhemos expressões nas quais o complemento equivale

a um sintagma formado por um, dois ou até três elementos⁵. Assim incluímos na nossa pesquisa os seguintes tipos de expressões idiomáticas verbais:

- (1) Verbo + NP – como em $_{VP}[dar\ NP[zebra]]$.
- (2) Verbo + DP – como em $_{VP}[chutar\ DP[o\ NP[balde]]]$.
- (3) Verbo + PP – como em $_{VP}[carregar\ PP[em\ DP[as\ NP[tintas]]]]$.

1.2. Hipótese de trabalho

Como hipótese de trabalho inicial, partimos da ideia de que a compreensão de expressões idiomáticas, foco de nosso estudo experimental, envolve não apenas informação puramente sintática e lexical, mas também outros aspectos vinculados com as denominadas interfaces externas (Ex. conhecimento de mundo, incluindo aspectos culturais e pragmáticos). Nesse sentido, assumimos aqui que são vários os fatores que podem influenciar o processamento desse tipo de expressão não literal (facilitando ou dificultando sua compreensão), dentre os quais o grau de idiomaticidade da expressão, a familiaridade do falante com a mesma (em termos da maior ou menor experiência consciente do falante com a expressão), além do contexto linguístico prévio, no qual a expressão se encontra inserida – mais, ou menos informativo no que diz respeito ao eventual sentido de uma expressão potencialmente idiomática.

1.3. Objetivos

Nosso trabalho visa a avaliar experimentalmente o processamento de expressões idiomáticas formadas por verbo + complemento por falantes de PB. Nesse sentido, um dos objetivos gerais da pesquisa é o de contribuir para a discussão teórica sobre o processamento da linguagem não literal, especificamente no que tange às expressões idiomáticas, dentro da perspectiva Psicolinguística experimental. Para atingir esse objetivo, buscamos revisar as principais visões teóricas a respeito do processamento de expressões, além de elaborar experimentos cujos resultados pudessem dialogar com a literatura disponível.

⁵ Ao longo do texto, utilizaremos a nomenclatura mais comum na literatura psicolinguística, baseada nos termos em inglês: sintagma nominal, NP (*Nominal Phrase*); sintagma determinante, DP (*Determiner Phrase*); sintagma preposicionado, PP (*Prepositional Phrase*).

Os nossos objetivos específicos estão diretamente relacionados ao objeto delimitado como tema da pesquisa empírica e ao estudo experimental conduzido. São eles:

- Investigar o papel do grau de idiomaticidade (GIBBS et al., 1989) na compreensão de expressões idiomáticas por falantes de PB (Experimentos 1 e 2);
- Avaliar em que medida o grau de familiaridade do falante com a expressão influencia no processamento da mesma (Experimentos 1 e 2);
- Explorar a relevância do contexto sentencial prévio – mais, ou menos informativo quanto a um possível sentido figurado – na compreensão das expressões idiomáticas pelos falantes. (Experimento 1).
- Pesquisar o curso temporal do processamento de expressões idiomáticas no que diz respeito ao acesso aos sentidos literal e figurado, em função do grau de *idiomaticidade* e de *familiaridade* da expressão (Experimento 2).
- Articular os resultados experimentais obtidos à discussão teórica prévia sobre o processamento da linguagem não literal e, em especial, das expressões idiomáticas.

1.4. Justificativa

De acordo com Saeed (2003, p. 244), expressões idiomáticas são estruturas formadas por mais de uma palavra, não composicionais e seriam aprendidas pelos falantes como unidades semânticas. As expressões surgiriam a partir de um processo de fossilização pelo qual as palavras individuais não preservariam mais seus sentidos independentes quando combinadas no interior da expressão.

Como mencionado anteriormente, seguindo essa perspectiva, diríamos que as expressões, então, parecem contrariar a visão tradicional, segundo a qual, para que se proceda à compreensão de uma sentença, é necessário que: i) sejam reconhecidas as palavras que a compõem; ii) os sentidos individuais dos itens sejam recuperados do léxico mental; iii) tais itens sejam combinados conforme suas relações gramaticais.

Muitas expressões idiomáticas, entretanto, são decomponíveis em algum grau, uma vez que o sentido de suas partes parece contribuir de forma independente para a compreensão do sentido figurado da expressão como um todo (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS, NAYAK et al., 1989; NUNBERG, 1978). Basta, para que tenhamos uma

ideia da perspectiva destes autores, compararmos estruturas como “dar zebra”; “chutar o balde” e “abotoar o paletó” (menos decomponíveis), com “passar a bola”, “balançar o esqueleto” e “descer do pedestal” (mais decomponíveis).

Este trabalho se justifica, na medida em que a questão de como o processamento da linguagem não literal e, em especial, das expressões idiomáticas está longe de ser um problema resolvido. Como veremos nas próximas seções, não há um consenso na literatura especializada quanto a diversos aspectos cruciais, a começar pela própria caracterização das expressões.

Relativamente às pesquisas já desenvolvidas acerca do processamento de expressões idiomáticas, não conseguimos identificar nenhum trabalho conduzido no PB no contexto da Psicolinguística experimental. A maioria dos estudos disponíveis foram desenvolvidos em inglês, o que torna mais instigante a tarefa de nos debruçarmos sobre expressões idiomáticas próprias do PB a fim de investigarmos experimentalmente o modo como os falantes lidam com esse tipo de expressão. Nossa proposta se mostra ainda relevante na medida em que busca isolar alguns dos fatores que podem ser relevantes para a identificação e compreensão das expressões, contribuindo assim na construção de uma possível resposta para o problema da identificação formulado por Stern (2000).

1.5. Organização do trabalho

Nosso trabalho se estrutura da seguinte forma: no Capítulo 2, julgamos adequada a realização de uma breve discussão acerca da distinção entre linguagem literal e linguagem não literal. Na sequência, abordaremos a questão do processamento da linguagem não literal na perspectiva da Psicolinguística, discutindo o modelo pragmático, o qual apresenta a interpretação metafórica como resultado de uma interpretação literal mal sucedida, conseqüente de contexto desfavorável. Adiante, o processamento direto da linguagem não literal será discutido, seguido da discussão de algumas propostas “conciliadoras” e de a (escassa) literatura disponível sobre o processamento de linguagem não literal no PB. No Capítulo 4, focamos nas expressões idiomáticas em si, buscando discutir as principais hipóteses levantadas na literatura sobre sua representação e acesso no léxico, bem como sobre sua compreensão. No Capítulo 5, nos dedicaremos a explanar acerca da metodologia da pesquisa empírica, além de reportarmos os dois experimentos conduzidos no âmbito desta pesquisa, quais foram, nesta ordem: i) Experimento 1 – Leitura automonitorada por meio de uma *maze*

task, e ii) Experimento 2 – *priming* intermodal ou multimodal a partir de uma tarefa de decisão lexical. Nesse mesmo capítulo detalharemos os objetivos e procedimentos dos experimentos e reportaremos os resultados obtidos. Por fim, traremos nossas considerações finais, além dos e anexos para posteriores consultas. No Apêndice, incluímos um glossário contendo uma breve definição de cada uma as expressões idiomáticas utilizadas na nossa pesquisa experimental.

2. Sobre a distinção entre linguagem literal e não literal

Na abordagem tradicional, cuja origem pode ser associada à visão aristotélica sobre a linguagem figurada, o sentido literal é assumido como convencional e, presumidamente, não gera esforço especial de interpretação para que seja compreendido. De acordo com essa perspectiva, o sentido literal de expressões simples encontra-se armazenado nas entradas lexicais. Já o sentido literal de expressões complexas seria o resultado de uma combinação dos sentidos literais de suas partes: assim, em ambos os casos, a interpretação seria, em boa medida, independente de contexto.

O sentido não literal, por sua vez, conforme essa perspectiva, é tido como não-convencional, o que gera um esforço interpretativo especial para alcançá-lo. Intuitivamente, é considerado um desvio do sentido mais básico (i.e. o literal). Börjesson (2011) explana que a visão tradicional assume que o processamento do sentido literal de uma expressão ocorre primeiramente, ao passo que quaisquer sentidos não literais são processados em seguida, e apenas o são se a interpretação literal não se mostrar adequada ao contexto.

No âmbito dos estudos sobre a compreensão da linguagem, a visão tradicional subjaz ao denominado modelo “padrão” ou “pragmático” (cf. GLUCKSBERG, 2003; GLUCKSBERG & KEYSAR, 1993; SEARLE, 1993/ 1979). Janus e Bever (1985), dentre outros, podem ser considerados representantes dessa abordagem no contexto dos estudos psicolinguísticos.

A questão da adequação da caracterização do contraste entre literal e figurado apresentada acima suscita não poucos debates: por exemplo, o sentido literal não é apenas utilizado relativamente a fenômenos considerados totalmente independentes de contexto, ou seja, aquilo que muitos autores descrevem como “sentido literal do enunciado” nem sempre corresponde ao sentido independente de contexto da expressão. Em vez disso, o uso da terminologia “literal” responde pela diferenciação de sentido de algumas expressões em um contexto particular do sentido que o falante de fato pretende expressar. Bezuidenhout e Cutting (2002) apontam que “sentido literal” ou “interpretação literal”, não raro encobrem o sentido literal da sentença e o que é dito pelo enunciado de uma sentença em um contexto. Assim, em geral, o sentido literal diz respeito a um nível de sentido que não mais pode ser chamado independente de contexto. Dessa forma, se os termos em que “sentido literal” e “sentido não literal” são

definidos forem extremamente rígidos, eles provavelmente não capturarão aspectos que nós, intuitivamente, associamos às noções de sentido literal e não literal. Além disso, ao considerarmos apenas as noções padrão de sentido literal e não literal, não será clara a maneira como esses dois aspectos de sentido se relacionam com tipos de sentido identificados nas abordagens individuais (sentido explícito/implícito do enunciado; implicaturas; conceitos *ad hoc*; etc.). Esse é o caso da metáfora: um tipo particular de sentido não literal, o qual de fato tem sido vinculado às implicaturas conversacionais⁶.

Como veremos mais à frente, Giora (1999) defende que o significado saliente de uma palavra ou de uma expressão é seu sentido lexicalizado, ou seja, aquele retirado do léxico mental, mais do que aquele percebido através do contexto. Assim, segundo a mesma autora, isso ocorre, por exemplo, na preferência pelo sentido literal de metáforas novas, em detrimento de seu significado pretendido, não literal, disponível através do contexto. Os fatores que parecem contribuir para esses níveis de saliência lexical seriam, de acordo com Giora, a convencionalidade, a frequência e a familiaridade. Levando esses pontos em consideração, é possível dizer que a definição do que seja “o literal” está longe de ser uma tarefa simples.

Na próxima seção, apresentaremos algumas reflexões acerca dos fatores que podem ser levados em conta quando se tenta conceber o contraste entre literal e não literal, em especial, a correlação que tem sido feita na literatura entre linguagem literal e semântica de um lado, em oposição à linguagem não literal e pragmática, de outro.

2.1. O contraste entre literal e não literal: semântica vs. pragmática?

A distinção clássica entre linguagem literal e figurada tem sido muitas vezes vinculada a um contraste entre os níveis semântico e pragmático. Börjesson (2011) salienta que, de acordo com uma visão amplamente difundida na literatura, a semântica costuma ser relacionada ao sentido literal, enquanto a pragmática, ao não literal ou figurado. Também se fala em “convencionalidade” para a semântica, e em “não convencionalidade” para a pragmática. Outro par de termos utilizados em referência a essas dimensões seria, como vimos, “independente de contexto” (no caso da semântica) e “dependência contextual” (no que diz respeito à pragmática). Nessa visão, a semântica lidaria com os aspectos de significado que tanto expressões simples, quanto complexas

⁶A propriedade de ser *convencional* (a implicatura faz parte do significado do enunciado) se opõe à de ser *conversacional*, i.e. a implicatura depende do contexto específico, é externa ao enunciado (GRICE, 1975).

apresentam, independente de seu uso concreto em situações específicas. Contrariamente, a pragmática seria responsável por aqueles aspectos do significado determinados pelo uso efetivo da língua.

É possível presumir, com base na caracterização acima, que a fronteira entre semântica e pragmática seja fixa e estável, entretanto, as especificidades de cada uma podem estar sendo negligenciadas e reduzidas à dicotomia entre sentido literal vs. sentido não literal. Para Bach (2001), todavia, as palavras em si não apresentam sentido não literal, mas podem ser usadas de formas não literais. Metáforas e metonímias, segundo o autor, apresentam-se como expressões particulares usadas de forma não literal. Entretanto, um fenômeno diferente, a “não literalidade da sentença”, ocorre quando a estrutura é usada de forma não literal, apesar de seus constituintes se apresentarem literalmente. Em ambos os casos, o sentido não literal resulta do uso de certa expressão em um contexto específico. Assim, dentro do “uso não literal da língua”, há “enunciados não literais” ou “interpretação não literal”, o que ocorre, por exemplo, quando se diz que alguém *abotoou o paletó*, em vez de dizer que alguém *morreu*.

O componente semântico – tal e como definido anteriormente – toma os sentidos lexicais das expressões individuais, presentes em um enunciado, e os combina de uma forma específica, o que resulta em uma “verdade condicional” ou “sentido semântico” de uma expressão complexa usada em um enunciado tomado como uma proposição. Dentro dessa perspectiva, o sentido semântico consiste no *input* do componente pragmático, o qual determina a que se refere de fato o emissor da expressão em uma situação particular. Essa visão é subjacente à diferenciação introduzida por Grice (1975), relativa aos dois níveis de significado: “o que é dito” e “o que se quer dizer”. Em sua terminologia, o “sentido literal” é parte do nível do que é dito, enquanto “o sentido não literal” só pode ser identificado no nível daquilo que se quer dizer.

Abordagens pós-griceanas, no entanto, apontam que a noção “do que é dito” é problemática, uma vez que “o que é dito” não pode configurar o sentido semântico de um enunciado além de ser a base para as implicaturas conversacionais (SPERBER & WILSON, 1995; LEVINSON, 2000; CARSTON, 2002; RECANATI, 2004 apud BÖRJESSON, 2011, p.5). Como consequência dos pontos tidos como fracos na abordagem de Grice, outros níveis de sentido se revelam: o primeiro retém o sentido semântico de uma expressão, um nível dependente de contexto, que consiste na base de inferências pragmáticas a serem feitas, e um último nível, referente àquilo que se quer

dizer. Se considerarmos esse três níveis de significado, perceberemos várias possibilidades a se descortinarem no que diz respeito à classificação de sentido literal e não literal. Diferentes linguistas sustentam visões variadas relativas ao nível onde encaixar o sentido “literal” e o “não literal”. Assim, tanto o sentido “literal” quanto o “não literal” ficam alocados no nível daquilo que é dito, ou seja, talvez os dois tipos de sentido não sejam tão diferentes um do outro como o que se supunha tradicionalmente. A distinção entre semântica e pragmática como ponto de partida para uma distinção entre literal e não literal, dessa forma, parece inapropriada, pois é possível que ambos os níveis funcionem operando em conjunto. As caracterizações descritas são dependentes das visões particulares relativas à natureza dos componentes semântico e pragmático, bem como do papel que eles têm no processo total de interpretação, além do tipo de informação ao qual, presume-se, eles tenham acesso.

Tendo em vista ainda a visão tradicional, segundo Börjenson (2011), não é, imprescindível que o falante compute o sentido literal de um enunciado de forma completa para que, só então, possa derivar seu sentido não literal. O autor comenta que o possível, embora não pretendido sentido literal de um enunciado não configura, necessariamente, um passo intermediário na interpretação não literal do mesmo. Vale frisar a importância apontada por Börjenson (2011) da informação contextual para que ocorra a interpretação não literal dos enunciados, de forma que, se o contexto dirigir a interpretação para o sentido literal, o enunciado será interpretado dessa forma. Por outro lado, se dirigir para uma interpretação não literal, a mesma ocorrerá, conforme o referido autor.

A discussão relativa à (im)possibilidade de se construir uma delimitação clara entre linguagem literal e não literal tem uma longa história – que, de fato, transcende o âmbito da linguística – e sua complexidade, certamente, encontra-se fora dos limites do presente trabalho. No entanto, pelo fato de termos escolhido, como objeto de pesquisa, um tipo de estrutura usualmente associada a usos não literais da linguagem, é necessário estabelecer minimamente o que será assumido aqui como linguagem não literal. Desenvolvemos esse ponto na seguinte seção.

2.2. Linguagem não literal: a visão da Linguística Cognitiva

What constitutes the LOVE IS A JOURNEY a metaphor is not any particular word or expression. It is the ontological mapping across conceptual domains, from the source domain of *journeys* to the target domain of *love*. The metaphor is not just a matter of language, but of

thought and reason. The language is secondary. The mapping is primary, in that it sanctions the use of source domain language and inference patterns for target domain concepts. The mapping is conventional, that is, it is a fixed part of our conceptual system, one of our conventional ways of conceptualizing love relationships. (LAKOFF, 2007/1993, p.273)⁷

Recentemente, no âmbito da linguística, novas perspectivas têm alterado a visão do sentido não literal ou figurado/metafórico como fenômeno estritamente linguístico propondo uma caracterização do sentido metafórico sob os termos de processos conceituais (LAKOFF & JOHNSON, 1980; GIBBS, 1994; LAKOFF & TURNER, 1989, dentre outros). Na perspectiva da denominada Semântica Cognitiva⁸, o sentido (linguístico ou não) é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas. Além disso, as categorias mentais formam-se a partir da experiência de crescimento e de atuação no mundo dos falantes. Embora haja vários tipos de estruturas conceituais e processos dos quais os falantes utilizam-se em suas interações, a metáfora tem chamado especialmente a atenção dos linguistas cognitivistas. Uma vez que nosso trabalho foca na compreensão de expressões idiomáticas que carregam, em boa medida, um sentido não literal ou figurado, os estudos desenvolvidos pela Linguística Cognitiva são de especial relevância para nós. Por esse motivo, incluímos neste estudo uma breve revisão das ideias fundamentais formuladas no âmbito da Linguística Cognitiva, que serão retomadas no desenvolvimento da nossa pesquisa.

Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Johnson (1987) consideram que a metáfora seria um elemento essencial para nossa categorização do mundo e para nossos processos mentais. Trata-se, sob essa perspectiva, da forma mais importante de

⁷ Tradução: O que faz de O AMOR É UMA VIAGEM uma metáfora, não uma palavra ou expressão em particular, é o mapeamento ontológico entre domínios conceituais, partindo do domínio fonte relativo a *viagens* para o domínio alvo relativo a *amor*. A metáfora não consiste apenas em uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A linguagem é secundária. O mapeamento é primário, no sentido de que ele sanciona o uso do domínio fonte da linguagem e infere padrões para os conceitos do domínio alvo. O mapeamento é convencional, o que significa dizer que constitui uma parte fixa do nosso sistema conceitual, uma de nossas formas convencionais de conceptualizar as relações amorosas (LAKOFF, 2007/1993, p.273).

⁸ A Semântica Cognitiva surgiu em meados da década de 80, como uma resposta aos modelos semânticos vigentes na época (modelos notadamente formalistas). A visão assumida pela Semântica Cognitiva se distancia das propostas anteriores, dentre outros aspectos, pelo seu caráter não modularista. Embora nosso trabalho esteja alinhado com uma visão de cunho mais formalista, a relevância e o impacto da Linguística Cognitiva nos estudos sobre o sentido não literal são inegáveis. Por esse motivo, mesmo não comungando com alguns dos pressupostos epistemológicos dessa vertente, consideramos fundamental trazer aqui uma breve discussão sobre alguns pontos fundamentais delimitados dentro dessa visão teórica.

linguagem figurativa, e, embora seja vinculada, em geral, à linguagem literária e poética, é amplamente encontrada em textos científicos, jornalísticos, publicitários, na linguagem cotidiana, etc. Ao ilustrar esse ponto, Lakoff e Johnson (1980) elucidam quão presentes e atreladas a comparações à guerra são algumas das metáforas da linguagem cotidiana, como se pode perceber em construções bastante frequentes no PB como as ilustradas em (4-6), entre outras.

(4) Não consigo me defender frente a seus argumentos.

(5) Minhas sugestões foram atacadas durante a reunião.

(6) Atualmente, as empresas precisam desenvolver estratégias inusitadas para vencer a concorrência.

A perspectiva mais difundida tem sido a de que a metáfora constitua uma comparação na qual há uma identificação de semelhanças, seguida da transferência destas de um conceito para o outro. O conceito comparado, ou a analogia seria o domínio da fonte (*a guerra*, nos exemplos supracitados), já o ponto de chegada, ou o conceito descrito seria o domínio do alvo (*a argumentação*, nos exemplos anteriores).

A denominada abordagem clássica, cuja origem pode ser localizada nas ideias de Aristóteles, como já foi dito, associa a metáfora a uma adição à linguagem ordinária, um instrumento retórico, o qual possibilita a obtenção de efeitos de sentido. Assim, a metáfora só ocorreria nos casos em que o sentido literal não procederia, o que faria o ouvinte recorrer a certas estratégias de interpretação e, então, determinar o significado dos enunciados literalmente anômalos.

Outra abordagem, contrária à anterior, a Romântica, (dos séculos XVIII e XIX – Romantismo) integra a metáfora à linguagem e à maneira como o falante experiencia o mundo (CANÇADO, 2012). Conforme essa visão, a metáfora constituiria uma prova da função da imaginação na conceptualização e no raciocínio sobre o mundo, de forma que toda linguagem seria metafórica e, assim sendo, não existiria diferença entre linguagem literal e figurativa.

Para os representantes da Semântica Cognitiva, a metáfora já faz parte da linguagem cotidiana e é uma forma relevante de se pensar e de se falar sobre o mundo. Pode se dizer que, nesse sentido, eles comungam com a perspectiva Romântica. Lakoff e Turner (1989) frisam, entretanto, que também há conceitos não metafóricos, os quais, justamente, serviriam como domínios de fonte.

Lakoff e Johnson (1980, p. 14-21) apresentam exemplos do inglês, adaptados aqui para expressões do português, de metáforas comuns, cotidianas, no intuito de atestar sua relevância na comunicação de modo geral. É possível perceber como essas metáforas parecem se basear em nossa experiência corporal de deitar/levantar, e no estabelecimento de associações com consciência, saúde, poder, etc. Os autores defendem que o uso de metáforas faz parte de nossa língua ordinária e têm sua origem em estruturas conceituais (cuja representação aproximada está destacada em negrito nos exemplos):

(7) Feliz é para cima; triste é para baixo.

“E aí, amiga? Tudo em cima?” “Na verdade, não! Estou por baixo!”

(8) Virtude é para cima; depravação é para baixo.

Somos da alta sociedade.

O que vem de baixo, não me atinge.

(9) Consciência é para cima; inconsciência é para baixo.

Ela emergiu de um surto psicótico.

Ele caiu num sono profundo.

(10) Bom é para cima; ruim é para baixo.

Aquele vestido é de alta costura.

Fala palavras de baixo nível.

Para os linguistas cognitivistas, as metáforas apresentam características e propriedades sistemáticas: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração.

A *convencionalidade* é uma propriedade relativa ao grau de novidade da metáfora. Há metáforas fossilizadas, as quais, em uma teoria literal da linguagem, nem seriam mais consideradas metáforas, já que teriam se transformado em construções próprias da linguagem literal. Entretanto, em uma perspectiva cognitivista, mesmo as metáforas mais recorrentes podem ser renovadas, mantendo sua natureza metafórica.

Por sua vez, a *sistematicidade* é relativa à forma como a metáfora estabelece um campo de comparações, e não um único ponto de comparação, como é possível se perceber pela ideia geral em (11), e, a partir dela, muitos conceitos envolvendo noções financeiras são transportados para conceitos ligados a tempo, tomem-se os exemplos em (11).

(11) Tempo é dinheiro.

Esta casa custou muitos anos de trabalho.

Eu investi meus melhores anos nesse casamento.

Estamos perdendo nosso tempo juntos.

Desperdicei minha tarde assistindo a esse filme ruim.

Já a *assimetria* da metáfora refere-se à *natureza direcional* desta já que ela provoca no ouvinte uma transferência de propriedades da fonte para o alvo – nunca no sentido oposto. Assim, dificilmente produziríamos sentenças como as exemplificadas em (12) e (13), já as que aparecem em (14) e (15) são bastante comuns na linguagem cotidiana.

(12) ?? O avião com destino a Paris nasceu (= chegou).

(13) ?? Quando o Orlando entrou no saguão do aeroporto, seu voo já tinha morrido. (= partido).

(14) Nosso bebê chega em abril. (= nasce).

(15) Meu avô se foi no ano passado. (= morreu).

Por fim, temos a *abstração*, uma propriedade que se relaciona com a assimetria. Normalmente, o falante se vale de uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato. Na metáfora *A vida é uma viagem*, o domínio de fonte “viagem” é mais concreto (veiculando a ideia de “se mover fisicamente através do mundo”) do que o domínio de alvo “vida” (= experiência misteriosa e abstrata de nascer, viver, envelhecer, morrer...).

Sweetser (1990) aponta que as metáforas baseadas na situação em que propriedades do domínio físico são transferidas para propriedades do domínio mental apresentam grande relevância no desenvolvimento da polissemia e das palavras cognatas nas línguas relacionadas entre si. Segundo a referida autora, é comum, nas línguas indo-europeias, que verbos de percepção, como o verbo “ver”, sejam usados na acepção física básica de “ver com os olhos”, mas também no sentido figurado de “entender” (Ex. *Eu não vejo onde eu errei na criação do Miguel*). Outros exemplos seriam: o verbo “escutar”, podendo significar “ouvir” (domínio físico), ou “obedecer” (domínio mental), ou ainda, o verbo “tocar”, podendo significar “encostar” (domínio físico), ou “emocionar” (domínio mental).

Segundo Sweetser (1990), as mudanças semânticas que ocorrem nas línguas ao longo da história devem-se à influência de metáforas, as quais são consideradas um tipo

de estrutura cognitiva que conduz a mudanças lexicais e é imprescindível para que se possa compreender a polissemia e as trocas semânticas.

Em seu livro *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (1980) evidenciam o caráter rotineiro dos processos metafóricos, tanto na linguagem, quanto no pensamento e na ação. De acordo com os autores, formas distintas de conceber fenômenos particulares estão associadas a distintas metáforas. Por exemplo, para falar de afeto, é possível utilizar-se, metaforicamente, de:

(16) **Temperatura** – Meu pai é muito frio/ caloroso.

(17) **Distância espacial** – Meu pai é distante/ inacessível/ próximo...

As metáforas conceituais podem interagir entre si para gerar sistemas metafóricos complexos. Um tipo particular de sistema metafórico, denominado “metáfora de estrutura de evento” foi descrito por Lakoff (1993), nele, uma série de metáforas interagem a fim de que se chegue à interpretação de outra metáfora, mais geral. Por exemplo, a metáfora “a vida é viagem” pode ser composta por vários sistemas metafóricos como exemplificado a seguir:

(18) José chegou ao fim da linha. (**estados são locais**).

(19) Ele foi do céu ao inferno em segundos. (**mudança é movimento**).

(20) Felipe só precisava de um empurrão para tocar violão em público.
(**causas são forças**).

(21) Ela conseguiu chegar ao topo do mundo dos negócios. (**metas são destinos**).

(22) Ele sempre trilhou um caminho alternativo. (**meios são caminhos**).

(23) Não paravam de surgir pedras por sua caminhada. (**dificuldades são impedimentos ao movimento**).

(24) Sua infância foi uma caminhada longa e árdua. (**atividades com propósitos são jornadas**).

Nos exemplos anteriores, percebemos projeções metafóricas cujo domínio-alvo é VIDA e cujo domínio-fonte é VIAGEM. Se VIDA É VIAGEM⁹ é uma metáfora de estrutura de evento, ela reflete projeções compostas por uma gama de metáforas relacionadas e mutuamente coerentes.

⁹ No âmbito da Teoria da Metáfora Conceitual, usualmente as metáforas conceituais são representadas em caixa alta, como forma de nomear esses mapeamentos metafóricos.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas consistem em relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceptuais. A estrutura conceptual e a linguagem do domínio-fonte retratam uma situação no domínio-alvo, e essa projeção entre domínios constitui uma estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo. A Teoria da Metáfora Conceptual pontua o fato de determinados conceitos derivarem de esquemas imagéticos. Lakoff (1987, 1990) considera que esses esquemas constituem domínio-fonte para a correspondência metafórica. Por exemplo, na metáfora “estados são locais”, o domínio-fonte “local” pode ser concebido como “região delimitada no espaço”, como em (p. 25-27):

- (25) Ele está em um dilema profundo.
- (26) Ela ficou em pânico com a notícia.
- (27) A criança entrou em choque ao ver a cena.

Os esquemas imagéticos vêm da experiência corpórea pré-conceptual: essas estruturas se tornam relevantes em nível conceptual exatamente por derivarem da experiência.

Fillmore (1982) e Lakoff (1987) frisam a importância da experiência e da cultura do falante quando de sua construção de teorias populares acerca do mundo – seriam as “estruturas”, segundo Fillmore, ou os “modelos cognitivos idealizados”, consoante Lakoff. Tais estruturas, ou modelos não seriam teorias científicas, ou definições consistentes e lógicas, mas um grupo de pontos de vista culturais. Dessa forma, os falantes têm a tendência a associar seu conhecimento linguístico ou semântico ao conhecimento de mundo real, ou geral e, justamente essa associação entre conhecimento semântico e enciclopédico e essa interação têm como consequência efeitos de tipicidade. Esse último ponto é de especial interesse para nós, já que as expressões idiomáticas – objeto da nossa pesquisa empírica – relacionam-se diretamente com aspectos culturais e podem ser altamente convencionais em alguns casos.

Além da metáfora, a metonímia é outro tipo de expressão não literal também investigado pela Linguística Cognitiva. Tradicionalmente, a metonímia é definida como um deslocamento de significado, no qual uma palavra, normalmente utilizada para designar determinada entidade, passa a designar uma entidade contígua (ULLMANN, 1957; LAKOFF & JOHNSON, 1980; TAYLOR, 2003). Na visão cognitivista, a metonímia – assim como a metáfora – ocupa um lugar central em nossos processos

cognitivos e sua contiguidade é estabelecida em termos de associação na experiência. A projeção metonímica envolve apenas um domínio, como se vê em:

(28) *Proust* é difícil de ler (= livros escritos pelo autor)

(29) *O Globo* superou o *Jornal do Brasil* em termos de mercado (= Empresas responsáveis por ambos os jornais).

Lakoff e Turner (1989) consideram o envolvimento de projeção entre domínios também na metonímia, apenas se estes se caracterizarem como domínio de um mesmo domínio-matriz. Já na metáfora, ocorre o envolvimento entre dois domínios que não são parte de um mesmo domínio-matriz. Assim, em “ela é alto-astral” o domínio de ORIENTAÇÃO ESPACIAL não faz parte da matriz EMOÇÃO. A ideia de que FELIZ É PARA CIMA envolve dois diferentes conceitos com a própria estrutura de evento subjacente. Já em “estou vendo várias *caras* novas aqui hoje” o termo em itálico destaca aspecto diferente no domínio-matriz PESSOA, já que as partes do corpo são associadas a diferentes qualidades e comportamentos humanos.

Vários estudos em linguística cognitiva destacam que a metonímia tem função referencial: uma entidade substitui, ou identifica outra entidade (“*Proust* é difícil de ler”). Já a metáfora tem sido vinculada a um processo de enquadramento de um alvo particular em termos de uma nova categoria (“*Meu trabalho é uma prisão*”), ou analogia (“*Meu chefe é uma águia*”). Todavia, Evans (2010) e Barnden (2010) argumentam que nem sempre acontece uma distinção nítida entre ambos os tipos de expressões. Processos metafóricos e metonímicos são fundamentais para a análise do tipo de estrutura selecionada para nossa pesquisa empírica: as denominadas expressões idiomáticas, cuja caracterização geral apresentamos a seguir.

2.3. Linguagem não literal: as expressões idiomáticas

De acordo com Saeed (2003, p. 244), expressões idiomáticas são estruturas formadas por mais de uma palavra, não composicionais e seriam aprendidas pelos falantes como unidades semânticas. As expressões surgiriam a partir de um processo de fossilização pelo qual as palavras individuais não preservariam mais seus sentidos independentes quando combinadas no interior da expressão.

Porto Dapena (2002, p.149, apud MARTINS, 2013, p.25) define as expressões como: “construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as

palavras, *retém na memória e reproduz na fala*, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido”.

Na perspectiva dos estudos fraseológicos, Martins (2013) ressalta que as expressões idiomáticas não constituem exclusivamente sintagmas verbais, mas podem aparecer, no *continuum* fraseológico em diversas configurações. As expressões, dentro dessa definição lexicográfica, constituem construções retidas na memória declarativa de longo prazo. Para Martins (2013), expressões idiomáticas consistem em itens léxicos tão culturais quanto quaisquer palavras da língua. Por seu caráter idiossincrásico, vinculam-se mais diretamente à cultura, às ideias e à forma de vida de uma sociedade (NEGRO ALOUSQUE, 2010, apud MARTINS, 2013).

Para Gross (1996, apud MARTINS, 2013), as expressões idiomáticas apresentam estrutura bastante restrita e podem ser caracterizadas por, pelo menos, cinco propriedades:

- i. Polilexicalidade: combinação estável formada por dois, ou mais componentes, os quais aparecem separados na escrita;
- ii. Opacidade semântica: não composicionalidade semântica, a qual varia conforme o grau de cristalização das expressões e suas restrições sintáticas;
- iii. Bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais: segundo o autor, as expressões idiomáticas, via de regra, não aceitariam alterações em sua estrutura sintática, o que descaracterizaria a expressão em si;
- iv. Não atualização de seus elementos: os elementos que compõem as expressões idiomáticas, via de regra, não admitem substituições por sinônimos, o que também descaracterizaria a expressão em si;
- v. Grau de fixação da expressão idiomática: relativo ao nível de familiaridade das expressões em determinada comunidade.

Segundo Neveu (2008, apud MARTINS, 2013) expressões idiomáticas como *levar um pontá pé no traseiro*, no sentido de ser despedido/abandonado, constituem locuções verbais. Do ponto de vista linguístico, uma locução pode ser definida como “reunião de duas palavras que conservam individualidade fonética e morfológica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função” (CAMARA JUNIOR, 2004, p.162, apud MARTINS, 2013, 36). Já Casaris (1969, apud MARTINS, 2013) conceitua as locuções como combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição ou estrutura formal inalterável. Dentro da concepção de Casaris (1969),

uma sequência de palavras como *bater as botas* apresenta-se inegavelmente como uma locução verbal por três razões:

- i. Não se pode trocar nenhuma das três palavras por outra sem alterar o sentido original: *sacudir as botas*, *bater com as botas* ou *bater as botinas*;
- ii. Não se pode alterar sua colocação na estrutura sem destruir o sentido: *botas as bater*; e
- iii. O sentido se resume a uma só acepção: “morrer”.

Na visão desse autor, a inalterabilidade (fixação) e a unidade de sentido (idiomaticidade) são as duas características marcantes das locuções verbais. Além disso, as palavras de uma locução não formariam, segundo ele, uma oração no sentido clássico trazido pelos gramáticos tradicionais. Como já foi adiantado na Introdução, esse tipo de expressão, formada por um verbo + seu complemento, foi selecionada no âmbito desta dissertação para a condução da nossa pesquisa experimental.

Nunberg, Sag e Wasow (1994) asseveram que tentativas de definir as expressões idiomáticas de forma categórica, baseada em um único critério, revelam-se equivocadas. Segundo eles, o próprio termo “expressão idiomática” é aplicado a uma categoria imprecisa, definida, por um lado, pela ostensiva lista de exemplos prototípicos e, por outro lado, pela oposição implícita em relação a outras categorias estabelecidas tais como: sintagmas fixos, clichês, provérbios, alusões, etc. Nesses casos, assim como ocorre com as expressões idiomáticas, as definições arroladas situam-se numa posição intermediária entre a metalinguagem leiga e a terminologia teórica da linguística.

Em virtude da sua caracterização por meio de oposições, as expressões idiomáticas ocupam uma região em um espaço lexical multidimensional, definido por várias propriedades distintas: semânticas, sintáticas, poéticas, discursivas e retóricas. Segundo os autores, quando uma expressão como *kick the bucket* – sentido literal: “chutar o balde”; sentido metafórico (em inglês): “morrer” é tida como prototípica, tal julgamento se dá, provavelmente, por se considerar um número de propriedades mais ou menos ortogonais da estrutura, dentre elas: convencionalidade, inflexibilidade, figuratividade, proverbialidade, informalidade e o conteúdo afetivo/emocional.

De acordo com os autores, expressões idiomáticas são *convencionalizadas*. Tal propriedade constitui a relação entre uma regularidade linguística, uma situação de uso, e uma população que concordou implicitamente com aquela regularidade, naquela situação específica, em vez de uma uniformidade geral. Os falantes sentem haver uma

razão que os impulsiona a adaptar-se àquela regularidade, e não, a outra, ou seja, as convenções são necessárias em algum nível.

Além disso, para Nunberg, Sag e Wasow (1994), expressões idiomáticas são *inflexíveis*: isso significa que, em geral, elas figuram em estruturas sintáticas limitadas, diferentemente de expressões compostas livremente. Por exemplo, **the breeze was shot*; **the breeze is hard to shoot*, resultam construções anômalas quando comparadas com a expressão *shoot the breeze* (sentido literal: “atirar na brisa”; sentido metafórico: “jogar conversa fora”).

No que diz respeito à questão da *figuratividade*, os autores ressaltam que expressões idiomáticas tipicamente envolvem metáforas (30), metonímias (31-32), hipérboles (33). Ainda que os falantes nem sempre percebam o motivo exato para a utilização da figura de linguagem empregada (Ex. por que *kick the bucket* é utilizada no inglês no sentido de *morrer?*), geralmente eles percebem que alguma forma de figuração encontra-se envolvida. Em alguns casos, os falantes conseguem atribuir à expressão idiomática um significado literal.

(30) *Take the bull by the horns.*

Literalmente: pegar o touro pelos chifres; Sentido idiomático: fazer algo difícil; encarar uma situação difícil.

(31) *Lend a hand.*

Literalmente: dar uma mão; Sentido idiomático: dar uma ajuda; ajudar.

(32) *Count heads.*

Literalmente: contar cabeças; Sentido idiomático: contar pessoas, ou animais.

(33) *Not worth the paper it's printed on.*

Literalmente: não valer o papel no qual se está impresso; Sentido idiomático: não ter valor; não ter escrúpulos, ou caráter.

Segundo Nunberg, Sag e Wasow (1994), expressões idiomáticas tipicamente descrevem e, implicitamente, explicam uma situação recorrente de interesse social particular. A *proverbialidade* é a propriedade responsável, de acordo com os autores, por essa característica: a mesma situação pode ser descrita de diferentes maneiras, por diferentes expressões. Os autores ilustram essa característica com expressões do inglês que, metaforicamente significam atividades fáceis de serem executadas, tais quais *like shooting ducks in a barrel* (sentido literal: como atirar em patos em um barril) e *like*

taking candy from a baby (sentido literal: como tirar doce de um bebê), que nos fazem atentar para a tendência dos falantes de utilizar formas variadas para expressar uma mesma ideia, além da possibilidade de haver diferentes avaliações para o mesmo tipo de situação, conforme os interesses do falante.

Outra característica apontada por Nunberg, Sag e Wasow (1994) é a *informalidade*, segundo a qual, bem como outras expressões proverbiais, as expressões idiomáticas encontram-se mais vinculadas a registros relativamente informais, ou coloquiais, com a fala popular e a cultura oral.

Temos ainda a *emoção* ou conteúdo emocional/afetivo, uma vez que as expressões idiomáticas, em geral, implicam certa instância afetiva relativamente àquilo que denotam. Normalmente, expressões são utilizadas para designar atividades, ou atitudes vinculadas à certa emoção, e não à neutralidade.

Os autores fazem ainda uma consideração importante ao lembrar que a própria palavra inglesa *idiom* possui dois sentidos: por um lado, designa um tipo de estrutura fixa, como *shoot the breeze* e, por outro, como em *He speaks idiomatic French* (“Ele fala um francês “idiomático”), refere-se a uma variante linguística, que se encontra de acordo, não só com as regras gramaticais, mas também com o uso conversacional comum dos falantes nativos. Os autores trazem o exemplo da sentença *I will be taking an airplane to Paris tomorrow* (“Pegarei um avião para Paris amanhã”), que é uma sentença gramatical do inglês, mas que, em geral, é substituída, pelos falantes nativos, por *I will be flying to Paris tomorrow* (“Voarei para Paris amanhã”), sendo esta mais “idiomática” do que aquela. Nunberg, Sag e Wasow (1994) consideram que ambos os sentidos da palavra *idiom* encontram-se conectados: expressões como *shoot the breeze*, segundo eles, constituem o caso paradigmático de idiomatidade no sentido popular, exatamente porque ela incorpora as modificações idiossincráticas, que são moldadas pelo discurso popular, e que não se encontram disponíveis para o falante que tenha apenas aprendido a língua em termos de suas regras, em vez de experimentá-la em sua coloquialidade.

Vale frisar que, excluindo-se a propriedade da convencionalidade, as propriedades enumeradas acima não se aplicam obrigatoriamente a todas as expressões idiomáticas. Algumas expressões, por exemplo, não envolvem figuratividade, como aquelas que contêm um item que não ocorre em nenhum outro contexto (por exemplo: *by dint of* – “por força de”), e que, portanto, não apresentam uma interpretação figurada em contraste com um possível sentido literal. Os autores também apontam que nem

todas as expressões apresentam sentidos literais que denotam objetos concretos e relações (Ex. *second thoughts* = segundas intenções; *method in one's madness* = um método em sua loucura¹⁰; *at sixes and sevens* (literalmente: “aos seis e sete”; sentido idiomático: “em uma situação confusa, mal organizada ou difícil”). Além disso, os autores lembram que muitas expressões carecem de restrições de registro (i.e. não seriam preferencialmente utilizadas em contextos informais), e algumas apresentam uma tendência à interpretação literal como no caso de *render unto Caesar* (= render-se a César). Mesmo assim, quando encontramos uma expressão fixa que carece de alguma das propriedades anteriormente apresentadas – por exemplo, alguma que não envolva figuratividade ou proverbialidade, e ainda, que não apresente forte associação com a fala popular, torna-se difícil classificá-la como idiomática. Os autores apresentam, como exemplo destas, *tax and spend* (sentido literal: “taxar e gastar”; sentido metafórico: “aproveitar-se do tempo ou do dinheiro alheio”); *resist temptation*: (sentido literal: “resistir à tentação”; sentido metafórico: “resistir aos prazeres”) e *right to life* (sentido literal e metafórico: “direito à vida”).

Assim, Nunberg, Sag e Wasow (1994) problematizam suposições categóricas padronizadas acerca do que definiria as expressões idiomáticas já que tais suposições restringem a forma de argumentação disponível para explicar seu comportamento e conferem ênfase à maneira como as propriedades das expressões são invocadas na argumentação gramatical geral. De acordo com os autores, essas considerações acabaram por gramaticalizar excessivamente os fenômenos ao lançar mão de um aparato sintático ou semântico para explicar as regularidades que, de fato, são consequência de uma retórica independente e de funções discursivas das expressões. Nunberg, Sag e Wasow (1994), contrariamente, argumentam que, para explicar de forma ampla as propriedades das expressões, é necessário considerar, para além das propriedades semânticas das mesmas, os processos figuracionais que as subjazem e as funções discursivas que a elas servem.

Retornando à questão da convencionalidade, Nunberg, Sag e Wasow (1994) defendem a previsibilidade do sentido das expressões idiomáticas. Assim, o sentido de uma expressão idiomática não pode ser previsto levando-se em conta o conhecimento das regras que determinam o sentido literal ou o uso de suas partes quando elas ocorrem

¹⁰ Essa expressão é utilizada para indicar que existe um propósito nas ações de alguém, a despeito destas parecerem fruto da loucura. Ex. *What I'm doing may look strange, but there is method in my madness* (“O que estou fazendo pode parecer estranho, mas há um método na minha loucura”).

de forma isolada. A propriedade da convencionalidade, segundo os autores, varia dentro de um espectro e depende, por exemplo, da interpretação que damos a “significado” e “previsibilidade”, entre outros. A previsibilidade pode ser inferida, por exemplo, através da indagação, a um falante nativo, que conhece o significado dos elementos constituintes de uma expressão, mas que não conhece as convenções que governam o uso da expressão como um todo, o que seria esperado para gerar o sentido em circunstâncias apropriadas e ainda, para produzi-la com a regularidade com a qual é de fato utilizada na língua. Assim, muitas estruturas relativamente transparentes como *industrial revolution* (= revolução industrial); *passing lane* (= pista de passagem); *gain the advantage* (= ganhar a vantagem); *center divider* (= divisória central; esta última, em referência a uma rodovia, por exemplo) contariam como expressões idiomáticas. Assim, parece haver a necessidade de que ocorra uma convenção a mais, a qual dirija a forma como essa colocação particular é usada. Cabe lembrar que as convenções podem variar conforme o tempo e o local.

Os autores sugerem que se pergunte se um falante nativo seria capaz de recuperar o sentido de uma expressão idiomática ao ouvi-la em um contexto não informativo. Nesse caso, expressões como *pull strings* (sentido literal: “puxar cordas”; sentido metafórico: “explorar conexões pessoais”) e *spill the beans* (sentido literal: “espalhar os grãos”; sentido metafórico: “revelar o segredo”) contarão como idiomáticas, ao passo que *gain the advantage* e *industrial revolution*, não, ou serão considerados expressões menos prototípicas. Esse tipo de “teste” é, provavelmente, o que os linguistas levam em conta, segundo Nunberg, Sag e Wasow (1994), quando se defende que os sentidos das expressões não são previsíveis a partir do sentido de suas partes. É possível, todavia, que esse tipo de análise dirija um olhar limitado à categorização semântica das expressões que é mais forte do que muitos casos justificam, ao se dizer que os sentidos das expressões não são derivados de processos composicionais normais a partir do sentido das partes. Frequentemente, entretanto, essa argumentação tem sido encontrada quando se considera que os elementos das expressões não possuem sentido em si, de forma isolada, ou melhor, que não há relação entre o significado das partes e o do todo. É essa a suposição que justifica a consideração das expressões idiomáticas – por parte de alguns autores (cf. BOBROW & BELL, 1973; SWINNEY & CUTLER, 1979) – enquanto entradas frasais no léxico, cada qual associada diretamente a uma representação semântica única.

Há casos em que o sentido da expressão idiomática não poderia ser previsto através do conhecimento do significado de suas partes, entretanto, uma vez compreendido o sentido da expressão (por exemplo, quando a mesma é ouvida em um contexto mais informativo quanto ao seu valor idiomático), não será possível retroceder aos constituintes da expressão isoladamente. Para Nunberg, Sag e Wasow (1994), isso não se deve, simplesmente, à não possibilidade de previsão. Os autores tomam como exemplo a expressão inglesa *pull strings*, inserida no seguinte contexto: *John was able to pull strings to get the job since he had a lot of contacts in the industry* (“John conseguiu explorar suas conexões pessoais para conseguir o emprego uma vez que ele tinha muitos contatos na indústria”), a partir do qual é possível depreender que *pull strings* tem algo a ver com explorar conexões pessoais, ainda que não tivesse sido possível depreender o significado da expressão isoladamente. Nesse ponto, o falante conseguirá estabelecer conexões entre partes da estrutura denotativa da expressão (a relação de *exploiting* (explorar); *exploited connections* = explorou conexões) e as partes da expressão (*pull* = puxar e *strings* = cordas) de forma que cada constituinte será visto como se referindo metaforicamente a um elemento da interpretação: caracteriza-se, dessa forma, uma análise composicional, porém idiossincrática da expressão idiomática. Um elemento de convencionalidade encontra-se envolvido, de maneira que a expressão não ganharia essa interpretação exclusivamente em virtude de princípios pragmáticos, os quais determinariam a livre utilização das expressões, mas a da sentença, como um todo. Por convenção, *strings* (= corda, cadeia) pode ser relacionado, metaforicamente, a conexões pessoais. Esse item lexical, em contextos nos quais exerce a função de objeto do verbo *to pull*, pode ser usado metaforicamente para referir-se à exploração, ou a esforço.

Segundo Nunberg, Sag e Wasow (1994), o adjetivo “convencional”, utilizado para caracterizar expressões como a referida *pull strings*, pode ser algo confuso, de forma que eles preferem adjetivar tais expressões como expressões idiomáticas combinadas (*idiomatic combining expressions*), em referência a expressões cujos elementos carregam partes identificáveis de seus sentidos figurados. Os autores esclarecem que as expressões idiomáticas combinadas não são sinônimas de expressões transparentes. A transparência, conforme os autores, está atrelada à recuperação da lógica da figuração que a expressão envolve. Assim, algumas expressões são transparentes, mas não expressões combinadas. Para ilustrar essa diferença, os autores fazem uso da expressão *saw logs* (sentido literal: “serrar madeira”; sentido metafórico:

“dormir”, o que se dá pela semelhança sonora entre as duas atividades). Não há, entretanto, decomposição da atividade de dormir em elementos que correspondam ao significado das partes da expressão, de forma que *saw logs* não configura uma expressão idiomática combinada.

Por outro lado, quando se caracteriza uma expressão como sendo uma expressão idiomática combinada, isso não demanda que encontremos a interpretação figurada de cada uma de suas partes: é preciso estabelecer a correspondência entre ela e o elemento relevante de denotação idiomática. Quando um falante utiliza *spill the beans* para fazer referência a divulgar informação, por exemplo, presumimos que *spill* está atrelado à ação de divulgar, e *beans*, à informação divulgada, ainda que não consigamos explicar por que se utilizou o nome *beans* (= feijões) e não o de outro tipo de grão, por exemplo. O que chama a atenção é que a eficácia desses sentidos para cada constituinte pode depender da presença do outro elemento, sem exigir que o significado – divulgar a informação - se vincule diretamente ao VP inteiro (*verbal phrase* – sintagma verbal). O que ocorre é o surgimento desse sentido através de uma convenção que garante sentidos particulares a cada parte, quando a expressão aparece.

Nunberg, Sag e Wasow (1994) chamam a atenção para confusões frequentemente feitas em relação a propriedades semânticas chave associadas a instâncias prototípicas da classe, tais como:

- Sua convencionalidade relativa, determinada pela discrepância entre o sentido idiomático da estrutura e o sentido que poderia ser previsto pela colocação, no caso de serem consultadas apenas as regras que determinam os sentidos dos constituintes isoladamente, e as operações relevantes da composição semântica.
- Sua opacidade, ou transparência: definida como a facilidade com a qual se recupera a motivação para que sejam usadas as expressões idiomáticas.
- Sua composicionalidade, ou o grau a partir do qual o sentido frasal pode ser analisado através da compreensão das partes da expressão.

Nunberg, Sag e Wasow (1994) salientam que, apesar do exposto, para muitos linguistas, expressões idiomáticas constituem expressões não composicionais, por definição. Não raro ocorre confusão entre composicionalidade e convencionalidade devido a uma tendência na literatura a considerar caracterizações acerca da estrutura da linguagem como alegações sobre o que os falantes fazem quando produzem ou compreendem sentenças. Dessa forma, Nunberg, Sag e Wasow (1994) refletem que a afirmação de que *spill the beans* constitui uma expressão composicional pode ir por

terra caso se considere que um falante, conhecedor dos sentidos literais de *spill*, *the beans*, mas que nunca houvesse se deparado com a expressão acima, a interpretaria como divulgar informação. Os autores frisam que não é isso que pretendem dizer; que tal não é a consequência que esperam. Quando se classifica uma expressão como composicional, esta é uma afirmação relativa ao conhecimento de língua do falante, a qual não deve ser derrubada por hipóteses acerca da *performance* dos falantes. A ideia é a de que os falantes são capazes de reconhecer a composicionalidade de estruturas como *spill the beans* tendo, primeiramente, definido seu sentido considerando pistas contextuais.

Dessa forma, se consideramos como teste, a *performance* do falante ao produzir, ou compreender uma expressão inédita, sem o apoio do contexto, a expressão idiomática nunca poderia ser classificada como composicional. Contrariamente, Nunberg, Sag e Wasow (1994) sugerem que, na medida em que estruturas idiomáticas envolvem convenções especiais, não se justificaria a alegação da não-composicionalidade das expressões em geral, as convenções podem estar vinculadas ao uso dos constituintes idiomáticos, mais do que à colocação enquanto um todo.

Gibbs et al. (1989) defendem que a decomponibilidade das expressões idiomáticas varia dentro de um espectro, conforme a saliência de seus elementos individuais. Para muitos falantes nativos, a saliência do verbo de uma expressão, por exemplo, será maior, ou menor que a de outro verbo, em outra expressão. Por exemplo, no PB talvez um verbo como “engolir” – que aparece em expressões como *engolir sapo* – seja mais saliente do que o verbo “dar”, que pode aparecer em expressões tais como *dar uma mão*, *dar zebra*, *dar um piti*, etc.

Na expressão *passar a bola*, por exemplo, é possível perceber uma maior decomponibilidade: o verbo indica “transmissão”, enquanto o complemento, a entidade transmitida (essa associação disponibiliza um sentido próximo do metafórico). Por sua vez, em *dar zebra*, as partes não parecem colaborar, individualmente, com a construção do sentido metafórico. Observa-se, assim, um espectro de idiomaticidade, cuja medida afeta a compreensão das expressões, em especial a daquelas formadas por verbo + complemento, alvo de nossas investigações. Além disso, embora haja uma razoável consistência no que concerne à intuição dos falantes quanto à saliência dos elementos constituintes das expressões, também há variações individuais quanto a essa percepção.

Gibbs et al. (1989) também apontam que a decomponibilidade das expressões não está associada à boa formação literal da cadeia de palavras: atentemo-nos à

expressão do inglês *pop the question* (sentido literal: “disparar; estourar a pergunta”; sentido metafórico: “fazer o pedido de casamento”) a qual é literalmente anômala, mas semanticamente decomponível. Assim, para que sejam decomponíveis, é requerido que as partes das expressões possuam sentido (literal ou figurado), o qual contribua de forma independente para o sentido mais amplo da expressão em si. Gibbs et al. (1989) apontam que o processamento das expressões é afetado por sua decomponibilidade semântica. Essa questão será mais bem desenvolvida mais adiante nesta dissertação no Capítulo 4.

Alguns autores apontam que não há procedimentos bem definidos que se possam utilizar para se saber se uma dada expressão idiomática é semanticamente decomponível, ou não, apesar de ser possível perceber a existência de um espectro de variação nesse quesito (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS et al., 1989).

Miller e Johnson-Laird (1976) valeram-se dos campos semânticos como uma forma de caracterizar a decomponibilidade das expressões idiomáticas. Os campos semânticos, segundo eles, são aglomerados de itens lexicais que compartilham algum conceito ou característica nuclear, ou ainda, que guardam uma relação estreita entre si por pertencer ao mesmo conhecimento sobre um evento (KITTAI & LEHRER, 1981, apud GIBBS et al., 1989), ou a uma mesma “*gestalt* experimental” (LAKOFF & JOHNSON, 1980).

Em linhas gerais, as expressões idiomáticas seriam mais decomponíveis na medida em que seus itens compartilham os mesmos campos semânticos em relação a suas referências idiomáticas. Nesse sentido, Gibbs et al. (1989) consideram a expressão *pop the question* (sentido literal: “disparar; estourar a pergunta”; sentido metafórico: “fazer o pedido de casamento”) cujas partes individuais encontram-se no mesmo campo semântico, ou domínio conceptual de suas referências idiomáticas – “propor” e “casamento” – daí, a expressão em si é percebida como decomponível. Por outra, os componentes individuais de expressões tais quais *kick the bucket* ou *chew the fat* não se encontram nos mesmos campos semânticos, conforme apontam os autores em questão, de seus referentes figurativos respectivos, quais seriam: *to die* (“morrer”) e *to talk without purpose* (“falar sem razão”), daí não deveriam ser vistos como semanticamente decomponíveis. A relação que há entre estas duas últimas expressões e seu sentido figurado, respectivamente, deve-se a fatores históricos arbitrários, sendo difícil para os falantes assinalar as partes individuais dessas expressões e seu sentido metafórico geral.

A noção de *opacidade* ou *idiomaticidade* é fundamental ao se refletir sobre as propriedades das expressões idiomáticas. De acordo com Gibbs et al. (1989), expressões opacas podem admitir contrapartida literal, entretanto seu grau de decomponibilidade é bem menor do que o de expressões transparentes. Note-se que aqui, a ideia de *transparência* é diferente da apresentada por Nunberg, Sag e Wasow (1994) que definem transparência como a facilidade com a qual se recupera a motivação para que sejam usadas as expressões idiomáticas, numa acepção quase etimológica dessa noção. Na perspectiva do Gibbs et al. (1989) a transparência é caracterizada em função do quanto as partes que conformam uma expressão parecem contribuir com o sentido idiomático da mesma, i.e. se relaciona diretamente com a decomponibilidade (embora como veremos mais adiante, não seja exatamente a mesma propriedade). Em algumas expressões, as partes colaboram de forma clara na construção do sentido figurado, em outras, não. Em *passar a bola*, percebe-se o maior grau de decomponibilidade da expressão, uma vez que o verbo indica *transmissão*, enquanto o complemento é a entidade transmitida (essa associação disponibiliza um sentido bem próximo ao do metafórico, temos, portanto, uma expressão mais transparente). Já em *pintar o sete*, percebe-se uma menor transparência; as partes não parecem colaborar, individualmente, com o sentido metafórico: temos, portanto, uma expressão que se mostra mais opaca quando comparada com *passar a bola*. Entretanto, não seria impossível pensar uma situação na qual o sentido literal fosse uma opção válida (Ex. um número sete necessitando de pintura, por exemplo, em um cartaz de aviso), nesse caso, porém, o sentido da expressão não teria qualquer relação com o valor não literal inicial (i.e. “fazer bagunça”). Observa-se, assim, um espectro de idiomaticidade de acordo com o qual as expressões podem ser classificadas das mais transparentes às mais opacas. Na nossa pesquisa empírica, adotamos essa ideia de idiomaticidade, concebida como um espectro cujos extremos se relacionam com sentidos mais ou menos transparentes e mais ou menos opacos quando considerada a contribuição das partes individuais da expressão na computação do seu sentido idiomático.

Pelo fato de se tratar do nosso objeto de pesquisa dedicaremos o Capítulo 4 a discutir aspectos fundamentais relativos à representação, ao acesso e à compreensão das expressões idiomáticas. Todavia, antes de passarmos a essas questões, no Capítulo 3, procederemos a uma revisão acerca dos principais modelos e abordagens que se dedicam ao estudo do processamento do sentido figurado. Resumidamente, veremos: i) o Modelo Pragmático (o sentido não literal é sempre processado de forma indireta

(SEARLE, 1993/1979); ii) Modelos de Acesso Direto (a interpretação não literal pode ocorrer de forma simultânea/paralela ou até mais rápida do que a literal (GIBBS, 1980 – 1986; SWINNEY & CUTLER, 1979)); além de discutir algumas iii) Abordagens “Conciliadoras” de acordo com as quais ambos os tipos de processamento podem ocorrer já que o modo de processamento não seria único, mas modulado por um conjunto de fatores (GIORA, 1997, 1999; BOWDLE & GENTNER, 2005).

3. O processamento da linguagem não literal na perspectiva psicolinguística

Estudos contemporâneos sobre os usos não literais da linguagem, como vimos, têm contribuído para destacar a importância da linguagem figurada na cognição humana, uma vez que ela não mais é vinculada apenas ao discurso poético, mas reconhecida como instrumento da linguagem cotidiana. De acordo com Gibbs (1999):

Figurative language allows speakers/writers to communicate meanings that differ in various ways from what they really say. People speak figuratively for reasons of politeness, to avoid responsibility for the import of what is communicated, to express ideas that are difficult to communicate using literal language, and to express thoughts in a compact and vivid manner. (GIBBS, 1999, p.314)¹¹

Não existe, no entanto, uma abordagem única para dar conta do aparente contraste, em termos de processamento, entre linguagem literal e não literal. Na literatura sobre o assunto, há propostas que defendem o processamento direto do sentido figurado (cf. GLUCKSBERG, 2003; dentre outros), mas há também quem postule que só se chega à interpretação metafórica a partir da derivação inicial do significado literal da expressão, seguida pela sua rejeição dentro de um dado contexto e a subsequente busca por uma alternativa apropriada, o que envolveria um processamento em três estágios (SEARLE, 1993/1979). Há ainda modelos teóricos que podem ser vistos como “unificadores” ou “conciliadores”, já que postulam que ambos os tipos de processamento podem de fato acontecer. Salientamos nesse sentido: (i) a proposta de Bowdle e Gentner (2005), de processamento de metáforas conforme o seu “tempo de maturação”; e (ii) a hipótese do “gradiente de saliência” (*Graded salience hypothesis*) de Giora (1997, 1999), que formula um princípio único de compreensão dos diversos fenômenos caracterizados, não pelo contraste tradicional entre linguagem não literal e literal, mas pela diferença no grau de saliência do significado metafórico. Neste capítulo, apresentaremos uma revisão desses três tipos de abordagem: processamento

¹¹ Tradução: A linguagem figurada permite aos falantes/ escritores comunicar sentidos que diferem de várias formas em relação àquilo que realmente disseram. As pessoas falam de forma figurada por razões de polidez, para evitar responsabilidade acerca daquilo que está sendo comunicado, para expressar ideias que são difíceis de serem expressadas usando a linguagem literal, e para expressar pensamentos de forma compacta e vívida. (GIBBS, 1999, p.314)¹¹

figurado mediado pelo sentido literal, acesso direto ao sentido figurado e propostas “conciliadoras”.

3.1. A interpretação metafórica via sentido literal: o Modelo Pragmático

Em geral, as teorias da compreensão da linguagem sempre estiveram focadas na divisão existente entre sentido literal e não literal. Apesar de os conceitos de sentido literal e de sentido não literal apresentarem-se, como vimos, de forma bastante evasiva (cf. GIBBS et al., 1993), os falantes possuem fortes intuições acerca dessa diferença, de forma que seu estudo nunca foi abandonado, embora tal distinção possa ser concebida como algo ilusória.

Até algumas décadas atrás, a maioria dos modelos de compreensão do discurso, chamados de Modelos Pragmáticos Padrão (SPM – *Standard Pragmatic Models*), preconizavam a prioridade do sentido literal sobre o não literal (cf. GLUCKSBERG, 2003; GLUCKSBERG & KEYSAR, 1993 para uma caracterização da perspectiva tradicional nesses moldes). São representantes desta perspectiva as propostas de Grice (1975) e Searle (1993/ 1979). Acreditava-se que a ativação do sentido literal seria mandatória, compulsória: os falantes/ ouvintes computariam, primeiramente, o sentido literal e, na sequência, apenas se houvesse alguma incompatibilidade entre o sentido literal e o contexto, seria computado o sentido não literal, sendo este, dentro desta perspectiva, opcional, cuja ocorrência sempre sucederia a do sentido literal, ocorrendo em apenas alguns casos, como apontado acima.

Assim, de acordo com a visão tradicional, que traz a chamada perspectiva, ou modelo pragmático (SEARLE, 1993/1979; JANUS & BEVER, 1985; dentre outros), o sentido literal é visto como convencional, não gerador de esforço especial de interpretação. Já o sentido não literal é tido como não convencional, o qual geraria um esforço interpretativo especial para alcançá-lo. Dessa forma, como exposto, o Modelo Pragmático Padrão preconiza o processamento indireto de metáforas, o qual se daria a partir da derivação do significado literal da expressão, seguida de sua rejeição no contexto.

Janus e Bever (1985) defendem a ideia de processamento indireto e utilizaram o que chamaram de “metodologia apropriada” para investigar o problema do reconhecimento. Os autores buscaram medir – a partir de experimentos de leitura automonitorada – os tempos de leitura de sentenças para tentar identificar qual seria o

locus que permitiria aos falantes reconhecer uma sentença como literal, ou figurada. Segundo os autores, havia problemas nas metodologias até então adotadas, uma vez que, de acordo com o Modelo Pragmático Padrão, o processamento indireto ocorre quando é rejeitada a interpretação literal – rejeição esta, que serve de gatilho para uma nova interpretação, a metafórica. Levando esse ponto em consideração, os experimentos conduzidos por Janus e Bever (1985), forneciam contextos para as sentenças, além dos estímulos em si (já que, de acordo com o modelo em questão, a rejeição de uma dada interpretação é feita a partir de um contraste com o contexto disponível). Além disso, os autores determinaram que os tempos de processamento a serem observados deveriam ser os das fronteiras de constituintes, e não apenas o tempo computado ao final da leitura das frases, momento quando ocorreria o “*extra processing*” devido aos processos de integração (ABRAMS & BEVER, 1969; JUST & CARPENTER, 1980).

Dessa forma, como percebiam falhas nos tipos de experimento até então conduzidos para se avaliar o processamento de metáforas, Janus e Bever (1985) realizaram um experimento de leitura de metáforas novas a fim de investigar os tempos de leitura dos segmentos críticos das expressões, literais e metafóricas, em contexto. Valeram-se, para tanto, de 18 parágrafos cedidos por Ortony et al. (1979), sendo 9, de contexto indutor de interpretação literal, outros 9, de contexto indutor de interpretação metafórica, incluindo o fragmento-alvo, agora, divididos em de 2 a 5 palavras, sendo intercalados a 11 parágrafos distratores. Oito participantes (estudantes universitários, 3 homens e 5 mulheres) leram os parágrafos, tendo sido, todos eles, expostos a ambas as condições (distribuição *within subjects* e *latin square*), ilustradas a seguir (nos exemplos, o fragmento-alvo está destacado em caixa alta):

(34) Lucy and Phil, needed a marriage counselor. They had once, been very happy, but after several years, of marriage, they had become discontented, with one another. Little habits, which had at first been endearing, were now irritating, and caused many senseless and heated arguments. THE FABRIC HAD BEGUN TO FRAY. It was necessary to do something, about it. [...]

(35) The old couch, needed re-upholstering. After two generations, of wear, the edges of the couch, were tattered and soiled. Several buttons, were missing, and the material, around the seams, was beginning, to unravel. The upholstery, had become very shabby. THE FABRIC HAD BEGUN TO FRAY. It was necessary, to do something, about it. (JANUS & BEVER, 1985, p. 481)¹²

¹² Lucy e Phil, precisavam de um conselheiro matrimonial. Tiveram uma vez, ficaram muito felizes, mas depois de vários anos, de casamento, eles ficaram descontentes, uns com os outros.

Os fragmentos de texto que iam sendo exibidos conforme o comando do leitor eram delimitados por vírgulas; as frases em maiúsculas trazem os alvos das expressões “*the fabric*”. Por sua vez, os tópicos são introduzidos pelos contextos: “*the marriage*” e “*the couch*”.

Segundo as previsões dos autores, baseadas na “tendência” observada por Ortony et al., (1979), os tempos de leitura dos sintagmas-alvo, que deveriam ser interpretados metaforicamente, como em (34), foram significativamente maiores do que os tempos de leitura dos fragmentos equivalentes em contextos de interpretação literal, como o ilustrado em (35). De acordo com a interpretação desses resultados por Janus e Bever (1985, p. 482-5), o processamento de metáforas novas seria de natureza serial, isto é, compatível com o modelo de processamento indireto (SPM). Contudo, os autores reconhecem a possibilidade de que metáforas cristalizadas possam ser processadas diretamente.

Como veremos a seguir, as hipóteses defendidas pelo SPM têm sido contestadas, tanto teórica quanto empiricamente em trabalhos posteriores. Sperber e Wilson (1995 [1986]), Gibbs (1994), Ortony et al. (1978), dentre outros, chamam a atenção para o papel do contexto no acesso seletivo. Particularmente, esses autores consideram que diante de contextos ricos, falantes/ouvintes acessam sentidos não literais de forma direta.

3.2. O processamento direto do sentido figurado

Diferentemente da perspectiva apresentada na seção anterior, muitos autores não atrelam a compreensão da metáfora à inviabilidade de interpretação literal dentro de um dado contexto, ao contrário do que propõe o modelo pragmático de processamento indireto. Segundo os autores que rejeitam a abordagem pragmática, como qualquer outra forma de compreensão da linguagem, a compreensão da metáfora é não opcional, mas mandatória e automática (GILDEA & GLUCKSBERG, 1983).

Pequenos hábitos, que tinham sido inicialmente cativantes, agora irritavam e causavam muitas discussões insensatas e acaloradas. O TECIDO TINHA COMEÇADO A ESGARÇAR. Era necessário fazer algo, sobre isso. [...]

O velho sofá, necessitava ser re-estofado. Depois de duas gerações, de desgaste, as bordas do sofá, estavam esfarrapadas e sujas. Vários botões, estavam faltando, e o material, ao redor das costuras, estava começando, a desfiar. O estofado tinha se tornado muito gasto. O TECIDO, TINHA COMEÇADO, A ESGARÇAR. Era necessário, para fazer algo, sobre isso.

No contexto da hipótese do processamento direto de metáforas, Glucksberg (2008) formula seu modelo de inclusão de classe (*Class-inclusion*) que abrange também a compreensão de metáforas novas. Segundo Glucksberg, metáforas não constituem comparações indiretas, ou implícitas, mas declarações categóricas de inclusão de classe. De acordo com Glucksberg e Keysar (1990), há problemas em alguns modelos teóricos que associam metáforas a comparações implícitas (TVERSKY, 1977; ORTONY, 1979, dentre outros). No modelo de Tversky (1977), traços relevantes nas metáforas e nas comparações literais dos elementos envolvidos são comparados entre si, a fim de que se atribuam valores que sejam comuns e que diferenciem tais traços. Essa concepção, entretanto, admite a bidirecionalidade, de forma que seria o mesmo dizer: “Meu trabalho é uma prisão” e “Minha prisão é o meu trabalho”. Fica claro, no entanto que a seleção de traços envolvida na comparação de “X” e “Y” não dá suporte à comparação de “Y” e “X”.

De acordo com Glucksberg (2003) dentre outros, para além da similaridade, as metáforas são compreendidas diretamente, na medida em os falantes compreendem que expressões do tipo *my lawyer is a shark* (“meu advogado é um tubarão”) são literalmente falsas, ao passo que, as símiles correspondentes, como *my lawyer is like a shark* (“meu advogado é como um tubarão”) são verdadeiras. Glucksberg (2003), entretanto, considera que a categoria *lawyer-shark* (“advogado-tubarão”) só pode ser considerada literalmente falsa se se pensar na criatura marinha, mas não se se levar em conta um maior grau de abstração – para se referir à categoria de predadores em geral, o que nos leva a crer que veículos metafóricos tais quais *shark* admitem referência dupla, a qual, na maioria das metáforas, encontra-se implícita.

Glucksberg (2003) traz exemplos de metáforas típicas no inglês, as quais se tornaram convencionais – como *butcher* (“açougueiro”) para aqueles que deveriam ser talentosos, mas se mostram incompetentes, ou *jail* (“prisão”) para situações desagradáveis; de confinamento... Assim, se dizemos, por exemplo, *my job is a jail* (“meu emprego é uma prisão”) ou *my marriage is a jail* (“meu casamento é uma prisão”), *jail* denota um membro da categoria das situações extremamente desagradáveis, aprisionadoras, das quais é difícil de se escapar.

Glucksberg (2003) chama a atenção para o fato de que as pessoas não tendem a ignorar o sentido metafórico das expressões, ainda que o sentido literal delas seja compatível com o contexto disponível. É nesse sentido que o significado figurado é tido como mandatário nas perspectivas que assumem o acesso direto. A conclusão de que os

falantes não podem simplesmente “ignorar a metáfora” é extraída principalmente a partir dos resultados de um conjunto de experimentos inspirados na demonstração clássica do efeito *Stroop* (paradigma utilizado pela primeira vez por J. R. Stroop, em 1935) (GLUCKSBERG et al., 1982; KEYSAR, 1989; GILDEA & GLUCKSBERG, 1983). O paradigma original consiste em solicitar que o participante nomeie a cor da tinta em que está escrita uma determinada palavra que, por sua vez, dá nome a uma cor, não necessariamente idêntica à cor da tinta (Ex. a palavra **VERDE**, escrita na cor vermelha). A partir desse experimento foi constatado que – pelo fato de os participantes serem leitores proficientes – ocorre uma interferência no processamento das duas informações disponíveis (o nome da cor da tinta e o nome que está escrito em si). O desempenho dos informantes sugere que eles não são capazes simplesmente de “não processar” ou ignorar o texto escrito e, sendo assim, essa informação irrelevante para a realização da tarefa, acaba interferindo com o objetivo principal (nomear a cor do estímulo visual).

A mesma lógica do experimento de Stroop foi aplicada em um conjunto de experimentos de leitura automonitorada de sentenças literalmente falsas, mas metaforicamente verdadeiras tais quais *some roads are snakes* (“algumas rodovias são serpentes”) e *some offices are icebergs* (“alguns escritórios são *icebergs*”) (cf. GLUCKSBERG, 2003 para uma apresentação sintética do conjunto desses estudos). As sentenças apareciam para os informantes, uma de cada vez, numa tela de computador, e eles deveriam julgá-las como literalmente verdadeiras, ou literalmente falsas. Foram testadas quatro condições experimentais: sentenças literalmente verdadeiras (*some fruits are apples* – “algumas frutas são maçãs”), literalmente falsas (*some fruits are tables* – “algumas frutas são mesas”), metáforas (*some jobs are jails* – “alguns empregos são prisões”; *some surgeons are butchers* – “alguns cirurgiões são açougueiros”) e metáforas embaralhadas (*some jobs are butchers* – “alguns empregos são açougueiros”). As condições contendo metáforas, constituíam membros de categorias literalmente falsas, as quais, entretanto, eram prontamente compreendidas se tomadas em sentido não literal. As metáforas embaralhadas também eram membros de categorias literalmente falsas, entretanto, não podiam ser prontamente compreendidas. No entanto, se as pessoas ignorassem o sentido metafórico, as metáforas “boas” deveriam ser rejeitadas tão rapidamente quanto as metáforas embaralhadas. Os resultados apontaram para uma dificuldade dos informantes em considerar as metáforas como sendo expressões literalmente falsas, o que foi interpretado pelos autores como um efeito

análogo ao efeito *Stroop*, em que a cor da palavra interfere no nome de cor escrito, ou seja, aparentemente as pessoas não conseguem inibir o acesso aos sentidos metafóricos da expressão, mesmo que significados literais também possam ser aceitos em determinados contextos.

Glucksberg (2003) afirma que, com o uso, as metáforas novas transformam-se em convencionais. Quando seus sentidos passam a integrar o dicionário mental do falante, estes passam a ser formados pelos sentidos literais e pelos metafóricos dos verbetes, os quais serão plenamente compreendidos pelos falantes fluentes da língua em questão.

When I say that ‘my job is a jail’, in a sense I mean it literally. I do not mean that my job is merely like a jail, but that it actually is a member of the category of situations that are extremely unpleasant, confining and difficult to escape from. With continued use, once-novel metaphors become conventionalized, and their metaphorical senses enter into our dictionaries. (GLUCKSBERG, 2003, p. 96)¹³

Diferentemente da proposta de inclusão de classe de Glucksberg (2008), o modelo de Ortony (1979) concebe as metáforas como comparações implícitas. Nessa perspectiva, medidas de similaridade são propostas através da consideração da relativa saliência dos traços, os quais seriam sensíveis à metaforicidade das comparações metafóricas. Esse modelo (*Saliency Imbalance Model*) defende que os elementos das comparações literais apresentam pesos iguais – são simétricos e, portanto, admitem reversibilidade, como ocorre em *copper is like tin* (“cobre é como estanho”). Por sua vez, as comparações metafóricas seriam assimétricas e teriam, portanto, questionada sua reversibilidade: *sermons are like sleeping pills* (“sermões são como pílulas para dormir”) uma vez que a propriedade de “indutor de sono” é saliente em *sleeping pills* (“pílulas para dormir”), mas não em *sermons* (“sermões”). Esse modelo não parece dar conta da caracterização das comparações literais, as quais se mostram de alta compatibilidade (*high-high match*) com propriedades bastante salientes em ambos os elementos das expressões, o que fere a necessidade, conforme Glucksberg e Keysar

¹³ Tradução: Quando eu digo que ‘meu trabalho é um prisão’, de certa forma, é isso mesmo que eu quero dizer. Eu não quero dizer que meu trabalho é meramente como uma prisão, mas ele é, de fato, membro de uma categoria de situações que são extremamente desagradáveis, confinadoras, e das quais é difícil de se escapar. Após o uso contínuo, metáforas novas tornam-se convencionadas e seu sentido metafórico começa a fazer parte de nosso dicionário. (GLUCKSBERG, 2003, p. 96)¹³

(1990, p. 6), de que as comparações, por serem declarações, precisem ser informativas e não redundantes.

Para Glucksberg e Keysar (1990, p.7) a distinção entre comparações literais e metafóricas relaciona-se com a possibilidade de se parafrasearem as metafóricas (*my job is like a jail* – “meu emprego é como uma prisão”), mas não as literais (*bees are like hornets* – “abelhas são como zangões”) na forma de declarações de inclusão: *my job is a jail* – “meu emprego é uma prisão”, mas não “*bees are hornets*” – abelhas são zangões.

Glucksberg (1998, p.40) retoma os resultados empíricos de Johnson (1996) para frisar a fragilidade teórica da concepção de metáfora enquanto comparação implícita. Este autor verificou tempos de leitura menores para metáforas do que para comparações – apesar de que estas contenham a mais a palavra *like* (“como”). Essa é mais uma evidência, segundo Glucksberg (1998, p. 41), de que metáforas constituem declarações de inclusão em classe e, assim, seriam processadas mais rapidamente do que as próprias comparações. O acesso ao sentido metafórico não seria, portanto, mediado por uma rejeição do sentido literal e nem modulado a partir de uma comparação, mas aconteceria em virtude de uma “rota” direta para interpretação figurada.

3.3. Propostas “conciliadoras”

A hipótese da “trajetória da metáfora” (*Career of metaphor hypothesis*), formulada por Bowdle e Gentner (2005), diz respeito a um espectro de progressão das expressões metafóricas: desde quando são “novas” – i.e. interpretadas indiretamente como comparações implícitas – até o ponto em que se conclui o processo de convencionalização da base, ou veículo, o que a torna polissêmica. Uma vez que a base encontra-se convencionalizada, expressões que a contém, ainda que se associem a tópicos diversos, parecem ser processadas preferencialmente por categorização (processamento direto). Segundo os autores: “*the career of metaphor hypothesis offers a unified theoretical framework that can resolve the debate between comparison and categorization models of metaphor*” (BOWDLE & GENTNER, 2005, p. 193)¹⁴.

Por sua vez, a Hipótese do Grau (ou gradiente) de Saliência (GIORA, 1997, 1999) defende que a distinção entre significado literal e não literal seja substituída pela

¹⁴ Tradução: “a hipótese da carreira da metáfora fornece uma estrutura teórica unificada que pode resolver o debate entre modelos de comparação e de categorização da metáfora” (BOWDLE & GENTNER, 2005, p. 193)¹⁴.

ideia de significados mais salientes e menos salientes, de modo que um princípio geral de saliência dos significados é que seria relevante para dar conta da compreensão da linguagem: os significados salientes-convencionalizados, frequentes, familiares e autorizados por contexto prévio seriam processados de forma direta e prioritária, ao passo que os sentidos menos salientes o seriam de forma indireta, a partir do mais saliente; já no caso de sentidos igualmente salientes, estes seriam processados em paralelo.

Giora (1999, 2003) defende a concepção de que a maioria das palavras apresenta diversos significados, os quais variam em termos de sua saliência relativa, de forma que, quando um significado metafórico se mostra altamente saliente, ele será acessado primeiramente e a metáfora, rapidamente compreendida. Já um sentido metafórico menos saliente será compreendido de maneira mais lenta. Giora defende que, apesar de a velocidade de compreensão poder se alterar, o processo de compreensão seria o mesmo.

A autora frisa, dessa maneira, que o sentido mais saliente será acessado inicialmente (GIORA, 1997). O sentido de uma palavra, ou de uma expressão é saliente, como vimos, segundo essa concepção, em termos de sua convencionalidade e de sua familiaridade, basicamente. Assim, se uma palavra, ou expressão apresenta dois sentidos recuperáveis diretamente do léxico, aquele que for mais “popular”, mais prototípico, ou ainda, aquele que for usado com mais frequência em uma dada comunidade será o mais saliente. Outro fator a ser considerado, conforme a autora, é o contexto: o sentido ativado pelo contexto prévio, ou ainda, aquele que for mais previsível pelo contexto prévio será o mais saliente. Todos esses fatores apresentam um papel determinante no grau de saliência associado ao sentido dado.

Diferentemente do modelo pragmático tradicional e da perspectiva de acesso direto, propostas como as de Bowdle e Gentner (2005) e de Giora (1999, 2003) chamam a atenção para o fato de que o processo de compreensão não será idêntico para qualquer tipo de expressão não literal, seja em termos do modo como seu processamento ocorre (acesso direto ou indireto em virtude do grau de cristalização) ou do curso temporal desse processamento (acesso mais rápido ou mais lento em virtude da saliência de sentidos).

Os resultados dos experimentos conduzidos no âmbito desta dissertação, os quais serão apresentados no Capítulo 5, trazem evidências compatíveis com a ideia de que há de fato fatores internos e externos às expressões idiomáticas, os quais parecem

ser passíveis de tornarem-nas mais ou menos facilmente/ rapidamente processadas pelos falantes. Convencionalidade, familiaridade do falante com a expressão, grau de idiomaticidade e contexto em que se inserem as expressões parecem constituir aspectos a serem levados em conta no processamento e na compreensão das referidas expressões. Nesse sentido, destacamos a relevância das visões conciliadoras anteriormente apresentadas (GIORA, 1997, 1999; BOWDLE & GENTNER, 2005). Conforme essas abordagens, expressões convencionais tais qual *step on someone's shoes* (“dar um passo calçando os sapatos do outro/ colocar-se no lugar do outro”) são salientes e tendem a ser processadas de forma automática, como se fossem expressões literais. Por sua vez, metáforas novas tais qual *her wedding ring is a 'sorry we're closed' sign* (“sua aliança de casamento é um sinal de ‘desculpe-nos, estamos fechados’”) não são salientes e apresentam um processamento mais demorado por passarem, primeiramente, pela rejeição à interpretação literal dos sentidos de seus constituintes. Assim, de acordo com essa abordagem, metáforas convencionais devem ser processadas mais rapidamente do que as novas metáforas, cujos sentidos não são salientes.

Os estudos sobre processamento da linguagem não literal resenhados até aqui foram conduzidos com falantes de inglês. Trabalhos conduzidos no âmbito da Psicolinguística com falantes de português são bastante escassos na literatura (BOTELHO DA SILVA & CUTLER, 1993; MARTINS, 2013; RICCI, 2016). Tanto o trabalho de Botelho da Silva e Cutler (1993) quanto o de Martins (2013) têm como foco a compreensão de expressões idiomáticas e serão revisados no próximo capítulo. Ricci (2016), por sua vez, desenvolveu um estudo experimental inédito no PB acerca do processamento psicolinguístico de metáforas nominais, tais qual “Irene é um furacão” – i.e. metáforas que apresentam a estrutura “X é um Y”. Embora o objeto de nossa pesquisa não sejam as metáforas nominais, consideramos que em virtude do número reduzido de estudos conduzidos em português e das características do trabalho de Ricci, uma breve resenha desse estudo se mostra relevante para a nossa investigação.

3.4. Compreensão de metáforas nominais no PB (Ricci, 2016)

Como mencionado, Ricci (2016) investigou o processamento de metáforas nominais no PB. Em metáforas nominais do tipo “X é um Y”, justapõem-se tópico (X) e veículo (Y) de domínios diversos, por exemplo, em “a mente é um computador”, em que o tópico, “mente” refere-se a uma entidade abstrata e o veículo, “computador”, a

um dispositivo eletrônico. A justaposição de tópico e veículo de diferentes domínios, que pode ser problemática para a compreensão de uma expressão desse tipo, é o que distingue metáforas de declarações comparativas literais, por exemplo, “uma marreta é como um martelo” e também de declarações categóricas literais, por exemplo, “uma marreta é uma ferramenta”, nas quais tópico (“marreta”) e veículo (“martelo”/“ferramenta”) pertencem, em ambas, ao mesmo domínio semântico (BOWDLE & GENTNER, 2005, p. 193). O objetivo principal da pesquisa de Ricci foi investigar, a partir dos tempos de leitura de estruturas como as ilustradas anteriormente, o processamento de metáforas familiares bem construídas e convencionalizadas. O autor baseia sua análise das expressões metafóricas investigadas no modelo teórico de inclusão de classe de Glucksberg e Keysar (1990).

Em seu estudo, Ricci (2016) buscou investigar o processamento de metáforas familiares, *high-apt* (de “alta aptidão”) e convencionais, comparadas às mesmas expressões, só que inseridas em contextos nos quais elas seriam interpretadas de forma literal. Ricci retoma o conceito de *familiaridade* como familiaridade subjetiva, na definição de Blasko e Connine (1993, p. 305), como a *experiência consciente com a metáfora*. Já o conceito de *aptidão* ou adequação (*aptness*) relaciona-se com a categoria de metáforas *aptas*: metáforas que se valem de um exemplar prototípico facilmente reconhecível como candidato à categoria metafórica (GLUCKSBERG, 2008, p. 73). Por fim, o conceito de convencionalidade, trazido por Ricci (2016) refere-se ao processo de convencionalização, tratando-se da aquisição de um significado de domínio geral por um veículo metafórico. (BOWDLE & GENTNER, 2005, p. 199).

Em um primeiro momento, Ricci (2016) realizou dois *norming studies* (estudos normativos) para proceder ao ranqueamento de metáforas em relação à *familiaridade*, à *adequação/aptidão* e à *convencionalidade*. A partir dos resultados desses estudos iniciais, procedeu à construção de um experimento de leitura automonitorada (*self-paced reading*), no qual foram utilizadas as metáforas que haviam obtido taxas de “muito familiares”, “*muito aptas*” e “altamente convencionalizadas”. Foram comparadas sentenças nas seguintes condições:

- (i) Contexto 1 – demandando interpretação metafórica: Com muita frequência, / mulheres brasileiras / trabalham fora, / têm filhos / e estudam. / Irene é / um furacão / que empolga / todo mundo / no trabalho, em casa / e na faculdade.);

- (ii) Contexto 2 – demandando interpretação literal: Com muita frequência, / fenômenos naturais / recebem nomes / de gente / dos mais comuns. / Irene é / um furacão / que assolou / o Caribe / e o leste dos EUA / em 2011.);
- (iii) Contexto 3 – de declaração de inclusão em classe/ controle; Com muita frequência, / mulheres brasileiras / trabalham fora, / têm filhos / e estudam. / Irene é / uma jovem / que empolga / todo mundo / no trabalho, em casa / e na faculdade.

Os resultados obtidos no experimento de leitura não revelaram diferenças significativas entre os tempos de leitura das metáforas nominais, expressões equivalentes de significado literal e declarações literais de inclusão de classe. O resultado obtido por Ricci (2016) parece contrariar achados prévios como os de Janus e Bever (1985) que verificaram que o tempo de leitura de metáforas novas era maior do que o relativo a expressões literais. Os resultados de Janus e Bever (1985), mas não os de Ricci se mostram compatíveis com o Modelo Pragmático Padrão de Processamento Indireto, em três estágios (SEARLE, 1993/1979).

Em nosso próximo capítulo, discutiremos acerca da representação, do acesso e do processamento de expressões idiomáticas. Introduziremos algumas das hipóteses levantadas na literatura relativas à representação e ao acesso lexical dessas estruturas. Traremos ainda uma discussão acerca de um estudo conduzido em italiano no que tange à compreensão de expressões idiomáticas, realizado por Cacciari e Tabossi (1988), o qual inspirou em boa medida nossa própria pesquisa nas suas etapas iniciais, além de comentarmos dois estudos sobre expressões idiomáticas conduzidos no PB.

4. Expressões idiomáticas: representação, acesso e processamento

Veremos neste capítulo algumas perspectivas relativas à representação, ao acesso e ao processamento das expressões idiomáticas. Gibbs et al. (1989) defendem que as expressões provavelmente são compreendidas via recuperação de seu sentido disponível a partir do léxico, de forma direta, (GIBBS, 1980, 1985, 1986), enquanto outros autores pontuam que o acesso ocorra de forma indireta ou mediada, em situações nas quais seu sentido literal tenha sido rejeitado por ser inapropriado ao contexto prévio (BOBROW & BELL, 1973; WEINREICH, 1969, apud CACCIARI & TABOSSI, 1988). Há, ainda, abordagens que defendem a ocorrência do acesso em paralelo dos sentidos literal e figurado (ESTILL & KEMPER, 1982; SWINNEY & CUTLER, 1979), bem como visões que enfatizam certas propriedades internas e até mesmo externas das expressões idiomáticas, trazendo-as como especialmente relevantes para sua representação, acesso e processamento (GIORA, 1997, 1999; BOWDLE & GENTNER, 2005).

No que diz respeito especificamente ao papel da composicionalidade na compreensão de expressões idiomáticas, veremos neste capítulo que também não existe um consenso entre as diversas propostas. Na literatura, podem ser identificadas três perspectivas principais nesse sentido: (i) abordagens que rejeitam o papel da composicionalidade e segundo as quais expressões idiomáticas seriam representadas no léxico mental como itens listados num léxico idiomático específico ou como “palavras longas” (BOBROW & BELL, 1973; SWINNEY & CUTLER, 1979; dentre outros); (ii) teorias de cunho composicional, que defendem que a estrutura semântica interna da expressão é relevante para a compreensão do sentido idiomático (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS, NAYAK & CUTTING, 1989; dentre outros) e (iii) propostas “híbridas” que incorporam características tanto de propostas composicionais quanto não composicionais; i.e. defendem que a compreensão das expressões idiomáticas pode ocorrer em função de análise composicional e/ou de acesso direto, quando as palavras que compõem a expressão constituem uma configuração familiar e facilmente reconhecível pelo falante (CACCIARI & TABOSSI, 1988; TITONE & CONNINE, 1999).

4.1. Hipóteses sobre a representação e acesso lexical de expressões idiomáticas

Gibbs et al. (1989) destacam que as expressões idiomáticas têm sido tradicionalmente consideradas não composicionais – ou seja, o sentido figurado de uma expressão não se daria em função do sentido de suas partes (CHOMSKY, 1980; FRASER, 1970; HERINGER, 1976; KATZ, 1973, apud GIBBS, 1989). Gibbs et al. (1989) dão o exemplo da expressão *shoot the breeze* em inglês (sentido literal: “atirar na brisa”; sentido figurado: “jogar conversa fora; falar sobre amenidades”) cujo significado não pode ser depreendido mediante o sentido individual de suas partes constituintes, semelhante com o que acontece no PB com expressões tais como *dar zebra* ou *levar toco*, por exemplo. Diante de exemplos como esse, os autores sugerem que os sentidos figurados de expressões idiomáticas devem estar disponíveis no léxico mental do mesmo modo como uma palavra individual encontra-se listada em um dicionário.

Gibbs et al. (1989) destacam que muitos modelos computacionais de processamento linguístico assumem a existência de sintagmas lexicais, tais como as expressões formulaicas¹⁵ e idiomáticas que não seriam derivadas de forma composicional, mas rapidamente acessadas durante o *parsing* linguístico (BECKER, 1975; GASSER & DYER, 1986; WILENSKY & ARENS, 1980 apud GIBBS et al., 1989).

Apesar do exposto, Gibbs et al. (1989) salientam que muitas expressões idiomáticas parecem sim ser decomponíveis e passíveis de serem analisadas a partir das unidades que as conformam, uma vez que o sentido de suas partes contribui de forma independente para a compreensão do sentido figurado da expressão como um todo (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS, et.al., 1989; NUNBERG, 1978). Os autores trazem, como exemplo, a expressão idiomática do inglês *pop the question*, em que o nome *question* refere-se a “casamento” em situações nas quais o verbo *pop* é usado em referência a “fazer o pedido de casamento”. No PB, teríamos exemplos semelhantes em expressões como “passar a bola” ou “sacudir o esqueleto”, por exemplo.

Essas e outras expressões idiomáticas, na ótica de Gibbs et al. (1989) são, em geral, decomponíveis, uma vez que cada uma de suas partes constituintes contribui na

¹⁵ Expressões formulaicas ou rotinas conversacionais não configuram nem expressões idiomáticas, nem metáforas cristalizadas. Borges Alencar (2004, p.12) traz a seguinte definição, extraída de Tannen & Öztekin, (1981, p.37), de acordo com a qual as expressões formulaicas “são combinações de palavras associadas na mente de todos, frequentemente repetidas em uma sequência”, as quais podem ser utilizadas pelo falante de forma repetitiva, evitando que ele precise construir enunciados inéditos a cada interação conversacional (Ex. *Você tem horas?*).

transmissão de seu sentido figurado completo. Por outra parte, se os elementos que compõem as expressões não contribuem individualmente para o sentido figurado da expressão como um todo, é possível concebê-las como não decomponíveis, como em *kick the bucket* (“chutar o balde” – em inglês, equivalente a “morrer”) (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS et al., 1989).

Gibbs et al. (1989) propuseram-se a medir a dificuldade geral encontrada no processamento de diferentes tipos de expressão e investigaram se o grau de decomponibilidade semântica das expressões influenciaria, ou não, o processamento das mesmas. Segundo os autores, há diversas maneiras a partir das quais a decomponibilidade semântica pode afetar o processamento idiomático. Uma vez que os componentes individuais em expressões sintaticamente produtivas contribuem de forma sistemática para o sentido metafórico geral da expressão, os falantes podem processá-las de uma forma heurística, em que as representações semânticas de cada componente são acessadas e combinadas conforme as regras gramaticais da língua em questão. Os autores apresentam casos de constituintes cuja independência contribui para a compreensão metafórica da expressão idiomática em si, por exemplo: *lay down* (“deitar”; “estabelecer”) e *the law* (“a lei”) podem passar a representar pistas ao falante para a compreensão de *lay down the law*, tradução literal: “estabelecer a lei”; tradução metafórica: “controlar a situação e impor suas leis”.

A análise que os falantes fazem ao ouvir ou ler cada uma das partes nas expressões semanticamente decomponíveis, segundo os referidos autores, tornaria mais lento o processamento delas, em comparação com o processamento de expressões não decomponíveis – sendo, estas, processadas como unidades semânticas cristalizadas.

Um *parsing* composicional de expressões decomponíveis pode ser necessário, conforme Gibbs et al. (1989), já que os elementos dessas expressões podem ser rearranjados em outras construções sintáticas, como em *John laid down the law* – “John controlou a situação” – a qual pode tornar-se *The law was laid down by John* – “A situação foi controlada por John”, ou lexicalmente alteradas como em *hit the hay* – sentido literal: “acertar o feno”; sentido metafórico: “ir dormir”, a qual pode tornar-se *hit the sack* – sentido literal: “acertar o saco”; sentido metafórico: “ir dormir”, sem prejuízo de seu sentido figurado.

Por outro lado, uma análise semanticamente composicional rígida de expressões não decomponíveis, tais como *kick the bucket* ou a própria expressão *chutar o balde* do PB, oferece pouca informação acerca do sentido figurado delas (em inglês, “morrer”, no

PB, “desistir”). Gibbs et al. (1989) consideram que, no caso de expressões não decomponíveis, a compreensão ocorre a partir da recuperação do sentido figurado, sendo que essa recuperação se daria de forma direta, enquanto associações, ou sentidos postulados. Tais expressões ocorrem em um menor número de construções sintáticas, por isso são mais lexicalizadas – e recuperadas como se fossem palavras longas – o que as torna mais facilmente acessáveis e compreensíveis em comparação com as expressões decomponíveis. Nesse sentido, Gibbs e Gonzales (1985) já haviam constatado que os falantes são mais rápidos na verificação de expressões idiomáticas sintaticamente cristalizadas – como *turn back the clock* (sentido literal: “atrasar o relógio”; sentido metafórico: “voltar no tempo”) do que no processamento de expressões idiomáticas flexíveis, como *take under your wing* (sentido literal: “levar; manter sob suas asas”; sentido metafórico: “proteger”).

Assim, como foi visto, Gibbs et al. (1989) partem da premissa de que os falantes realizam uma análise composicional diante de expressões idiomáticas sintaticamente produtivas, as quais são frequentemente decomponíveis, para lançar a hipótese de que os falantes devem despende mais tempo no processamento de expressões decomponíveis do que no processamento das não decomponíveis.. Dessa forma, a previsão dos autores é a de que a compreensão de expressões não decomponíveis deve ser alcançada de forma relativamente rápida, uma vez que as mesmas não requerem uma análise composicional devido à sua cristalização.

Para testar essas previsões, Gibbs et al. (1989) conduziram 3 experimentos. O primeiro foi realizado por meio de uma tarefa de leitura, na qual os sujeitos se deparavam com estruturas que apresentavam, tanto sentido idiomático, quanto literal (como em *pop the question*), e expressões literais (*ask the question* – “fazer a pergunta”). Os informantes deveriam ler cada cadeia de palavras e decidir, o mais rápido possível, se elas correspondiam a uma expressão com significado em inglês, ou não. Um terço das expressões idiomáticas era composto de expressões normalmente decomponíveis, um terço, de expressões anormalmente decomponíveis e, ainda, um terço, de expressões não decomponíveis. A seleção desses três tipos de expressões idiomáticas foi feita a partir dos resultados um experimento prévio (GIBBS & NAYAK, 1989) em que se testou em que grau as palavras contidas em cada expressão contribuíam de forma independente para o sentido geral da mesma.

Os autores frisam que as diferenças na velocidade de processamento de expressões idiomáticas normalmente decomponíveis, anormalmente decomponíveis e

não decomponíveis também podem se dar em decorrência da frequência de seus itens individuais nas três classes de expressões. As decomponíveis devem ser mais facilmente verificáveis simplesmente porque, em geral, são formadas por palavras individualmente mais frequentes do que as palavras das expressões não decomponíveis. Essa possibilidade foi examinada pelos autores.

Os achados dos estudos de Gibbs et al. (1989) demonstram a influência da composicionalidade semântica na compreensão das expressões idiomáticas. Como vimos, as expressões apresentam variações em termos do nível em que os itens individuais contribuem para a compreensão metafórica global das expressões em si. Os resultados dos experimentos conduzidos revelaram que os falantes compreendem expressões normalmente e anormalmente decomponíveis mais rapidamente do que as semanticamente não decomponíveis. Esse resultado sugere que, de maneira geral, os sujeitos lançam mão de uma tentativa de realizar análise composicional quando da compreensão das expressões idiomáticas. Diante de uma expressão decomponível, os sujeitos conseguem atrelar significados individuais a suas partes e, rapidamente, reconhecer a forma significativa segundo a qual essas partes individuais combinam-se para formar o sentido figurado geral da expressão idiomática. Essa habilidade de associar as partes de uma expressão idiomática a significados independentes faz com que muitos falantes, durante as tarefas de leitura, considerem expressões normalmente decomponíveis como sintaticamente produtivas e lexicalmente flexíveis (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS et al., 1989). Como veremos no Capítulo 5 desta dissertação, os resultados do nosso Experimento 1 são compatíveis com a ideia de que expressões mais decomponíveis (que nós denominamos de “transparentes”) parecem ser mais facilmente processadas pelos falantes.

Assim, contrariando as previsões iniciais, os resultados obtidos por Gibbs e Nayak (1989) e Gibbs et al. (1989) parecem indicar que a compreensão de expressões semanticamente não decomponíveis torna-se mais difícil, exatamente porque o seu sentido geral não pode ser determinado por suas partes individuais. O tempo maior requerido para a verificação desse tipo de expressão sugere que os falantes procedem a uma análise composicional dessas cadeias de palavras como parte do processo para determinar seu sentido figurado. Tal tipo de análise, mais direta, para expressões decomponíveis, facilita o reconhecimento de uma interpretação não literal nesses casos. A análise composicional de expressões idiomáticas não decomponíveis, entretanto, torna-se, por si só, inadequada para especificar os sentidos figurados, de forma que os

falantes precisam recuperar sentidos estipulados diretamente do léxico mental. Crianças, por exemplo, apresentam maiores dificuldades para lidar com as expressões idiomáticas opacas – grosseiramente equivalentes a não decomponíveis, do que com as transparentes – grosseiramente equivalentes às decomponíveis (GIBBS, 1987). No Capítulo 5 veremos que de acordo com os resultados obtidos no nosso Experimento 2, os falantes parecem empreender uma análise de natureza composicional mesmo no caso das expressões mais opacas (i.e. menos decomponíveis).

Vale salientar que as diferenças de processamento na compreensão observadas quando comparados os tempos de leitura e verificação de expressões idiomáticas decomponíveis e não decomponíveis não implicam, necessariamente, que os leitores não possuam sentidos figurados diretamente estipulados para expressões decomponíveis. Segundo os autores, ao contrário, parece que a possibilidade de se analisarem as expressões decomponíveis fornece uma fonte de informação muito útil no sentido de facilitar, às pessoas, o reconhecimento de que uma cadeia de palavras carece de uma interpretação figurada. Os autores frisam a importância de se ter em mente a distinção existente entre a interpretação dos resultados apresentada por eles – i.e. que o processamento das expressões idiomáticas ocorre tendo como base a possibilidade de serem analisadas, (*Idiom decomposition hypothesis* – Hipótese da decomponibilidade das expressões idiomáticas), e outros modelos alternativos que também buscam explicar o processamento de expressões. A seguir, apresentamos algumas dessas propostas.

Uma visão que se opõe à apresentada por Gibbs e colaboradores – pelo fato de ser uma abordagem que assume um processamento não composicional das expressões – pode ser exemplificada pelo modelo de processamento serial baseado na *Idiom list hypothesis* (Hipótese da lista de expressões idiomáticas) (BOBROW & BELL, 1973; CHAFE, 1968; FRASER, 1970; WEINREICH, 1968). De acordo com essa perspectiva, os falantes, em um primeiro momento, realizariam uma análise literal da expressão idiomática, descobrindo o sentido metafórico pretendido apenas em um segundo momento. De acordo com Bobrow e Bell (1973), expressões idiomáticas são mentalmente representadas e processadas como itens lexicais. A Hipótese da lista de expressões idiomáticas defende que as expressões não seriam listadas no léxico simplesmente como “palavras longas”, mas armazenadas de forma independente em um “léxico idiomático” específico. De acordo com essa visão – compatível com o modelo tradicional pragmático para o processamento da linguagem não literal – a compreensão das expressões ocorreria de acordo com um modelo em três estágios,

semelhante ao apresentado no Capítulo 3 desta dissertação: o falante primeiro processaria o sentido literal, em seguida essa interpretação inicial seria rejeitada e finalmente o léxico idiomático seria consultado e forneceria a interpretação adequada.

Segundo essa proposta, os falantes precisariam de um maior tempo para alcançar a compreensão de expressões idiomáticas do que para processar usos literais das mesmas expressões, ou sentenças cujos sentidos literais fossem equivalentes às expressões. Entretanto, como apontaram os resultados de Gibbs et al. (1989), as expressões idiomáticas não demandariam mais tempo de processamento do que seus correspondentes literais, às vezes precisam de, até mesmo, menos tempo de processamento para compreender as expressões, do que as cadeias de palavras literais de controle. A Hipótese da decomponibilidade das expressões idiomáticas, formulada por Gibbs e colaboradores, lança a ideia de que os falantes inicialmente analisam as partes individuais das expressões, mas não prevê que essa análise seja calcada no suposto sentido literal de seus componentes.

Outra abordagem para o processamento de expressões idiomáticas, frequentemente chamada de *Dual process model* (Modelo de processamento duplo) (ESTILL & KEMPER, 1982; SWINNEY & CUTLER, 1979), defende que ocorra uma certa análise do sentido literal da expressão idiomática em paralelo com a recuperação de sua diretamente estipulada interpretação metafórica. Swinney e Cutler (1979) também assumem uma representação mental diferenciada para as expressões idiomáticas (Hipótese da representação lexical). Neste caso, no entanto, embora seja defendido que as expressões seriam mentalmente representadas e processadas como itens lexicais (i.e. como unidades), as mesmas seriam armazenadas no léxico “normal” (e não num léxico idiomático especial, como proposto por Bobrow e Bell (1973)). Nessa perspectiva, o processo de recuperação começaria assim que a primeira palavra da expressão é reconhecida e acontece em paralelo com a computação do sentido literal da expressão. No estudo conduzido para testar essa proposta, Swinney e Cutler (1979) pediram a seus informantes que avaliassem cadeias de palavras enquanto correspondentes a sintagmas portadores de sentido, ou não. Os participantes avaliaram mais rapidamente as cadeias que apresentavam tanto uma interpretação idiomática quanto uma literal, (como a expressão do PB “quebrar o gelo”) do que aquelas que apresentavam apenas a possibilidade da interpretação literal (como “quebrar um copo”).

Gibbs (1986) obteve dados parecidos em experimento em que os participantes precisavam decidir se certos sintagmas (apresentados após uma pequena história que

continha uma expressão idiomática) portavam sentido, ou não. A pequena história poderia estar vinculada ao sentido figurado da expressão, ou ao literal. Neste caso, os participantes decidiram mais rapidamente quando confrontados com paráfrases não literais do que com as versões literais ou com sintagmas não relacionados (essas eram as três possibilidades apresentadas aos informantes), independente da história apresentada. No entanto, esse tipo de estudo não descreve o modo como de fato ocorreu o processamento das expressões ao longo da compreensão, ou seja, não permite saber se houve ou não um acesso mais ou menos tardio a cada um dos possíveis sentidos da expressão, ou se – como defendido pelo modelo de processamento duplo – o acesso ocorre em paralelo.

Por sua vez, a *Direct access hypothesis* (Hipótese do acesso direto) (GIBBS, 1980, 1986), defende que o sentido figurado de uma expressão idiomática pode ser diretamente acessado sem que ocorra a análise de seu sentido literal. Nessa perspectiva, a identificação do sentido figurado de uma expressão não se dá em paralelo à computação de seu sentido literal. Em vez disso, ela precede a derivação do sentido literal, o qual só ocorreria nos casos em que a interpretação idiomática da cadeia de palavras não é bem sucedida em sua integração com o contexto. Essa concepção vincula-se à noção de que as pessoas não necessariamente combinam o sentido das palavras para formar o sentido literal da expressão em si durante o processamento. (cf. GIBBS, 1984). A princípio, a vantagem de tempo de processamento das expressões decomponíveis sobre as não decomponíveis parece ratificar as previsões do modelo de processamento duplo, uma vez que esse modelo prevê que as expressões idiomáticas devem ser mais rapidamente compreendidas do que as literais devido ao fato de a simultaneidade entre o processamento de sentido literal e o metafórico gerar, segundo Gibbs et al. (1989) uma “corrida de cavalos”, a qual facilitaria as respostas idiomáticas. Gibbs et al. (1989) utilizam essa ideia da corrida de cavalos, que ocorreria entre os sentidos literal e não literal, como ilustração de que os sentidos literal e figurado de expressões idiomáticas decomponíveis ao serem processados simultaneamente facilitariam as respostas dos falantes frente a essas expressões. Por outro lado, como vimos anteriormente, o processamento de sentidos literais de expressões idiomáticas não decomponíveis não é informativo e interfere negativamente, tornando mais lentas as respostas dos sujeitos diante dessas expressões.

Por sua vez, segundo Gibbs et al. (1989), conforme a *Lexical representation hypothesis* (Hipótese da representação lexical) a interpretação idiomática da cadeia

corre em paralelo com a interpretação literal e se mostra disponível ao final da cadeia de palavras, desde que nenhuma análise estrutural extra, mas apenas sua recuperação a partir do léxico mental, seja requerida. Se se assume que a análise composicional que os sujeitos realizam em expressões idiomáticas decomponíveis é baseada em seus sentidos literais, a hipótese da representação lexical pode responder pelo processamento das diferenças entre expressões idiomáticas decomponíveis e não decomponíveis. Os autores, todavia, questionam se a análise literal de uma expressão idiomática é equivalente à sua análise composicional, e ainda questionam qual seria o papel do sentido literal na compreensão das expressões idiomáticas.

Um conjunto de estudos *online* sobre processamento de expressões idiomáticas – alguns dos quais apresentaremos com mais detalhes na próxima seção – assumem que o sentido literal relaciona-se com o sentido de itens individuais (CACCIARI & TABOSSO, 1988; ESTILL & KEMPER, 1982). Os resultados desses estudos sugerem que a ativação do sentido literal de uma expressão idiomática depende do ponto exato em que as palavras-chave (em termos de conteúdo) aparecem e conduzem ao sentido figurado da expressão (CACCIARI & TABOSSO, 1988). Na ótica destas pesquisadoras, algumas expressões idiomáticas apresentam um tipo de palavras-chave, as quais sinalizariam para o falante a presença de uma interpretação metafórica, aparecendo bem no início da expressão, antes que a mesma tenha sido totalmente processada de forma literal. Já no caso de outras expressões, é preciso que elas sejam lidas/ ouvidas em sua totalidade para que se ative o sentido figurado.

Gibbs et al. (1989) consideram que a hipótese da decomponibilidade das expressões idiomáticas, por eles formulada, é neutra relativamente à possibilidade de os falantes ativarem o sentido literal das palavras constituintes da expressão, ou não, durante o processamento das expressões idiomáticas. Segundo esta hipótese, a princípio, os falantes reconheceriam as partes individuais das expressões idiomáticas enquanto possuidoras de sentidos independentes e figurados, os quais contribuem para o sentido figurado geral da expressão. Eles dão como exemplo, novamente, a expressão *pop the question*, salientando que, quando os falantes processam *pop*: “disparar”; “estourar” e *question*: “pergunta”; “pedido de informação”, eles realizam uma análise composicional e atribuem a cada parte um sentido independente, embora a análise de cada componente da expressão não seja necessariamente baseada em um suposto sentido literal dessas partes. Dessa forma, as pessoas não analisam obrigatoriamente *pop* como “estourar”, nem *question* como “pergunta”. Muitas expressões idiomáticas, frisam Gibbs et al.

(1989), são aparentemente “mal formadas”, ou opacas, motivo pelo qual as pessoas não combinariam o sentido literal das palavras isoladas durante seu processamento. Expressões “mal formadas” violam regras de seleção de restrição que regem o uso de palavras em sentenças gramaticais (CHOMSKY, 1965; KEMPSON, 1977). Como exemplo, os autores citam o caso do verbo *swallow* (“engolir”), o qual de acordo com suas restrições de seleção semântica, ocorreria acompanhado de um sintagma nominal referente a objeto físico. Assim, a expressão *swallow her pride*, (sentido literal: “engolir seu orgulho”; sentido metafórico: “ser humilde”) seria mal formada, ou anômala. Prontamente, no entanto, as pessoas estão aptas a distinguir entre expressões idiomáticas mal formadas e bem formadas, e a maioria dos linguistas assume que as expressões que não possuem sentidos literais bem definidos precisam ser interpretadas através de convenção no léxico (DOWTY, WALL, & PETERS, 1982, apud GIBBS, et al., 1989).

Gibbs et al. (1989) atestam que, na maioria dos casos, expressões idiomáticas mal formadas são, em geral, decomponíveis – como por exemplo, *pop the question* ou *perish the thought* (sentido literal: “perecer”; “extinguir-se o pensamento”; sentido metafórico: “mostrar que algo desejado; sugerido; pensado nunca acontecerá; será extinto” – e os resultados experimentais indicam que as mesmas são mais rapidamente compreendidas do que expressões literalmente bem formadas, mas semanticamente não decomponíveis (*chew the fat* – sentido literal: “mastigar gordura”; sentido metafórico: “falar sobre amenidades”; *hit the sauce* – sentido literal: “bater no molho”; sentido metafórico: “embebedar-se”, por exemplo).

A decomponibilidade de muitas expressões opacas constituiria a razão devido à qual muitas expressões idiomáticas mal formadas são mais sintaticamente produtivas do que expressões literalmente bem formadas (GIBBS & NAYAK, 1989), ao contrário do que propõem muitos linguistas (CHAFE, 1968; FRASER, 1970). Se os falantes realizam uma análise composicional de uma expressão idiomática, levando em consideração seus sentidos literais, então, os sujeitos deveriam responder às expressões idiomáticas literalmente bem formadas mais rapidamente do que às mal formadas. No entanto, se os falantes tentassem analisar as expressões mal formadas de forma composicional, de acordo com seu sentido literal, elas despenderiam mais tempo para processar tais expressões do que para compreender as literalmente bem formadas. Nesse sentido, o Modelo de processamento duplo (ESTILL & KEMPER, 1982; SWINNEY & CUTLER, 1979), ao qual se fez referência anteriormente, preveria que expressões bem

formadas seriam mais fáceis de serem verificadas pela possibilidade de análises simultâneas, tanto de seu sentido literal, quanto do figurado. De acordo com esse mesmo modelo, ambas as análises atuariam em conjunto e facilitariam a resposta do sujeito diante de expressões idiomáticas literalmente bem formadas. Já a análise de sentidos literais de expressões idiomáticas mal formadas ofereceria informação sem sentido, interferindo na velocidade de resposta a essas expressões.

Os resultados encontrados por Gibbs et al. (1989), entretanto, não se mostram compatíveis com as previsões do modelo de processamento duplo, já que sugerem que inicialmente os falantes processam as expressões de forma composicional, embora o façam atribuindo sentidos figurados às partes das expressões e não, analisando-as automaticamente conforme sua interpretação literal. Assim, a ideia de um processamento em paralelo dos sentidos literal e figurado não se sustentaria.

Cacciari e Tabossi (1988), como veremos mais adiante, utilizaram uma tarefa de decisão lexical associada ao paradigma de *cross modal priming* (*priming* intermodal ou multimodal) a fim de que se pudesse determinar o tipo de ativação – relativa ao sentido literal ou ao metafórico – das palavras que compõem as expressões idiomáticas durante a compreensão. Há dificuldades, entretanto, na consecução desse tipo de experimento, uma vez que os sentidos figurados das partes das expressões idiomáticas nem sempre podem ser reduzidos a palavras – quando usamos técnicas de decisão lexical, por exemplo. Contudo, estas técnicas mostram-se bastante interessantes e capazes de apontar possíveis direcionamentos no que tange ao modo como ocorre o acesso e o processamento das expressões, especialmente se se controlam rigorosamente as palavras-alvo (em termos de seu tamanho; de sua classe gramatical; de sua relação com as expressões vinculadas...), tarefa, como veremos, nem sempre fácil.

Vale destacar que Gibbs e Gonzales (1985) atestaram que, embora haja uma correlação positiva entre a possibilidade de análise decomposicional das expressões idiomáticas e seu grau de flexibilidade sintática, a dependência da produtividade da sintaxe no processamento das expressões idiomáticas não é certa. Diferenças no processamento das expressões idiomáticas não parecem se dever tanto à produtividade sintática por si só, mas ao grau, bem como à natureza da decomponibilidade semântica dessas expressões.

Em geral, os falantes tendem a realizar análises composicionais das cadeias idiomáticas ao longo de sua compreensão, nas quais as partes das expressões são tidas como independentes, mas não necessariamente literais, e cujos significados contribuem

para os sentidos figurados globais dessas expressões. Dessa forma, a compreensão das expressões idiomáticas não difere da dos processos cognitivos *online* envolvidos na compreensão da linguagem literal. Compreensão similar da linguagem literal, as expressões idiomáticas parecem se submeter aos mesmos processos em termos de computação sintática que aquela (PETERSON et al., 1989, 2001).

Diferentes tipos de sentidos são recuperados quando da interpretação de sentenças tais qual *John spilled the beans* (sentido literal: “John espalhou os grãos”; sentido metafórico: “John revelou o segredo”) do que quando da interpretação de sua paráfrase literal, como *John revealed the secret* (“John revelou o segredo”) (GIBBS & NAYAK, 1989). Os sentidos das expressões idiomáticas parecem se basear, assim, em um mapeamento de informação entre dois domínios que compartilham propriedades estruturais (LAKOFF, 1987). A expressão idiomática *John spilled the beans* mapeia nosso conhecimento acerca do tombamento de recipiente repleto de grãos, e a noção que temos acerca de uma pessoa revelando algum segredo escondido previamente. Há nessa expressão, metáforas subjacentes, tais como: “a mente é um recipiente” e “as ideias são as entidades”. Essas metáforas estruturam nossas concepções sobre “mentes”, “segredos”, e “revelação”. Esse tipo de pressuposições dos falantes acerca das metáforas subjacentes às expressões, defendem Gibbs e Nayak (1989), resultam na ativação de mais informações do que o que ocorre na compreensão da linguagem literal.

Apesar de haver semelhanças entre o processamento de expressões semanticamente decomponíveis e enunciados literais, o produto da compreensão de tais expressões parece diferente.

Em seus estudos acerca das metáforas, Glucksberg (2003) – em consonância com a Hipótese de acesso direto de Gibbs (1980, 1986), aponta ser possível, no caso de várias expressões idiomáticas, chegar-se à compreensão metafórica sem passar por uma prévia interpretação literal, desfazê-la em virtude de sua não adequação ao contexto para, só então, tentar a interpretação metafórica. Glucksberg (2003) exemplifica essa ideia a partir da expressão inglesa *kick the bucket*, a qual, via de regra, não é interpretada sob a perspectiva literal. De acordo com o autor, o primeiro sentido que ocorre ao falante da língua inglesa, ao ouvi-la, é o idiomático, i.e. “morrer”. Não se pode deixar de apontar aqui a importância do grau de familiaridade do falante para a compreensão da expressão, apesar de tal critério, sozinho, não responder pela facilitação da compreensão das expressões. De modo análogo, se considerarmos variações de expressões familiares como no seguinte exemplo contendo a expressão do inglês *spill*

the beans: He didn't spill a single bean, literalmente “Ele não espalhou um único grão”, tem sido verificado experimentalmente que mesmo não inserida em um contexto que possa reforçar a interpretação idiomática da expressão, a maioria dos falantes interpreta essa sentença metaforicamente – nesse caso, a interpretação passaria por algo do tipo: ele não revelou nem mesmo um único segredo (MacGLONE et al., 1994).

McGlone et al. (1994), ao inserirem variações da referida expressão em contexto ligado a interrogar prisioneiros de guerra, por exemplo, não tiveram como resultado a prioridade da interpretação literal sobre a metafórica da expressão. Em vez de haver prioridade entre uma ou outra, a compreensão metafórica se dava tão rapidamente quanto a literal. Na mesma perspectiva, Glucksberg (2003) fundamenta sua concepção de que não há prioridade relativa ao sentido literal, apontando que falantes fluentes de uma língua não têm a oportunidade de se “recusar a compreender”. O processador linguístico é dirigido por dados (*data driven*), ou seja, desde que haja *input*, este será processado, incluindo os níveis fonológico, lexical e sintático (FODOR, 1983), o que significa que os sentidos, sejam eles literais, ou não literais, são não opcionais e sempre serão computados.

A ideia de um processamento que não prioriza, inicialmente, nenhuma das possíveis interpretações da expressão parece, no entanto, ser contestada por propostas como a de Giora (1997). A autora postula a possibilidade de haver um sentido “obrigatório”, que seria aquele acessado inicialmente, e que ela define como sendo o mais “saliente”. Nesta perspectiva, o sentido de uma palavra é considerado saliente caso seja codificado no léxico mental. Por sua vez, o grau, ou gradiente de saliência do significado de uma palavra ou de uma expressão dá-se em função de sua convencionalidade (GIBBS, 1980, 1982), de sua familiaridade (BLASKO & CONNINE, 1993; TURNER & KATZ, 1997), ou de sua frequência (HOGABOAM & PERFETTI, 1975; NEIL et al., 1988, apud GIORA, 1997). Conforme a visão de grau ou gradiente de saliência de Giora (1997), cada possibilidade interpretativa torna-se ampliada em termos da sua probabilidade, de forma que, se uma palavra apresentar dois sentidos recuperáveis diretamente do léxico, aquele que se apresentar como mais popular, ou mais prototípico, ou ainda, mais frequentemente utilizado em uma dada comunidade será considerado o mais saliente; ou ainda, o sentido com o qual o falante for mais habituado; familiarizado, ou aquele que tiver acabado de aprender será o mais saliente. Outra possibilidade de sentido mais saliente é aquele ativado pelo contexto prévio, ou o que se torna mais previsível em função do contexto prévio.

De acordo com Giora (1997), durante o processamento de expressões idiomáticas familiares para o falante, o sentido idiomático deveria ser ativado tanto em contextos mais voltados para o sentido literal quanto naqueles mais voltados para o sentido metafórico, uma vez que o sentido idiomático se apresenta mais saliente do que o literal. Em contextos voltados para o sentido idiomático, entretanto, o sentido metafórico deveria ser o único ativado por ser – além do mais saliente – também o sentido pretendido. Já o processamento de expressões idiomáticas menos familiares deveria ser similar ao processamento de metáforas menos familiares: ele deveria ativar apenas o sentido literal em ambos os tipos de contexto. Também nos casos de contextos voltados para sentidos literais com expressões menos familiares, o sentido literal deveria ser o único ativado.

Giora e Fein (1998) testaram as hipóteses acima utilizando tarefas de complementação de fragmentos de palavras e de leitura automonitorada. Seus achados forneceram fortes evidências favoráveis à hipótese do gradiente de saliência: eles revelaram que o sentido idiomático saliente das expressões idiomáticas familiares era ativado nos dois tipos de contexto, além de ser o único ativado nos contextos figurados. O processamento de expressões idiomáticas menos familiares também foi ao encontro das previsões: o sentido literal saliente foi ativado em ambos os tipos de contexto, entretanto, no contexto voltado para o sentido literal, o sentido literal era quase o único ativado. Além da tarefa de complementação de fragmento de palavra (tarefa *off-line*), outras medidas mais sensíveis tais qual os tempos de leitura vieram a ratificar os resultados experimentais.

Outros autores também encontraram evidências favoráveis à hipótese do grau de saliência. McGlone et al. (1994) verificaram que expressões idiomáticas convencionais foram processadas mais rapidamente do que suas variações menos convencionais tanto em contextos específicos e altamente informativos, quanto naqueles mais gerais e menos informativos (mas, ainda assim, apropriados). Gibbs (1980), por sua vez, encontrou que expressões idiomáticas foram lidas mais rapidamente em contextos mais voltados ao sentido idiomático, do que ao literal.

Assim, ao que parece, conforme evidências de diversos estudos experimentais, os sentidos salientes ocupam uma posição privilegiada no que concerne ao processamento do significado das expressões idiomáticas: são ativados inicialmente, independente da quantidade de informação prévia, ou do tipo de contexto (relacionado ao sentido literal ou figurado).

Após apresentarmos algumas das principais hipóteses e modelos de acesso e de processamento das expressões idiomáticas, procederemos à discussão do estudo de Cacciari e Tabossi (1998) – conduzido em italiano – o qual nos inspirou rumo à realização de estudo semelhante, no PB, acerca da compreensão e do processamento das expressões idiomáticas.

4.2. Compreensão de expressões idiomáticas (Cacciari & Tabossi, 1988)

Cacciari e Tabossi (1988) elaboraram um estudo, em italiano, acerca da compreensão de expressões idiomáticas. O acesso à compreensão das expressões idiomáticas foi testado a partir de três experimentos de decisão lexical envolvendo *cross-modal priming*¹⁶. Esse estudo teve como objetivo principal avaliar o modo como uma subclasse de expressões idiomáticas é processada ao longo da compreensão da sentença. O trabalho de Cacciari e Tabossi é de especial relevância para a nossa pesquisa já que o mesmo serviu como inspiração para a elaboração do Experimento 2 desta dissertação além de ter sido responsável por suscitar algumas das perguntas de pesquisa iniciais desta investigação. Por esse motivo, nesta seção daremos especial destaque a esse estudo. Ainda em função da relevância desse trabalho para nossa pesquisa e de alguns pontos avaliados como problemáticos e discutidos a seguir, a lista completa dos estímulos utilizados pelas autoras foram incluídos no anexo desta dissertação, de modo a facilitar a avaliação do leitor de aspectos que consideramos importantes.

As expressões investigadas apresentam, de acordo com as autoras, as seguintes características:

(i) A estrutura sintática das expressões escolhidas é do tipo V (NP) (PP) (PP), em que, pelo menos um dos constituintes entre parênteses se verifica, como ilustrado em (34)-(36) a seguir:

(36) Ser nato com la camicia.

Ser nascido com a camisa. (= nascer em berço de ouro)

(37) Fare un buco nell'acqua.

¹⁶ Nesse paradigma experimental o *prime* e o *target* são apresentados por meio de estímulos de diferentes naturezas. No caso do trabalho aqui discutido, o *prime* é apresentado por meio de estímulos auditivos (áudio) e o *target* por meio de estímulos visuais (texto escrito). Outros detalhes sobre esse tipo de experimento são apresentados no Capítulo 5 desta dissertação .

Fazer um buraco na água.

(38) Andare a letto con le galline.

Ir para a cama com as galinhas (= ir dormir com as galinhas).

Aqui, vale destacar que a grande variabilidade – em termos de tamanho e complexidade estrutural – das expressões idiomáticas utilizadas pelas autoras pode ser considerada problemática. Assim, variáveis que não estavam sendo isoladas podem ter enviesado os resultados, uma vez que, por exemplo, algumas expressões eram mais longas e, por isso, requeriam um tempo de processamento maior por parte dos informantes, o que pode ter influenciado os resultados obtidos pelas pesquisadoras.

ii) As expressões selecionadas caracterizam-se pela ausência de contrapartida literal. Embora as autoras não aprofundem nesse aspecto, verificamos que as expressões utilizadas nos experimentos conduzidos podem apresentar contrapartida literal, mas que a mesma não se relaciona com o sentido figurado. Por exemplo, *ir dormir com as galinhas* é uma expressão cujo sentido literal corresponde a uma situação concebível, mas que não está relacionada de forma clara com o sentido idiomático da expressão (= ir dormir cedo). Nos termos de Ruwet (1983), trata-se de expressões opacas; expressões cujo sentido não pode ser depreendido através do sentido de seus constituintes de forma isolada.

Fazemos aqui mais uma reflexão, que julgamos apropriada. Parece haver algumas sutis diferenças relativamente à concepção de opacidade das expressões idiomáticas por parte de vários dos autores consultados ao longo da presente pesquisa. Em nosso trabalho, temos considerado como expressões idiomáticas opacas aquelas que apresentam elementos constituintes cujos sentidos não colaboram claramente, de forma individual, para que se alcance o sentido da expressão idiomática como um todo. Temos considerado, aqui a existência de um espectro de idiomaticidade, dentro do qual encontramos uma grande variação de expressões idiomáticas, o qual abrange, desde expressões muito transparentes (aquelas cujos sentidos dos elementos constituintes contribuem bastante para que se conceba o sentido da expressão idiomática como um todo), num extremo, até o outro extremo: o das expressões muito opacas. No trabalho de Cacciari e Tabossi (1988) não encontramos, no entanto, uma explicação detalhada do que foi tomado como critério para estabelecer o grau de opacidade das expressões.

iii) Relacionado ao ponto anterior, as autoras afirmam que a interpretação das expressões avaliadas não pode ser determinada a partir da tentativa de se satisfazer o

sentido literal e precisa fazer parte do conhecimento linguístico do ouvinte. Consideramos no entanto que, ao contrário do que afirmam as autoras, em alguns dos itens avaliados por Cacciari e Tabossi (1998), há expressões cuja interpretação pode ser pelo menos parcialmente satisfeita pelo sentido literal, como, por exemplo em *Il giovane disse alla fidanzata che non vedeva più in la del suo naso* (no PB, “O jovem disse à sua namorada que ela não conseguia enxergar o que estava bem diante de seu nariz”). A depender de certos fatores, os quais inclusive, discutiremos mais adiante, o informante poderia, a nosso ver, acessar conteúdos vinculados a partes do corpo, órgãos dos sentidos, etc. e, além disso, o sentido literal dessa expressão parece ser mais próximo do que o figurado quando comparado com outras expressões (comparar com “estar no sétimo céu”, por exemplo). Outro exemplo que consideramos que foge um pouco da caracterização pretendida pelas autoras é a sentença *Per l’ennesima volta, il ragazzo cadde in piedi* (“Mais uma vez, o garoto caiu de pé”). Também, dependendo de alguns fatores a serem discutidos adiante, o informante poderia recuperar itens lexicais vinculados a pés (partes do corpo, calçados...). i.e., associados a uma interpretação literal da expressão.

iv) Nas expressões selecionadas, a cadeia idiomática pode ser completada literalmente até sua última palavra. Discutiremos melhor esse ponto na sequência. Segundo as autoras, todas as cadeias idiomáticas por elas apresentadas eram passíveis de ser compreendidas literalmente, mas só até que se chegasse à sua última palavra, o que, justamente, tornou, segundo elas, tais cadeias apropriadas para o estudo pretendido, o que, frisamos, conforme o exemplo acima citado, não nos parece característico de todas as expressões escolhidas para os experimentos das autoras.

Acerca deste item, gostaríamos de destacar uma certa falta de clareza do texto de Cacciari e Tabossi (1988). Não conseguimos definir se as autoras utilizaram expressões que – durante a tarefa de completção, empregada para a preparação dos estímulos experimentais – foram completadas de forma correta pelos participantes (e seria esse o significado de “literalmente” neste contexto), ou se elas haviam utilizado expressões passíveis de serem compreendidas de forma literal até a última palavra, exclusive. Uma terceira possibilidade ainda é que as expressões utilizadas pudessem ser completadas de modo a formar uma expressão literal (sem sentido figurado). Por exemplo, a sequência de palavras “estar no sétimo...” (relacionada à expressão idiomática “estar no sétimo céu”) poderia ser completada como “estar no sétimo andar” ou “estar no sétimo ano”. Não conseguimos, no entanto, a partir da leitura do artigo em questão, estabelecer o

sentido exato da afirmação de que “a cadeia idiomática pode ser completada literalmente até sua última palavra”.

O procedimento geral utilizado nos três experimentos conduzidos foi semelhante: após ouvirem uma sentença como a exemplificada em (39) os participantes realizavam uma tarefa de decisão lexical, determinando se uma palavra apresentada por escrito na tela do computador correspondia ou não a uma palavra da língua, no caso, o italiano. As palavras alvo poderiam corresponder a três condições experimentais: (i) palavras relacionadas literalmente ao sentido da última palavra da expressão (sentido literal); ii) palavras semanticamente relacionadas com o sentido da expressão idiomática (sentido idiomático), ou iii) palavras controle (sentido não-relacionado).

(39) *Dopo il ottima prestazione, il tenista era al sétimo cielo.*

Após excelente atuação, o jogador de tênis, estava no sétimo céu.

Possíveis palavras-alvo: estímulo literal: *stelle* (estrelas)/ estímulo figurado: *felice* (feliz)/ estímulo não relacionado: *rispetto* (respeito).

Segundo as autoras, nos experimentos, não houve pistas prévias acerca da ocorrência de uma expressão idiomática ao final da sentença ouvida pelos participantes. Faz-se necessário, no entanto, apontarmos certa divergência de análise, uma vez que compreendemos que no caso do estímulo experimental ilustrado em (39), por exemplo, informações como “excelente atuação”, ouvido previamente, podem eventualmente constituir pistas da ocorrência da expressão idiomática: “sétimo céu”, sugerindo a ideia de felicidade, vinculada a uma possível vitória, e não a do sentido literal: “sétimo lugar”, uma vez que esta posição num *ranking* de competição, em geral, não é tida como muito boa, não se associando, dessa forma, à ideia de uma “excelente performance”.

As autoras tecem as seguintes considerações com relação ao processamento das expressões durante a tarefa proposta: caso a compreensão ocorra de forma composicional até o ponto em que o participante reconhece o item “cielo”, nesse momento, pelo fato de essa palavra não poder ser interpretada e integrada ao restante da frase de forma literal a partir do contexto, a interpretação inicial da sentença deveria ser reconsiderada e, só então, interpretada sob o viés figurado (BORROW & BELL, 1973). Nesse caso, a previsão seria de que o reconhecimento da palavra-alvo literalmente relacionada (*stelle*) fosse mais rápido que o das palavras relacionadas com o sentido figurado ou não relacionadas (*felice* e *rispetto*, respectivamente), uma vez que o primeiro

sentido acessado estaria vinculado ao sentido literal da última palavra da expressão. De acordo com uma visão não composicional do processamento de expressões idiomáticas (cf. GIBBS, 1980; SWINNEY & CUTLER, 1979), que defende um acesso mais direto, a previsão seria diferente: alvos relacionados ao sentido figurado seriam reconhecidos mais rapidamente do que as outras possibilidades.

No primeiro experimento conduzido, participaram 35 estudantes universitários italianos (20 mulheres e 15 homens). Na fase de preparação dos estímulos, vinte expressões idiomáticas italianas consideradas como familiares para os participantes foram selecionadas e apresentadas de forma aleatória a 15 sujeitos, os quais deveriam elaborar paráfrases delas. A partir dos resultados dessa tarefa, nove expressões cujo sentido foi corretamente parafraseado por pelo menos 95% dos participantes foram escolhidas para formar parte dos estímulos do experimento 1. Assim, foi elaborada uma sentença na qual se inserisse cada expressão, buscando que não houvesse tendência nem para complementação idiomática, nem para complementação literal da cadeia de palavras (muito embora nem sempre esse objetivo possa ter sido alcançado, como observado anteriormente) As palavras-alvo idiomáticas também foram selecionadas a partir do teste de paráfrases. As nove expressões previamente selecionadas foram apresentadas de forma aleatória, e os participantes deveriam produzir a primeira associação que as expressões lhes suscitassem. Ainda na preparação dos estímulos foi realizado um outro teste de controle avaliando se as palavras-alvo selecionadas registravam diferenças em tarefas de decisão lexical simples. Não foram verificadas diferenças significativas nesse teste. Além das nove frases experimentais, foram utilizadas cinquenta e uma sentenças distratoras, totalizando sessenta sentenças. A palavra-alvo era apresentada exatamente no final de cada sentença (coincidindo com a última palavra da expressão idiomática) nos estímulos experimentais e em uma ampla gama de posições, nas distratoras. A mesma expressão idiomática foi exibida apenas uma vez para cada informante, seja seguida pelo alvo idiomático, pelo alvo literal ou pelo alvo controle.

Os informantes receberam instruções no sentido de que deveriam realizar uma tarefa de decisão lexical relativa às palavras que apareceriam na tela do computador enquanto ouviam uma sentença. Eles deveriam pressionar a barra de espaço com sua mão dominante caso a palavra constituísse uma palavra real, ou não deveriam fazer nada, caso contrário. Após 10 *trials* de habituação, um dos três grupos ligados à lista de sentenças era apresentado a cada informante. Os tempos de reação relativos à decisão

lexical foram gravados. No que diz respeito às sentenças, os informantes receberam a orientação de que precisavam estar atentos ao conteúdo das mesmas já que deveriam estar aptos a responder a perguntas sobre elas. Logo após a realização do teste, 20 sentenças eram apresentadas aos informantes (cada uma impressa em um cartão). Metade delas havia sido apresentada durante o experimento, as outras eram derivadas das que eles, de fato, haviam ouvido. Informantes que não atingiam 60% de reconhecimento correto das sentenças não foram considerados nas análises dos resultados. Esse mesmo critério também foi aplicado nos restantes experimentos da série. Como veremos no Capítulo 5, no Experimento 2 desta dissertação, foram adotados os mesmos critérios para a análise dos dados obtidos.

A análise dos resultados revelou que alvos idiomáticos geraram tempos de decisão lexical menores do que os literais, sendo que estes não diferiram muito dos alvos-controle. Cacciari e Tabossi (1988) interpretam os resultados desse primeiro experimento como sendo compatíveis com a ideia de que a interpretação de uma expressão idiomática encontra-se imediatamente disponível logo após sua apresentação; os resultados obtidos não se mostram compatíveis com a previsão de que ocorreria um acesso “guiado” pela última palavra na cadeia (sentido literal). Assim, os resultados obtidos no primeiro experimento do estudo sugerem que os falantes compreendem as expressões idiomáticas sem proceder a tentativas de computar seu sentido literal.

As autoras frisam que, como nada no contexto, nem na cadeia de palavras em si (até que se chegasse à sua última palavra) indicaria, *a priori*, que surgiria adiante uma expressão idiomática, mesmo que se presumisse que a recuperação do sentido idiomático começaria no início da cadeia de palavras, paralelamente à sua interpretação literal, é difícil postular que as pessoas suspendam a computação do sentido literal antes que tenham acesso à última palavra da cadeia.

O segundo experimento da sequência, foi concebido de modo a investigar uma outra hipótese relativa à natureza das expressões idiomáticas empregadas. Para tal, foram utilizadas expressões classificadas como menos previsíveis a partir de uma tarefa de *cloze* conduzida previamente. O experimento 2 foi elaborado com o intuito de averiguar quais sentidos encontram-se disponíveis quando as cadeias idiomáticas são menos previsíveis antes de sua complementação; isto é, cadeias em que a última palavra precisa ser obrigatoriamente acessada para que a expressão seja reconhecida enquanto idiomática. Nesses casos, deveria haver uma facilitação para o alvo relacionado à palavra literal.

O procedimento utilizado foi semelhante ao do primeiro experimento. Ao final da cadeia idiomática, era apresentada uma palavra-alvo, para a qual eles deveriam realizar uma tarefa de decisão lexical. Neste caso, no entanto, a expressão idiomática aparecia no meio da frase, diferentemente do experimento 1 em que a mesma aparecia ao final da sentença. A palavra alvo era apresentada ainda durante a escuta da frase, coincidindo com o momento em que o participante estava ouvindo a última palavra da expressão idiomática (por ex., *diavolo*).

(40) *La ragazza si decise a mandare al diavolo, una volta per tutte, il fidanzato.*

A garota resolveu mandar ao diabo, de uma vez por todas, o namorado. (= mandar ao inferno)

Possíveis palavras-alvo: estímulo literal: *corna* (chifre)/ estímulo figurado: *lontano* (longe)/ estímulo não relacionado: *trota* (truta).

Participaram trinta e três graduandos voluntários (23 mulheres e 10 homens). Os resultados revelaram que as palavras-alvo literais foram reconhecidas mais rapidamente do que as palavras-alvo idiomáticas, sendo que estas não foram reconhecidas mais rapidamente quando comparadas com as palavras-alvo controle. Em conjunto, os resultados dos experimentos 1 e 2 mostram-se compatíveis com a ideia de que haveria diferenças no processamento quando a expressão idiomática é previsível (em termos da completação da sua estrutura) e quando ela é menos previsível, na avaliação das autoras. Pelo menos no caso de expressões como as avaliadas no experimento 2, o sentido literal parece ter sido rapidamente acessado. Assim, para essas expressões é possível que – no curso temporal do processamento – o acesso ao sentido não literal seja tardio. Para testar essa possibilidade, foi desenhado o último experimento da sequência.

Foram utilizados os mesmos estímulos que no segundo experimento, diferindo apenas no fato de que os alvos visuais apareciam para os participantes 300ms após a escuta da última palavra da expressão idiomática. Esse intervalo foi escolhido pelo fato de ter se mostrado suficientemente longo a ponto de permitir a resolução de tarefas integrativas pós-perceptuais, como no caso de ambiguidades lexicais (cf. SEINDENBERG et al., 1982 apud CACCIARI & TABOSSI, 1988), ou a interpretação de palavras não-ambíguas (WHITNEY, et al., , 1985 apud CACCIARI & TABOSSI, 1988). O objetivo dessa manipulação no momento de apresentação da palavra-alvo foi

avaliar se a identificação dos alvos idiomáticos, que não foi facilitada no experimento anterior, poderia se dar mais rapidamente do que as respostas relativas a seus controles dado o novo intervalo definido. Participaram do terceiro experimento 34 graduandos (26 mulheres e 8 homens).

A análise dos resultados revelou que as respostas tanto para alvos idiomáticos, quanto para alvos literais, os quais não diferiram significativamente entre si, deram-se mais rapidamente do que aquelas relacionadas aos alvos-controle. Os resultados sugerem, assim, que, quando pistas não são disponibilizadas pelo contexto, e ainda, quando não há um viés que leve à complementação idiomática da cadeia de palavras, algum tempo se faz necessário antes que o sentido da expressão idiomática possa ser ativado. De fato, essa ativação foi observada 300ms após o término da expressão. Vale frisar, no entanto, que o alvo relacionado ao sentido da última palavra da cadeia (alvo-literal) também foi ativado.

Considerados em conjunto, os resultados obtidos por Cacciari e Tabossi (1988) sugerem que, com expressões idiomáticas previsíveis, apenas o sentido idiomático é ativado no momento em que a última palavra da cadeia é disponibilizada. Nos casos de expressões não-previsíveis (conforme percepção das autoras), apenas o sentido literal da última palavra parece ser ativado, pelo menos de forma imediata. Mais tardiamente, ambos os sentidos – idiomático e literal – parecem ser ativados. Esses resultados são incompatíveis tanto com o Modelo da representação lexical, quanto com o Modelo de acesso direto à compreensão da expressão idiomática, quando considerados de forma isolada (i.e. um único modelo para dar conta do processamento de qualquer expressão idiomática). Conforme a Hipótese do acesso direto, a interpretação idiomática deveria se dar sempre mais rapidamente do que a literal. Já, de acordo com a Hipótese da representação lexical, como já foi dito, a interpretação idiomática da cadeia corre em paralelo com a interpretação literal e se mostra disponível ao final da cadeia de palavras, desde que nenhuma análise estrutural extra, mas apenas sua recuperação a partir do léxico mental, seja requerida. Assim, ambos os alvos (literal e figurado) deveriam ser igualmente disponíveis na tarefa de decisão lexical.

Um ponto que merece destaque no estudo de Cacciari e Tabossi (1998) diz respeito ao fato de que as evidências encontradas não refletem necessariamente processos de compreensão *online*, mas o resultado de tal processo. Assim, dificilmente as evidências obtidas permitem esclarecer como as pessoas compreendem as expressões idiomáticas enquanto compreendem uma sentença. As autoras discutem a possibilidade

de que o sentido idiomático seria associado a configurações particulares de palavras e se tornaria disponível (em termos de processamento lexical) sempre que o *input* tenha tornado a configuração disponível. As palavras individuais que participam desta configuração seriam os mesmos itens lexicais que são acessados normalmente durante o processo de compreensão da linguagem literal, entretanto, para além disso, elas participam também em outras configurações, representando sentidos idiomáticos. Cacciari e Tabossi (1988) trazem como exemplos verbos utilizados tanto em sentenças não idiomáticas, como em (41) e os mesmos verbos em sentenças que podem ser interpretadas como literais ou como idiomáticas, como em (42), ou ainda, em expressões idiomáticas, como em (43). Conforme as autoras, da mesma forma como ocorre em reconhecimento de palavras isoladas, determinada configuração, por exemplo uma expressão idiomática, não pode ser reconhecida como tal antes que uma certa “quantidade de informação” este seja disponível para o falante. As próprias autoras, entretanto, questionam como essa “quantidade de informação” necessária pode ser especificada/calculada. Segundo elas, em se tratando de expressões que contêm sintagmas verbais, parece haver uma estruturação semântica de forma que algumas partes na cadeia idiomática são mais relevantes que outras para se detectar a expressão como sendo idiomática.

(41) *The boy took the book.*

O garoto pegou o livro.

(42) *Take the bull by the horns.*

Pegar o touro pelo chifre.

(43) *Take to heart.*

Levar a sério.

As autoras propõem que toda expressão idiomática formada a partir de um sintagma verbal (o qual pode ser considerado a “chave” da expressão) só seja reconhecida quando o sintagma verbal for completamente acessado. Dessa forma, para que o reconhecimento da expressão idiomática ocorresse logo depois de a chave ter sido detectada, vários fatores precisariam ser verificados: se a chave ocorre no início ou no fim da cadeia de palavras; se a cadeia de palavras está inserida em um contexto tendencioso a uma interpretação figurada, o que não significa necessariamente que a chave seja algo fixo. Assim, na ausência de um contexto que pudesse antecipar o

reconhecimento da expressão, o reconhecimento da configuração idiomática não se daria até que a chave tivesse sido acessada. Cacciari e Tabossi (1988) caracterizam as expressões idiomáticas enquanto sequências de palavras que são processadas da mesma forma que qualquer cadeia, independentemente do ponto da sentença em que ocorram. Dessa forma, a visão apresentada pelas autoras também considera o *parsing* sintático das expressões idiomáticas. Um dos problemas relativos a essa concepção atrela-se à noção de núcleo/chave da expressão idiomática: as autoras utilizam tal concepção se a expressão for formada por uma única palavra, ou se só houver uma palavra de conteúdo na cadeia idiomática. Essas pressuposições tiveram por objetivo simplificar as ideias e deram suporte aos experimentos 2 e 3, embora não necessariamente procedam em geral. Em muitas situações, uma expressão se torna identificável após uma preposição, um artigo, ou mesmo diante da falta, ou da ocorrência não-usual de algum item lexical. Além disso, as autoras apontam a dificuldade de se estabelecer qual palavra assume o papel de chave/núcleo em cada caso. Nesse sentido, parece que o importante para a identificação da expressão é justamente a co-ocorrência de determinadas palavras (como em *kick the bucket*, comparado com *kick the ball*, por exemplo.).

Outra questão aqui relevante é a noção de *configuração*. Cacciari e Tabossi (1988) assumem que a ativação da configuração pode se iniciar a partir de quaisquer de seus elementos, o que considera claramente a flexibilidade sintática de muitas expressões idiomáticas. O que não está claro, entretanto, é até que ponto a análise por elas apresentada considera o fato de os ouvintes conhecerem as transformações sintáticas envolvidas nas expressões idiomáticas familiares, e, ao mesmo tempo, o fato de transformações não-permitidas não impedirem os ouvintes de detectarem a expressão, em alguns casos como em *the bucket was kicked by John* – “O balde foi chutado por John”, onde a voz passiva reforça uma tendência à interpretação literal.

As autoras frisam, finalmente, que seu estudo não considerou o quanto o contexto prévio afeta o reconhecimento de uma expressão idiomática. É importante salientar que, se interpretadas literalmente, muitas vezes, as expressões não farão sentido, mas no seu uso “real” as mesmas sempre se encaixam em um contexto apropriado. É possível que, exatamente essa incongruência exerça um papel primordial na identificação de uma expressão idiomática.

A seguir, traremos os pontos principais de dois dos únicos estudos de que se tem notícia acerca do processamento de expressões idiomáticas realizados em português. Julgamos interessante reportar alguns dados dos referidos estudos até mesmo por conta

da pouca diversidade de estudos acerca deste objeto no português. No caso do estudo de Martins (2013) – conduzido com base em expressões do PB – embora se trate de um estudo fortemente pautado na Fraseologia, o autor situa sua pesquisa empírica no âmbito da Psicolinguística experimental e, neste sentido, seu trabalho torna-se relevante para esta pesquisa. O trabalho de Botelho da Silva e Cutler (1993), por sua vez, foi pautado no português europeu.

4.3. Sobre a compreensão de expressões idiomáticas do português

Botelho da Silva e Cutler (1993) conduziram uma pesquisa avaliando expressões idiomáticas do português europeu, na qual discutem a questão de haver expressões idiomáticas do tipo “mal-formadas”. Os autores lembram que as expressões idiomáticas são, a princípio, concebidas como cadeias de palavras que configuram um bloco de sentido não literal, ou seja, as quais, a princípio, não são passíveis de serem compreendidas via decomposição de seus elementos constituintes. No entanto, Botelho da Silva e Cutler (1993) destacam que muitas delas admitem uma leitura literal de seus elementos constituintes.

Dessa forma, em seu estudo, os referidos autores se dedicaram à investigação do papel da má formação (*ill-formedness*) no processamento das expressões idiomáticas. Vale frisar que os autores consideram *ill-formed idioms* (expressões idiomáticas mal-formadas) aquelas cuja interpretação literal é completamente descartada, como em *dar bocas* ou *meter medo a um susto*. Por um lado, a má-formação semântica frequentemente se relaciona com a violação de restrições de seleção relativa aos componentes das expressões idiomáticas, de modo que fica difícil compreendê-las de forma literal; por outro lado, a má-formação sintática frequentemente viola restrições de subcategorização. Para tal, foi conduzida uma tarefa de julgamento na qual os participantes deviam avaliar sentenças como sendo “perfeitamente corretas”, “possíveis” ou “impossíveis” em português. Em seguida, os participantes deviam realizar uma tarefa de recuperação de memória, visando a avaliar o quanto os fatores manipulados afetariam a possível manutenção e recuperação das informações previamente apresentadas.

Os resultados obtidos nesse estudo apontaram que não há diferença substancial entre o processamento das expressões mal-formadas e das bem-formadas. Para os autores, estes resultados negativos apresentam implicações relevantes: talvez eles

forneçam evidências contrárias aos modelos de processamento que predizem custos diferentes de processamento para expressões idiomáticas que apresentam contrapartida literal versus expressões idiomáticas que não apresentam contrapartida literal. (CUTLER 1983).

O outro objetivo dos autores no que concerne ao referido trabalho foi o de explorar metodologias de aprendizagem acidentais enquanto ferramenta para o processamento das expressões idiomáticas, o que, segundo os autores, provou ser bastante útil.

Relativamente às expressões apresentadas de forma “transformada” aos informantes, seus achados se deram no sentido de que os informantes tendem a voltar com as expressões para sua forma original, recuperando a forma básica. Para Botelho da Silva e Cutler (1993), tais achados são consistentes com a concepção de que as expressões idiomáticas consistem em unidades lexicais, sendo elas mais resistentes a serem parafraseadas do que as cadeias de palavra utilizadas como controle nos experimentos dos referidos autores, o que, segundo eles, vai ao encontro dos modelos de unidades lexicais de representação idiomática (SWINNEY & CUTLER, 1979; dentre outros).

A falta de resultados favoráveis à vantagem para expressões idiomáticas passíveis de sofrerem transformações na facilitação da recuperação contradiria, na óptica dos autores, as previsões de Gibbs e Gonzales (1985). Na verdade, segundo Botelho e Cutler (1993), o fato de não terem encontrado evidências positivas para as expressões idiomáticas bem formadas pode ser pensado como contrário à previsão de que as expressões idiomáticas que requerem quantidades diferenciadas de processamento produzirão resultados diferenciados de recuperação. Os autores encontraram melhores níveis de recuperação para expressões idiomáticas não transformadas, o que sugere, segundo eles, que, se as transformações por eles usadas aumentaram o custo necessário para a compreensão, então, o processamento aumentado não conduziu ao aumento da probabilidade de recuperação. Cabe destacar, no entanto, que as conclusões apresentadas pelos autores devem ser tomadas com cautela, em virtude do pequeno número de participantes na pesquisa (14 no total).

Martins (2013) desenvolveu uma pesquisa sobre a compreensão de expressões idiomáticas por falantes não nativos do PB, pautada nos estudos da Fraseologia e fazendo uso de metodologia experimental. O autor destaca que estudos de cunho psicolinguístico procuram entender de que forma os falantes armazenam as unidades

fraseológicas, de que forma ocorre o processamento fraseológico, e ainda, quais as funções desempenhadas por essas unidades na interação. Nesse sentido, para o autor é importante aproximar a Fraseologia da Psicolinguística, dentre outros motivos, porque isso instiga o estudioso a explorar as relações entre expressões idiomáticas e seus processos de compreensão.

Martins (2013) dedica-se à pesquisa experimental com falantes de variedades africanas do português (crioulo guineense e cabo-verdiano), isto é, falantes não nativos do PB, mas com competência lusófona presumida, capazes de interpretar as expressões idiomáticas em contexto escrito. Para tal, o autor optou por trabalhar com um tipo específico de expressão idiomática que denomina de “locuções verbais”, as quais são definidas como “combinação única e fixa de elementos (pelo menos, dois), dos quais uma parte não funciona bem em quaisquer outras combinações desse tipo (ou em algumas, ou uma única situação)” (CERMAK, 1998, p.11).

Embora se trate de um estudo fortemente pautado na Fraseologia, Martins (2013) situa sua pesquisa empírica no âmbito da Psicolinguística experimental, uma vez que ela se volta para a investigação sobre a compreensão de expressões idiomáticas por falantes não nativos de uma determinada língua. Assim sendo, torna-se preciso considerar, no processamento fraseológico, os aparatos cognitivo, cultural, dialetal e os sistemas de memória dos participantes. Segundo o autor, diante de uma expressão idiomática, como *meter o rabo entre as pernas* (“ficar quieto ou calado, por se sentir sem razão culpado ou amedrontado”), falantes nativos ou não, recorrem a procedimentos mentais e a técnicas cognitivas de diversas ordens para que possam acessar o sentido idiomático; o sentido subentendido; pretendido pelo interlocutor.

Outra razão para relacionar a pesquisa de Martins (2013) ao âmbito da Psicolinguística experimental relaciona-se com a busca por hipóteses explicativas sobre o modo como o processamento fraseológico se estrutura nas mentes dos falantes não nativos do PB. Para tal, foram conduzidos três experimentos, construídos através de tarefas diversas e caracterizados por vários procedimentos metodológicos, os quais tiveram por objetivo verificar se os informantes (falantes lusófonos de países africanos) utilizavam estratégias especiais para a compreensão de expressões idiomáticas mais usuais no PB do que nas suas variedades linguísticas maternas.

A pesquisa em questão centrou-se na investigação das táticas e estratégias de compreensão idiomática utilizadas por falantes não nativos do PB em contextos de uso. Martins (2013) lança as seguintes hipóteses ao longo do seu trabalho: a fixação

fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo do PB favorece o correto reconhecimento do sentido idiomático; além disso, a identificação da fixação fraseológica das expressões desconhecidas representadas por imagens, apresenta uma tendência a apoiar-se na memória fraseológica dos informantes da pesquisa. Outras hipóteses levantadas pelo autor foram as seguintes (vale salientar que algumas dessas hipóteses foram construídas em função de uma classificação das expressões idiomáticas investigadas, de cunho semântico, formulada pelo próprio autor):

- i) os falantes não nativos do PB não processam novamente as expressões idiomáticas que já têm memorizadas: retomam o conteúdo já fixado em sua memória;
- ii) os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, concomitantemente, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos;
- iii) os falantes não nativos do PB têm noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário;
- iv) as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência), por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica. Essa classificação das expressões é estabelecida pelo próprio autor;
- v) as expressões que designam nomes vinculadas a botanismo (árvores), ao indumentarismo (vestimenta) e ao gastronomismo (culinária) são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados;
- vi) expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 são mais fáceis de ser corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB;
- vii) o conhecimento do sentido de um, ou mais elementos da expressão idiomática pode tornar acessível ao falante de português L2 a motivação semântica (sentido idiomático) da expressão idiomática;
- viii) o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão;
- ix) a idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada por: a) contexto de situação dado (formal, ou informal); b) sentido literal da expressão; c) conhecimentos prévios dos participantes; d) conhecimentos linguísticos em L1 (L1 relacionada ao crioulo cabo-verdiano/ crioulo guienense);

- x) o uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com cada falante não nativo do PB;
- xi) quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias *top-down* no processamento fraseológico, menos táticas *bottom-up* precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas.

Martins investigou as estratégias das quais lançaram mão 20 estudantes universitários – sendo 10, oriundos de Cabo Verde e 10, de Guiné-Bissau. Todos os estudantes, africanos lusófonos, cuja L2 é uma variedade da língua portuguesa diferente do PB, deveriam interpretar o sentido de expressões idiomáticas do PB, as quais haviam sido previamente selecionadas e, então, foram-lhes apresentadas em um contexto escrito. Foram coletados 20 áudios digitais, posteriormente transcritos ortograficamente, decorrentes da aplicação do protocolo verbal *think aloud*¹⁷, em três experimentos psicolinguísticos aplicados, um a um, aos mesmos informantes.

No primeiro experimento, consideraram-se as expressões *pôr a boca no trombone*; *tirar (mais) água do joelho*; *saber com quantos paus se faz uma canoa*; *matar cachorro a grito*; *chutar o pau da barraca* e *(não) pagar mico*. A tarefa A, à qual foram submetidos os participantes, consistiu em uma tarefa de grau de identificação fraseológica. Relativamente a expressões como *pôr a boca no trombone* (considerada pelo autor como sendo de fácil identificação fraseológica); *tirar (mais) água do joelho*; *saber com quantos paus se faz uma canoa* (estas, de média identificação fraseológica), Martins (2013) relata que foi observado que a identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o emprego correto de seu sentido idiomático, uma vez que as expressões citadas foram consideradas como sendo de idiomaticidade fraca (transparentes). O autor também aponta que foram tidas como de forte idiomaticidade (opacas) as expressões *matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca* (de fácil identificação fraseológica), e *(não) pagar mico* (de difícil identificação fraseológica). Assim, das seis expressões, *(não) pagar mico* foi a única considerada de difícil identificação e de idiomaticidade forte.

¹⁷ Ericsson e Simon (1980) classificam os protocolos verbais do tipo verbalização concorrente em *'talk-aloud'* ('falar em voz alta') e *'think-aloud'* ('pensar em voz alta'). Nos protocolos do tipo *'talk-aloud'* ocorre a verbalização do tipo 1, isto é, a informação já está de forma verbal na memória de trabalho e pode ser assim verbalizada; por sua vez, nos protocolos *'think-aloud'* ocorre a verbalização do tipo 2, isto é, o conteúdo está na memória de trabalho de forma não-verbal e precisa ser 'traduzido' em palavras durante a verbalização. Na prática, torna-se muito difícil saber se o leitor está verbalizando o conteúdo da memória de trabalho (*'talking-aloud'*) ou se está 'traduzindo' o conteúdo em palavras (*'thinking-aloud'*).

O primeiro experimento consistiu em quatro tarefas: a tarefa A foi nomeada como “Teste e Verificação do Grau de Identificação Fraseológica”. Nela, os informantes liam e identificavam, no texto, a expressão pluriverbal fixa (a forma fixa da expressão idiomática do tipo verbo-argumento). Seguiu-se, então, a tarefa B, chamada de “Teste de Verificação de Memória Fraseológica”. Neste teste, os informantes deveriam declarar se se lembravam, se já haviam ouvido a expressão, se se lembravam da expressão, mas não conheciam seu sentido idiomático, ou ainda, se se lembravam da expressão e conheciam seu sentido idiomático. Na sequência, a tarefa C – “Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica” – consistiu em os informantes, ao longo da aplicação do Protocolo Verbal, atribuírem sentido idiomático à expressão dada, lançando mão, ou não, de solicitação de informação, ou de ajuda técnica do experimentador. Por fim, na tarefa D – “Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão” – eram capturadas durante a realização das entrevistas, as estratégias utilizadas nas tarefas A, B e C para que pudesse ser evidenciada a frequência de uso das táticas *bottom-up* e das estratégias *top-down* de compreensão, além das estratégias *top-down* bem-sucedidas no que tange ao reconhecimento idiomático das expressões. Os procedimentos do Protocolo verbal *think aloud*, no primeiro experimento, tiveram como base os procedimentos metodológicos adotados por Cooper (1999). Assim, como vimos, antes da tarefa de reconhecimento idiomático (idiomaticidade fraseológica), duas novas tarefas foram introduzidas: identificação fraseológica e memória fraseológica. Na primeira, o sujeito identificava a expressão (grau de fixação formal) e na segunda, declarava se lembrava ou não da expressão e de seu sentido idiomático. Só depois das duas tarefas mencionadas, Martins (2013) inseriu a tarefa de idiomaticidade fraseológica, na qual o informante atribuía sentido idiomático à expressão – foram desconsiderados os informantes que já conheciam as expressões idiomáticas do experimento.

Foi realizada uma gravação digital do que os participantes pensavam ao tentar descobrir os significados de 15 expressões idiomáticas em PB. A princípio, 15 cartões com expressões idiomáticas, um de cada vez, eram entregues aos informantes. Eles deveriam ler o pequeno texto no qual se inseria a expressão. Em seguida, eles diziam se se lembravam, ou não da expressão e de seu sentido idiomático. Na terceira tarefa, o informante, em voz alta, dizia tudo que pensava a partir do momento que olhava a expressão idiomática, identificava-a, ou não, no texto lido (em caso negativo, o experimentador o fazia) e, finalmente, dizia seu significado no texto. Na quarta tarefa, o

experimentador oferecia ajuda técnica – estratégias cognitivas (*top-down*) para que fosse desvelado o sentido idiomático das expressões opacas.

Em seu primeiro experimento, Martins (2013) relata que foram obtidos dados referentes à frequência do uso de estratégias que evidenciaram o uso de táticas *bottom-up* ou ascendentes, ligadas ao esforço dos participantes para lidar com fontes léxicas semanticamente opacas, o que lhes impedia de chegar ao sentido idiomático da expressão. Por sua vez, as estratégias *top-down*, ou descendentes, ligam-se à competência fraseológica dos participantes, de natureza intralinguística, por serem lusófonos, como um fator de opacidade. Os resultados indicaram que os participantes recorreram à L1 para tentar compreender as expressões idiomáticas, especialmente aquelas mais transparentes, encontrando, quase sempre, um equivalente em crioulo guineense ou em cabo-verdiano. Martins (2013) verificou ainda que expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1, ou em L2 (na vertente africana) são mais facilmente compreendidas pelos falantes não nativos do PB.

Os informantes cabo-verdianos foram, conforme Martins (2013), aqueles que mais exploraram as estratégias *top-down*, resultado que o autor associa ao fato de esses participantes receberem bastante influência da cultura brasileira, através de intercâmbios universitários, de telenovelas, de músicas e de mídias diversas. O autor, entretanto, não obteve resultados que permitissem sustentar a hipótese de que, quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias *top-down*, menos se valem de táticas *bottom-up*: para as seis expressões utilizadas no primeiro experimento, observou-se uma equivalência quantitativa no emprego das estratégias e das técnicas citadas.

No segundo experimento (Teste de Decisão Fraseológica), o autor valeu-se de três tarefas: na tarefa A – “Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica” – os informantes deveriam declarar após ouvirem a expressão idiomática falada em voz alta pelo entrevistador, se lembravam ou haviam ouvido a expressão e sabiam seu sentido idiomático ou se lembravam, mas não sabiam seu sentido idiomático ou, ainda, se não lembravam nem sabiam seu sentido idiomático. Por sua vez, a tarefa B, “Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica”, consistiu em, antes, durante ou depois da aplicação do Protocolo Verbal, os informantes atribuírem sentido idiomático à expressão dada a partir de alternativas de múltipla escolha. Já a tarefa C, o “Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão”, disponibilizava aos sujeitos, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do Protocolo Verbal de ajuda técnica, na Tarefa B, de modo a evidenciar a frequência de uso de estratégias de

compreensão e as estratégias bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento de seis expressões idiomáticas do experimento. Assim, os participantes deveriam descobrir o sentido de 15 expressões idiomáticas em Português a partir de itens de múltipla escolha. Seguindo o mesmo modelo de Irujo (1996), as respostas às perguntas do TDF (Teste de Decisão Fraseológica), foram pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta “não sei” ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta.

Relativamente ao segundo experimento, Martins (2013) aponta que as expressões em L2 *engolir sapos*, *fazer gato e sapato*, *esquentar a cabeça* e *botar as manguinhas de fora* (com equivalentes em L1) corroboraram a hipótese de que falantes não nativos do PB apresentam na memória fraseológica, simultaneamente, a expressão e seus parâmetros sintáticos. A mesma hipótese, por outro lado, não se confirmou para: *pegar em (um) rabo de foguete* e *rasgar seda* – para as quais não há paráfrases em crioulo.

Martins (2013) verifica que, em todas as expressões avaliadas, exceto em *rasgar seda*, o conhecimento do sentido de pelo menos um dos componentes léxicos da expressão idiomática possibilitou aos informantes acessar o sentido idiomático da expressão. Segundo o autor, o mesmo não ocorreu com a expressão *rasgar seda*, uma vez que o item léxico *seda*, em muitos países africanos, refere-se a *dinheiro em notas*, assim, para esta última expressão, não há compartilhamento do sentido idiomático entre africanos, brasileiros e portugueses.

No terceiro experimento da série (ou “Teste de Competência Fraseológica”), Martins (2013) valeu-se de quatro tarefas: tarefa A – “Teste de Verificação da Identificação Fraseológica”, no qual os participantes eram solicitados a realizar uma identificação fraseológica a partir de uma imagem que poderia evocar uma expressão idiomática; tarefa B – “Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica” em que os sujeitos declaravam, após ouvirem a expressão idiomática falada em voz alta, pelo entrevistador, se se lembravam ou se já haviam ouvido e conheciam o sentido idiomático, ou ainda, se se lembravam, mas não sabiam os sentidos ou, ainda, se não lembravam e nem sabiam seu sentido idiomático, levando em conta respostas em L1 ou L2. A tarefa C deste terceiro experimento – o “Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica” – era o seguinte: antes, durante ou depois da aplicação do Protocolo Verbal, os informantes deveriam atribuir sentido idiomático à expressão dada,

a partir de sua L1 ou L2; por fim, a tarefa D, o “Teste de Verificação de Estratégias de Compreensão”, consistiu em disponibilizar aos informantes, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do Protocolo Verbal de ajuda técnica, nas tarefas A e B, de modo a verificar a frequência de uso de estratégias de compreensão e as estratégias bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento de seis expressões idiomáticas.

Em seu terceiro experimento, Martins (2013), elencaram-se as expressões idiomáticas: *comer com os olhos* (com correlato em L1), *fazer boca de siri*, *ir pentear macaco*, *encher linguiça*, *pisar em ovos* e *falar pelos cotovelos*. A hipótese de que zoomorfismos e somatismos favorecem a idiomaticidade fraca (maior transparência, por sua composicionalidade) parece ser sustentada pelo comportamento dos falantes frente a expressões como *ir pentear macaco* e *comer com os olhos*, mas não por *fazer boca de siri* e *falar pelos cotovelos*, respectivamente. Isso ocorre, segundo o autor, pelo fato de estas últimas não terem correspondente na L1 e, dessa forma, as estratégias *top-down*, as quais enfatizam o contexto e os conhecimentos linguísticos prévios, não favorecerem, aos informantes, o acesso ao sentido idiomático das expressões. O autor exemplifica as dificuldades enfrentadas pelos informantes salientando que, em crioulo, *siri* é traduzido por *kacre*, o que dificulta a correspondência na L1; por sua vez, a expressão *falar pelos cotovelos* foi compreendida literalmente como “dar uma cotovelada”, situação na qual alguém realiza uma leve pressão com o cotovelo em outra pessoa para chamar-lhe a atenção.

Já as expressões *encher linguiça* e *pisar em ovos* não se mostraram compatíveis com a hipótese de que os gastronomismos são de idiomaticidade forte, entretanto, é provável que essa confirmação não tenha ocorrido devido ao contexto ter favorecido a interpretação do sentido idiomático da expressão e, ainda, de já haver registros, em L1, de expressão equivalente – *encher linguiça* – *intxi longuiça*.

No caso do terceiro experimento, o percentual de táticas *bottom-up* (64%) sobressaiu-se em relação ao de estratégias *top-down* (36%). Algumas estratégias *top-down* relacionadas com o contexto, ainda assim, foram utilizadas pelos participantes, neste terceiro experimento, como adivinhar o sentido da expressão a partir do contexto formal; adivinhar o sentido da expressão a partir de alternativas de múltipla escolha; adivinhar o sentido da expressão a partir de contexto informal/ improvisado. Estratégias relacionadas com o sentido literal da expressão; conhecimentos prévios dos

participantes e conhecimentos linguísticos em L1 apresentaram baixas taxas de emprego pelos participantes e baixas taxas de sucesso.

Participaram da série de experimentos 20 estudantes selecionados para o Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) na UFC, Unilab e UECE, e 12 estudantes matriculados em instituições privadas de educação superior no Ceará. Para a análise dos dados dos experimentos, os informantes foram divididos por país, isto é, Cabo Verde e Guiné-Bissau, em 4 grupos de 05 estudantes cada, sendo: a) Grupo 1 (G1): composto por 05 estudantes do gênero feminino de Cabo Verde; b) Grupo 2 (G2): composto por 05 estudantes do gênero masculino de Cabo Verde; c) Grupo 3 (G3): composto por 05 estudantes do gênero feminino de Guiné- Bissau; d) Grupo 4 (G4): composto por 05 estudantes do gênero masculino de Guiné- Bissau.

Martins (2013) realiza algumas críticas ao próprio trabalho de pesquisa. Segundo ele, as 18 expressões idiomáticas testadas representam um número reduzido de itens, além do quê, 20 sujeitos também é um número pequeno de informantes. Outra questão salientada pelo autor é a necessidade de se explorar o contexto no qual figurem as expressões, já que, segundo os achados de sua pesquisa, o uso do contexto é a mais relevante estratégia *top-down* utilizada pelos informantes para que consigam alcançar o sentido das expressões.

O autor aponta ainda que, considerando-se expressões opacas, é possível que, em sua origem, haja carga metafórica, mas não, do ponto de vista sincrônico. Este, conforme Martins (2013), é o caso da expressão *rasgar seda*, que, segundo ele, não é expressão metafórica visto que os informantes não conseguiram depreender seu sentido. Quando diante de expressões não familiares, ou totalmente desconhecidas, não raro, os informantes buscaram pistas no contexto. Quando, entretanto, recorriam a táticas *bottom-up*, mais voltadas aos itens individuais, em geral, fracassaram na tentativa de interpretação.

Falantes de português, nativos, ou não, conclui Martins (2013), possuem acesso direto à idiomaticidade – a expressão idiomática e seu sentido já se encontram constituídos em seu léxico mental. Quando lançam mão de estratégias *top-down*, os falantes não nativos, no caso do trabalho de Martins (2013), tentaram ajustar o sentido das expressões idiomáticas, de forma isolada, ou inseridas no contexto, aos seus próprios conhecimentos sintáticos, metalinguísticos, culturais, históricos, tanto em L1, quanto em L2, no caso, o português na vertente luso-africana. Em seguida, esses informantes retomavam o texto a fim de que pudessem verificar se suas expectativas se

confirmavam, ou não. Concebiam, assim, a compreensão fraseológica como verificação global do sentido idiomático da expressão.

Uma questão central que não é considerada pelo autor, é o fato de que, em virtude da metodologia empregada, que considera apenas medidas *off-line*, não é possível de fato extrair evidências robustas relativas ao processamento e ao acesso das expressões por parte dos falantes. Assim sendo, várias das conclusões apresentadas por Martins são, no mínimo, questionáveis. Em particular, aquelas afirmações relativas ao “acesso direto” ao sentido idiomático das expressões.

Neste capítulo focamos em alguns dos modelos de processamento de expressões idiomáticas apresentados na literatura, o que nos possibilitou alcançar uma compreensão geral acerca das perspectivas segundo as quais o processamento das expressões tem sido concebido. Discutimos também o estudo de Cacciari e Tabossi (1988), o qual serviu de inspiração, em especial para uma de nossas tarefas experimentais. Por fim, trouxemos uma breve descrição de trabalhos (os poucos dos quais se sabe) relativos ao processamento das expressões em português.

Nosso próximo capítulo é dedicado à metodologia empregada nesta pesquisa e à apresentação dos experimentos psicolinguísticos desenvolvidos no âmbito desta dissertação.

5. Processamento de expressões idiomáticas do PB: um estudo experimental

Logo na introdução deste trabalho, ficou estabelecido que, em geral, as expressões idiomáticas são caracterizadas por muitos autores como sendo cadeias de palavras cuja interpretação não se deriva de forma composicional a partir da interpretação de suas partes. Muitas expressões, todavia, parecem admitir a algum grau de decomposição já que é possível verificar nelas uma distância menor entre os sentidos literal e figurado (como em *passar a bola* ou *descer do pedestal*) e muitas outras – embora não necessariamente sejam decomponíveis – apresentam contrapartida literal, como no caso de *quebrar o gelo* ou *chutar o balde* (GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS, NAYAK, et al. 1989; NUNBERG, 1978). Além disso, vimos que as expressões diferem em termos de seu nível de cristalização (MUELLER & GIBBS, 1987), do tipo de operações sintáticas às quais podem ser submetidas (FRASER, 1970), e também relativamente a outros aspectos importantes no que tange ao modo como são processadas e compreendidas, como o nível de familiaridade dos falantes, o contexto discursivo no qual aparecem inseridas, por exemplo.

Foi justamente diante dessa gama de fatores, tanto intrínsecos às próprias expressões quanto externos a elas, que delimitamos o nosso problema de pesquisa a partir das seguintes questões:

- (i) Em que medida, os aspectos anteriormente levantados se mostram relevantes no processamento de expressões idiomáticas pelos falantes no que diz respeito à sua compreensão?
- (ii) Esses aspectos atuam de forma isolada ou a compreensão das expressões depende da interação de um conjunto de fatores?
- (iii) Levando em consideração o curso temporal de processamento, os fatores levantados podem influenciar em alguma medida qual sentido é acessado em primeiro lugar (idiomático ou literal)?

Em nossa pesquisa empírica, salientamos, foram incluídos os seguintes tipos de expressões idiomáticas verbais:

- i) Verbo + NP – como em $VP[*dar* NP[*zebra*]]$.
- ii) Verbo + DP – como em $VP[*chutar* DP[*o* NP[*balde*]]]$.
- iii) Verbo + PP – como em $VP[*carregar* PP[*em* DP[*as* NP[*tintas*]]]]$.

A pesquisa da qual a presente dissertação é resultado foi desenvolvida seguindo os moldes da metodologia adotada pela Psicolinguística experimental. Nesse sentido, além da revisão e discussão da literatura relevante, foram conduzidos dois experimentos visando à obtenção de evidências que possam colaborar para uma melhor compreensão do modo como os falantes lidam com as expressões idiomáticas selecionadas. O Experimento 1 consiste em um teste de leitura automonitorada conduzido a partir de uma tarefa de *maze* (*Maze Task*). O Experimento 2, por sua vez, foi conduzido por meio de uma tarefa de decisão lexical, inserida nos moldes do paradigma de *priming* intermodal (*cross-modal priming*).

Antes de passar para o relato experimental propriamente dito, na próxima seção, trazemos um conjunto de informações importantes na caracterização da abordagem experimental, além de apresentar uma descrição geral das técnicas experimentais utilizadas.

5.1. O método experimental

A metodologia adotada em nossa pesquisa foi de cunho dedutivo, na qual parte-se de hipóteses, formulam-se previsões em função das hipóteses elaboradas para, então, proceder à aplicação de uma atividade experimental que permita verificar de forma empírica tais previsões. Esse tipo de metodologia fornece meios para que o experimentador controle de forma sistemática os fatores a serem investigados. Isolam-se as variáveis a serem investigadas para que se obtenham dados que serão contrastados com as previsões iniciais. Apesar de criarem contextos artificiais, métodos de natureza experimental permitem o controle de variáveis que possam afetar o fenômeno a ser explorado, com o intuito de se testar o efeito de uma ou mais variáveis selecionadas, independentemente do efeito das demais.

A metodologia experimental é bastante empregada na Psicolinguística¹⁸, visto que esta disciplina dedica-se ao estudo dos processos mentais subjacentes à produção e à compreensão da linguagem. A Psicolinguística estuda a percepção, a produção, a compreensão e a aquisição da linguagem, dessa forma, a metodologia experimental mostra-se particularmente interessante para o teste de hipóteses sobre determinados fenômenos, a partir do estabelecimento de relações entre as variáveis previamente

¹⁸ No âmbito da Psicolinguística, além do método experimental, e a depender do fenômeno específico investigado e da população a ser avaliada, também é empregado o denominado método naturalista.

estabelecidas. Como, na maioria das vezes, não é possível se ter acesso direto ao objeto de estudo – isto é, às representações e às operações mentais subjacentes à produção e à compreensão da linguagem – o método experimental em Psicolinguística consiste em avaliar o comportamento (e/ou resposta neurofisiológica) dos sujeitos na realização de testes, os quais envolvem alguma tarefa linguística.

Segundo Fernández e Cairns (2011), os experimentos conduzidos no âmbito da Psicolinguística oferecem dados empíricos relevantes para o desenvolvimento e avaliação de teorias no que concerne ao modo como a linguagem é adquirida e/ou processada. As autoras salientam que um experimento sempre se relaciona com alguma espécie de comparação entre elementos de uma mesma classe, os quais, entretanto, apresentam variações no que diz respeito a alguma propriedade. Podem ser comparadas duas ou mais unidades linguísticas, (como dois tipos de fonemas), ou outros aspectos – unidades não linguísticas (como no caso do contraste entre participantes com *backgrounds* linguísticos diferentes, ou materiais apresentados em línguas diferentes, por exemplo). Essas são variáveis que podem ser testadas de forma experimental.

Fernández e Cairns (2011) frisam que, nos experimentos em Psicolinguística, em geral, há os materiais experimentais e os distratores. Os primeiros são aqueles ligados à hipótese experimental. Geralmente, os materiais experimentais compõem um subconjunto de um conjunto maior de materiais. Os materiais distratores, por sua vez, são apresentados de forma intercalada aos experimentais e podem apresentar-se como a maioria dos *trials* da sessão experimental. A inclusão de materiais distratores possui a finalidade de “disfarçar” o objetivo real do experimento e, por idêntica razão, o mesmo participante não ouve ambas as versões de uma mesma sentença experimental, por exemplo. Os materiais distratores, dessa maneira, servem para distrair os informantes em relação ao fato de que eles estão ouvindo, ou lendo, por exemplo, várias sentenças do mesmo tipo. Segundo as referidas autoras, caso os informantes percebam o que o experimento pretende testar, é possível que eles passem a adotar certas estratégias no decorrer do experimento, o que comprometeria os resultados.

Fernández e Cairns (2011) também se atêm à diferença existente entre procedimentos *off-line* e procedimentos *online*. Nos primeiros, conforme as autoras, as respostas se dão posteriormente ao momento em que a linguagem foi de fato processada. Esse é o caso, por exemplo, de questionários de compreensão. Já os procedimentos *online* permitem aos psicolinguistas obter evidências relativas a perguntas sobre o modo como o processamento da linguagem se dá em tempo real.

Nesse tipo de procedimentos, é possível medir o comportamento dos participantes no decorrer da tarefa experimental, levando em consideração os tempos de reação, por exemplo (Ex. o tempo despendido pelo participante para responder, através do comportamento de pressionar um botão, ou de fornecer uma resposta verbal).

Vale comentar que as condições experimentais (obtidas a partir da combinação das variáveis independentes previamente delimitadas) apresentadas a todos os sujeitos constituem as variáveis do tipo “dentre-sujeitos” (*within subjects*). Já variáveis independentes, tais quais idade, sexo ou mão dominante (esquerda/direita) dos sujeitos são do tipo “entre-sujeitos” (*between subjects*), pois dividem os sujeitos em grupos diferentes. Também podem ser definidas variáveis grupais em função de características da própria tarefa experimental (e não apenas dos participantes). No nosso Experimento 1, por exemplo, os participantes foram separados em dois grupos em função do tipo de contexto linguístico fornecido durante a realização da tarefa. Neste caso, *contexto*, foi delimitado como variável independente grupal (entre-sujeitos). Já no nosso Experimento 2, os participantes foram separados em três grupos a depender do tipo de palavra-alvo com o qual se deparariam ao final da escuta de cada sentença. Assim, nesta tarefa experimental, o tipo de palavra-alvo é que foi delimitado como variável independente grupal (entre-sujeitos).

Fernández e Cairns (2011) salientam que é preciso ter em mente que os resultados reportados pelas pesquisas psicolinguísticas geralmente consistem em uma média das respostas de muitos participantes acerca de muitos itens, e, ainda, que é preciso também que se tenha em mente que, além do cálculo da média, o pesquisador precisa submeter os dados do experimento a testes estatísticos para que ocorra a confirmação, ou não, da confiabilidade de uma determinada diferença observada entre duas condições. Segundo as autoras, na maioria dos experimentos em Psicolinguística, testes estatísticos costumam ser aplicados tanto em dados baseados em participantes, quanto em dados baseados em itens, tudo isso para que se verifique se as diferenças observadas são estatisticamente significativas, o que permite ao pesquisador da área confirmar a eficácia da variável testada. O nível de significância estatística estipulado na área é $p < .05$, i.e. uma probabilidade igual ou menor a 5% de um certo dado ter sido registrado em virtude de fatores distintos daqueles efetivamente investigados no experimento em questão. Nesses casos, a diferença observada é julgada confiável, o que significa dizer que as mesmas diferenças devem poder ser observadas novamente a

partir de uma nova amostra de participantes com as mesmas características, ou a partir de um mesmo conjunto de itens construídos a partir dos mesmos critérios.

Cabe ainda dizer que os dados obtidos a partir da aplicação dos experimentos e submetidos a testes de inferência estatística são discutidos à luz dos pressupostos teóricos adotados.

5. 2. Técnicas experimentais utilizadas

Nesta seção, apresentamos uma caracterização geral das técnicas experimentais e tarefas utilizadas nos experimentos conduzidos. Em primeiro lugar descrevemos a técnica de leitura automonitorada e a tarefa de labirinto (*maze task*) utilizadas para a elaboração do Experimento 1 e, em seguida, apresentamos o paradigma de *cross-modal priming* e a tarefa de decisão lexical empregadas no nosso segundo experimento.

5.2.1. Leitura automonitorada – *Maze task*

A leitura automonitorada é uma técnica que permite investigar o processamento *online* de sentenças ou trechos maiores. Pelo fato de permitir mensurar de forma precisa (milésimos de segundo) o tempo de resposta do informante, tarefas conduzidas a partir dessa técnica acabam refletindo o tempo de processamento de uma sentença, ou de um segmento de sentença, no momento em que ocorre.

Na técnica de leitura automonitorada, os informantes leem sentenças na tela de um computador, as quais se encontram segmentadas em palavras ou segmentos maiores. O próprio participante controla o tempo de leitura do qual necessita para cada segmento, pois vai pressionando um determinado botão do teclado do computador, ou de outro dispositivo utilizado para realizar os registros, a saber: *mouse, joystick, caixa de botões*. O tempo despendido pelo participante entre o momento em que ele lê cada segmento na tela do computador e o momento em que pressiona o botão indicado para que o próximo segmento apareça na tela (o chamado tempo de resposta, TR) é gravado, uma vez que será analisado posteriormente.

Segundo Marinis (2010), a técnica de leitura automonitorada baseia-se no pressuposto de que TRs maiores na leitura de alguns segmentos indicariam um processamento mais demorado. Esse processamento poderia estar sofrendo interferência, por exemplo, da agramaticalidade da sentença, da violação de uma

expectativa, ou de um processo de re-análise, por exemplo. (JUST, CARPENTER & WOOLEY, 1982 apud MARINIS, 2010).

A palavra ou segmento a ser monitorado não é necessariamente aquela que gera a agramaticalidade, ou a anomalia, mas aquela que se segue à agramaticalidade, ou à anomalia. Marinis (2010) frisa que a pressuposição básica que subjaz a tarefa é a de que os informantes, inconscientemente, tornam-se mais vagarosos assim que se deparam com as anomalias, de forma que eles apresentam tempos de resposta maiores para as palavras que as sucedem. Um fator altamente relevante neste tipo de técnica é que os informantes não percebem qual é a palavra causadora do “problema” (agramaticalidade, por exemplo) e assim, os RTs refletem um processo inconsciente.

As sentenças a serem utilizadas em experimentos que empregam esta técnica precisam obedecer a certos padrões de extensão e de estrutura, de modo a evitar a atuação de fatores não controlados, os quais possam interferir nos resultados do experimento. É importante, como instrumento de favorecimento da concentração dos participantes, a utilização de testes, ou perguntas de compreensão ao final das frases. Esses testes reforçam a validade dos resultados uma vez que, em geral, minimizam os riscos de os participantes pressionarem o botão de forma automática.

A *Maze Task* (tarefa de *Maze*) – selecionada para a elaboração do nosso Experimento 1 – consiste em uma proposta alternativa ao paradigma padrão de leitura automonitorada palavra por palavra ou segmento por segmento¹⁹. A tarefa de *Maze* visa a forçar que o informante realize uma integração incremental de cada nova palavra ou segmento ao contexto prévio. Trata-se de uma situação artificial, a qual, ainda assim é capaz de revelar de forma mais precisa o complexo processo de integração linguística. Nos experimentos utilizando essa tarefa, o informante segue uma sentença através de um labirinto. Como ilustra a Figura 1, o participante vê duas palavras/trechos ao mesmo tempo e apenas uma das opções é a correta para continuar a sentença.

¹⁹ <http://www.u.arizona.edu/~kforster/MAZE/>

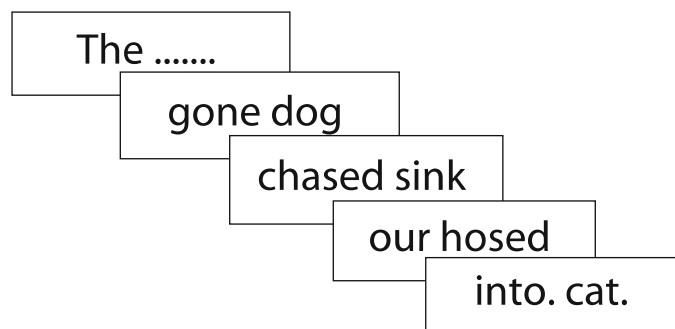


Figura 1: Sequência de telas apresentada durante uma tarefa típica de *maze* (FORSTER, GUERRERA & ELLIOT, 2009, p. 164).

Segundo Forster, Guerrera e Elliot (2009), há algumas vantagens relativas a essa tarefa: primeiramente, como dissemos, ela força o informante a realizar um processamento estritamente incremental sem a ocorrência de efeitos de *spillover*²⁰, o que oferece uma estimativa mais precisa do custo do processamento de cada palavra. Outra vantagem relativa a essa tarefa diz respeito ao fato de que a taxa de processamento é desacelerada, o que não traz problemas relativos à sincronização do pressionamento das teclas com a taxa de leitura. Uma terceira vantagem, conforme os autores, consiste no fato de que a decisão requerida – qual palavra (no nosso caso, qual segmento) dá continuidade à sentença – é, de certa forma, direta. Por fim, não é necessário incluir um teste de compreensão até porque a tarefa não pode ser finalizada, a menos que a sentença seja completada/compreendida. Forster, Guerrera e Elliot (2009) salientam que cada palavra ou segmento precisa ser processado de forma cuidadosa a fim de que se determine se ele se integra, ou não, às palavras previamente escolhidas. Dessa forma, os informantes precisam encontrar-se comprometidos com a totalidade da estrutura a cada escolha requerida.

Forster, Guerrera e Elliot (2009) esclarecem que a *Maze Task* não consiste em um processo de leitura natural, como ler um livro, ou um texto na tela de um computador, entretanto é capaz de fornecer dados *online* precisos acerca do processamento das sentenças.

Um ponto desfavorável a esse tipo de tarefa diz respeito à possibilidade de o informante, eventualmente, ir avançando para as telas seguintes sem ter integrado o material ao contexto prévio de forma completa, o que é especialmente indesejável se se

²⁰ A noção de *spillover* é relativa a um aumento no custo de processamento que se manifesta temporalmente de forma tardia, reverberando para além do momento pontual em que o participante se depara com a estrutura processualmente custosa.

considera que o objetivo da tarefa em questão consiste em fornecer medidas *online* de processamento de dificuldades a cada ponto da sentença. Nesse sentido, é importante que as escolhas dos segmentos também sejam tidas em conta na análise (e não apenas os TRs).

5.2.2. *Priming* intermodal e decisão lexical

Efeitos de *priming* estão associados à memória implícita, ou seja, são relativos à possível influência que um evento antecedente (denominado *prime*) tem sobre o desempenho em um evento posterior (chamado de *target* – alvo). Tais efeitos podem ser de tipo positivo. (i.e. quando os participantes de uma tarefa apresentam uma tendência a responder mais rapidamente frente a um item precedido de outro semelhante) ou negativo (quando o *prime* faz com que o tempo de reação frente ao alvo seja mais lento).

De acordo com Marinis (2010), no paradigma de *priming* intermodal (*cross-modal priming*, também chamado de “multimodal” em português), os participantes escutam uma sentença e, na sequência, veem uma palavra ou uma figura na tela do computador, a qual é considerada o alvo. Além disso, os participantes são orientados para realizar uma determinada tarefa relacionada com o alvo. O paradigma é considerado intermodal porque o *prime* e o alvo correspondem a modalidades diferentes. No caso do experimento conduzido por nós, o *prime* é de natureza auditiva e o alvo, visual (uma palavra apresentada por escrito).

No caso específico da tarefa de decisão lexical, os participantes devem escolher um entre dois botões – previamente referidos nas instruções do experimento – para classificar o alvo como sendo palavra real, ou não-palavra de uma certa língua.

Em linhas gerais, a técnica de *priming* intermodal vinculada a uma tarefa de decisão lexical resulta um método confiável de se verificar a ocorrência de ativação de interpretações de sequências de segmentos que entram em competição, por se apresentarem, por exemplo, lexicalmente ambíguos (ZWITSERLOOD, 1989; GOW & GORDON, 1995; TABOSSI, BURANI & SCOTT, 1995; GASKELL & MARSLEN-WILSON, 1996 apud MARINIS, 2010). São variadas as relações a serem levadas em conta quando da confecção de *primes* e alvos (*targets*) utilizados nas tarefas de *priming*. Normalmente, são utilizados alvos que podem ser relacionados semântica e associativamente aos *primes*. Esse é o caso, por exemplo, do par “gato e cão”, cujos elementos não só apresentam sentidos semelhantes, como também, são, em geral

associados, i.e. a maioria dos informantes, em uma tarefa de associação livre, costuma relacionar o alvo “cachorro” à pista “gato”.

Por outro lado, também costuma haver associações entre *prime* e *target* mesmo na ausência de qualquer relação semântica, mas apenas pela frequência com a qual determinadas palavras co-ocorrem, como, por exemplo, é verificado entre “sociedade” e “pilar”. Dessa forma, o *priming* associativo não requer que haja acesso ao sentido da mesma forma que o *priming* semântico o faz.

A seguir, reportamos os experimentos conduzidos no âmbito desta dissertação.

5.3. Experimento 1: Investigando o papel do grau de idiomaticidade, familiaridade e contexto prévio na compreensão de expressões idiomáticas

Nesta seção, descrevemos nosso primeiro experimento, em que utilizamos uma tarefa de *maze* e reportamos os resultados obtidos. A tarefa concebida buscou criar uma situação na qual os informantes deviam selecionar o complemento do verbo das expressões, sendo que as opções apresentadas correspondiam ao complemento idiomático da expressão ou a um outro complemento possível. Por exemplo, para a expressão “abrir o coração” os possíveis complementos apresentados após o verbo “abrir” foram “o coração” e “a porta”. Em todos os casos, o complemento idiomático competia com um sintagma (NP, DP, ou PP) possível como complemento do verbo, o qual, entretanto, impossibilitava a obtenção de uma expressão idiomática. Foram medidos os tempos de resposta, além do número de respostas alvo (i.e. escolha do complemento idiomático) para cada condição. Além disso, o experimento também teve o objetivo de avaliar em que medida a inserção das expressões idiomáticas em contextos mais, ou menos informativos (com relação ao sentido idiomático da expressão) poderia facilitar o reconhecimento da expressão como tal, fazendo com que os sujeitos se valessem de tempos de resposta menores para realizar sua escolha e que registrassem um maior número de respostas alvo.

5.3.1. Método

Nossa hipótese é que o processamento de expressões idiomáticas é influenciado por fatores diversos, os quais envolvem tanto características intrínsecas da própria expressão (como o grau de *idiomaticidade*) quanto o nível de familiaridade do falante com a mesma e o próprio contexto discursivo no qual a expressão aparece. Desse modo,

um modelo que vise a dar conta do processamento de tais estruturas precisará, de alguma forma, incorporar essas variáveis para poder dar conta das eventuais diferenças registradas na compreensão de diferentes tipos de expressões.

A partir dessa hipótese de trabalho, o Experimento 1 teve como objetivo geral investigar o processamento de expressões idiomáticas no PB e avaliar se determinados fatores (tanto intrínsecos quanto externos à expressão) podem favorecer ou dificultar seu processamento. Assim, no primeiro experimento buscamos pesquisar o papel do grau de *idiomaticidade*, da *familiaridade* do falante com a expressão e do *contexto sentencial prévio* no processamento de expressões idiomáticas do tipo V + complemento. Consideramos como variáveis independentes:

- *Familiaridade*: comparando expressões familiares *versus* raras – variável within-subjects;
- *Idiomaticidade*: comparando expressões mais transparentes *versus* mais opacas – variável within-subjects, e
- *Contexto sentencial*: comparando contextos mais ou menos informativos quanto ao possível sentido idiomático da expressão; sendo esta terceira variável, um fator grupal, uma vez que cada grupo foi exposto a um único tipo de contexto.

Por sua vez, as variáveis dependentes consideradas neste experimento são: tempo de leitura/escolha do complemento do verbo núcleo da expressão e número de respostas-alvo – compreendido aqui como o número de vezes que o informante optou pelo sintagma que completava a expressão idiomática.

O segmento crítico analisado nesta tarefa experimental foi o 7º segmento das frases, o qual se iniciava com o complemento do V da expressão idiomática, como em:

(44) Passar_{DP}[a bola];

(45) Dar_{NP}[zebra];

(46) Sentar_{PP}[na graxa].

Em função das variáveis independentes delimitadas, obtivemos um *design 2x2x2* (*idiomaticidade x familiaridade x contexto*) o que gera um total de quatro condições experimentais, como exposto e exemplificado abaixo, associadas a dois contextos possíveis (mais ou menos informativo). Neste experimento, a delimitação das condições depende crucialmente de características da própria expressão idiomática. Nesse sentido, uma mesma expressão não pode fazer parte de mais de uma condição. Por esse motivo,

contexto foi considerado como um fator grupal. Isto é, as mesmas expressões foram inseridas em frases correspondentes a contextos mais ou menos informativos, mas cada participante só teve acesso a uma única ocorrência de cada expressão. Na seção relativa aos *Materiais* apresentaremos os critérios detalhados relativos a seleção das expressões utilizadas no experimento.

- i) Condição 1: expressões idiomáticas mais transparentes e familiares – Ex. *passar a bola; arregaçar as mangas; sacudir o esqueleto.*
- ii) Condição 2: expressões idiomáticas mais transparentes e raras – Ex. *esconder o leite; virar alcanfor; ensacar fumaça.*
- iii) Condição 3: expressões idiomáticas opacas e familiares – Ex. *armar barraco; dar zebra; pintar o sete.*
- iv) Condição 4: expressões idiomáticas opacas e raras – Ex. *enfeitar o pavão; cair as telhas; sentar na graxa.*

Foram levantadas as previsões, geradas a partir do *design* estabelecido e tendo como base a hipótese delineada.

- i) Expressões familiares inseridas em contextos mais informativos devem registrar os menores tempos de reação e um número significativamente maior de respostas-alvo quando comparadas com as restantes condições;
- ii) Expressões opacas e pouco familiares, em contextos menos informativos devem registrar os maiores TRs, quando comparadas com as restantes condições, além de um número significativamente menor de respostas-alvo (opção pela complementação metafórica);
- iii) Caso uma maior decomponibilidade associada às expressões tenha um efeito “facilitador” no processamento (como pode ser inferido a partir dos resultados de vários estudos discutidos no Capítulo 4 – cf. GIBBS & GONZALES, 1985; GIBBS et al., 1989; GIBBS & NAYAK, 1989; PETERSON et al., 2001, dentre outros), espera-se que as expressões mais transparentes registrem TRs significativamente menores quando comparadas às expressões opacas;
- iv) Em virtude da extrema variabilidade encontrada nas expressões idiomáticas, espera-se que os três fatores explorados interajam entre si, influenciando o desempenho dos participantes, o que deve gerar efeitos de interação entre as variáveis e não apenas efeitos principais.

Participantes

Participaram do experimento 40 informantes no total: todos demonstraram compreender as instruções de forma satisfatória, bem como executaram a tarefa corretamente e em tempo hábil, de forma que os resultados de todos eles foram considerados na posterior análise dos dados. Os voluntários foram divididos aleatoriamente em dois grupos em função do tipo de material apresentado na tarefa: sentenças contendo expressões inseridas em contextos mais e menos informativos quanto ao possível valor idiomático das mesmas. Todos os participantes eram estudantes universitários de cursos diversos, com idades variando entre 17 e 36 anos (21,5 – idade média), dos quais 9 homens e 31 mulheres.

Materiais e procedimento

Para a realização dessa primeira tarefa experimental, foram escolhidas 24 expressões idiomáticas, sendo seis por condição experimental. Antes da preparação das sentenças experimentais propriamente ditas, levamos a cabo a seleção das expressões utilizando duas atividades de pré-teste: uma tarefa de *cloze* e outra de paráfrase. Os voluntários que participaram dessas tarefas não participaram do Experimento 1, mas conformaram um grupo independente.

Inicialmente, construímos uma lista de 40 expressões (sendo 10 por condição), tomando como base a distinção estabelecida por Leah (s/d)²¹. Assumindo que expressões idiomáticas podem ser classificadas num *continuum* das mais transparentes para as mais opacas temos o seguinte espectro de idiomaticidade:

Transparentes → Semi-transparentes → Semi-opacas → Opacas

- Expressões transparentes: seu sentido pode ser facilmente inferido a partir do sentido dos seus constituintes. Os componentes têm um sentido literal e geralmente a própria expressão tem contrapartida literal, mas a combinação entre eles também gera o sentido figurado (*see the light* → “compreender” / *passar a bola* → passar um problema ou responsabilidade para alguém).

²¹ Texto disponível em:

http://www.theroundtable.ro/Current/Language/Claudia_Leah_Idioms_Grammaticality_and_Figurativeness.pdf

- Expressões semi-transparentes: neste caso a expressão carrega um sentido figurativo que não pode ser inferido apenas a partir da soma das partes (Ex. *break the ice* → “aliviar a tensão”, equivalente à expressão *quebrar o gelo* do PB). O sentido de cada uma das partes tem um papel menor na construção do sentido figurado do que nas expressões transparentes.
- Expressões semi-opacas: o sentido figurado não pode ser extraído das palavras que constituem a expressão. A expressão é separada em duas partes: uma parte com sentido literal e outra com sentido figurado. Unidades fraseológicas pertencem a essa categoria (Ex. *to know the rope* → “saber como um determinado trabalho deve ser feito”. Um exemplo do PB poderia ser *descascar um abacaxi*).
- Expressões opacas: o sentido figurado nunca pode ser extraído da interpretação literal das partes. Assim, é impossível inferir o sentido real da expressão a partir do sentido dos seus componentes, já que – geralmente – temos a presença de itens contendo referências culturais. Esses itens culturais específicos têm grande influência na compreensibilidade das expressões (Ex. *pintar o sete, dar zebra*).

A classificação apresentada acima é granular demais para ser operativa na seleção das expressões para nosso experimento, já que nem sempre é fácil separar uma expressão transparente ou opaca de uma outra semi-transparente ou semi-opaca. Assim, optamos por agrupar esses tipos e considerar apenas dois grupos de expressões: transparentes/semi-transparentes *versus* opacas/semi-opacas.

Na sequência, foram construídas 40 sentenças nas quais as expressões inicialmente selecionadas foram inseridas. Essas sentenças, foram avaliadas em um teste de *cloze*, aplicado com 29 voluntários. A frase era apresentada numa tela até o verbo da expressão. Os participantes deviam completar a frase (adicionando um complemento). A resposta era dada por escrito, numa folha de respostas previamente entregue aos participantes. A seguir, apresentamos exemplos do material dessa tarefa.

(47) Apesar da pouca idade, Mário tinha algumas atitudes e algumas falas que preocupavam muito a família: ele precisava descer _____ .

(complemento idiomático: *do pedestal*)

(48) O dono daquele imóvel precisava justificar o preço absurdo pelo qual anunciava sua cobertura, assim, ele ficava, o tempo todo, a enfeitar _____ . (complemento idiomático: *o pavão*)

- (49) Na colação de grau dos formandos, o professor homenageado, emocionado, abriu _____. (complemento idiomático: *o coração*)

Participaram deste teste 29 informantes, sendo 20 mulheres (com média de idade de 25 anos) e 9 homens (média de idade foi de 24 anos).

O objetivo desse teste foi avaliar, de forma preliminar, o grau de familiaridade dos falantes com o conjunto de expressões inicialmente selecionadas, a fim de estabelecer uma diferenciação entre expressões mais, ou menos familiares.

Na sequência, os mesmos informantes realizaram uma tarefa de paráfrase. As expressões idiomáticas apareciam por inteiro na tela de projeção e foi solicitado aos participantes que atribuíssem um sinônimo a elas. Os sujeitos, então, liam expressões como as apresentadas em (50-52) e escreviam um possível sinônimo na folha de respostas, previamente entregue. Foi solicitado que colocassem um ponto de interrogação (?) toda vez que não conhecessem a expressão em questão.

- (50) Armar barraco
(51) Chutar o balde.
(52) Sentar na graxa.

Assim como a tarefa de *cloze*, o teste de paráfrase buscou avaliar, sobretudo, o nível de familiaridade apresentado pelos informantes em relação às expressões idiomáticas.

A escolha das 24 expressões efetivamente utilizadas no Experimento 1, foi resultado da combinação dos resultados obtidos nessas duas tarefas, aliado aos critérios de classificação anteriormente apresentados.

O Experimento 1 foi aplicado em um computador portátil, utilizando o programa *Linger*²² que permite gravar o tempo de reação e as escolhas do participante ao longo da

²² O *Linger* é um *software* gratuito utilizado para o desenvolvimento e aplicação de experimentos psicolinguísticos, seja de leitura, ou de escuta. Primeiramente, este programa foi desenvolvido para ser utilizado em experimentos de leitura automonitorada, entretanto, o código do *software* é flexível e pode ser ferramenta para outros tipos de experimentos também. O *Linger* pode ser executado em diversos tipos de sistemas de programação – Unix; Windows; Macintosh, e é capaz de conduzir experimentos com sentenças em diversas línguas, não só em inglês. O pacote *Linger* é formado por 4 programas principais: *Linger* (que aciona o experimento), o *Lingalyzer* (que analisa os dados do experimento), o *Lingrapher* (que gera gráficos de forma rápida) e o *Subjector* (que mantém um banco de dados dos sujeitos e dos experimentos que eles realizaram). Disponível em: <http://tedlab.mit.edu/~dr/Linger/>

leitura. Nossos informantes foram posicionados diante do *laptop* (em ambiente acusticamente isolado), em cuja tela era possível ler as instruções da tarefa a que estavam prestes a ser submetidos. As instruções também foram fornecidas verbalmente pela pesquisadora.

Durante a execução da tarefa, as frases apareciam em segmentos formados por duas alternativas apresentadas lado a lado. Os participantes deveriam decidir qual das alternativas constituía uma continuação coerente da sentença, para, então, pressionar o botão do teclado correspondente à sua decisão. Se a alternativa julgada correta fosse a da esquerda, então o botão da esquerda (←) deveria ser pressionado pelo participante, por outro lado, se a alternativa julgada correta pelo informante fosse a da direita (→), então o botão da direita é que deveria ser a opção dos informantes. Após a reação dos sujeitos – pressionar o botão – a tela imediatamente avançava e mostrava outro par de alternativas. Não foram utilizadas, neste experimento, perguntas de compreensão já que – como foi explicado na seção de metodologia – a tarefa de *maze* permite dispensar esse recurso.

Foram utilizadas 24 sentenças experimentais e 24 distratoras. O número de distratoras foi menor do que a proporção utilizada normalmente em tarefas de leitura (1/2) pelas próprias características da tarefa de *maze*, na qual o material “extra” nas frases funciona também como distrator.

Todas as sentenças foram divididas em oito fragmentos, sendo o sétimo segmento, o crítico, nas frases experimentais. Neste segmento eram apresentadas as duas possibilidades de complementação do verbo. Assim, no sétimo fragmento, o informante se deparava com a possibilidade de complementar um verbo – presente no sexto fragmento – com um NP, ou um DP, ou ainda um PP – idiomático ou não. A seguir, apresentamos um exemplo esquemático do procedimento empregado. Vale salientar que a posição dos segmentos-alvo foi aleatorizada e variada entre os estímulos. Na Figura 2, a sentença corresponde ao *contexto* mais informativo para a expressão *abrir o coração* (classificada como sendo mais transparente e familiar).

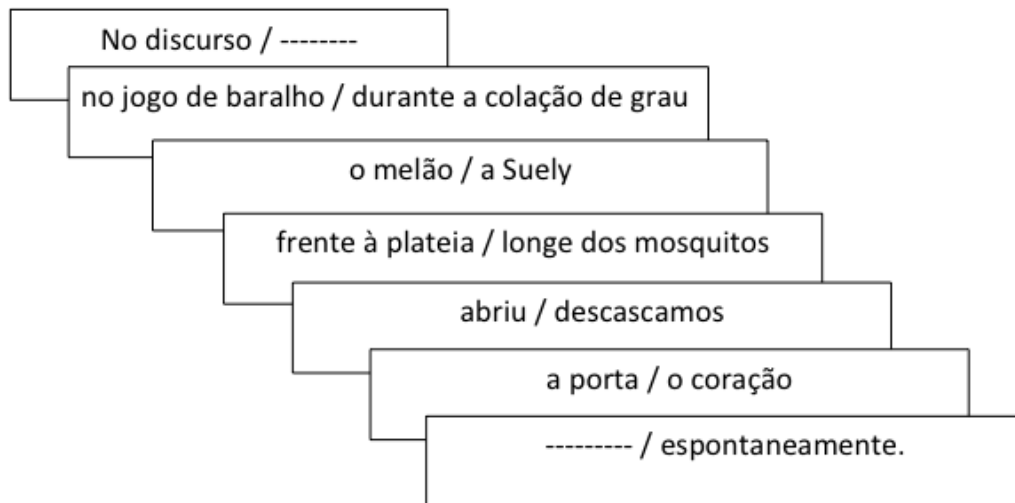


Figura 2: Ilustração esquemática do procedimento do Experimento 1.

Cada sessão experimental teve uma duração de entre 12-15 minutos, desde a chegada do participante no laboratório até a finalização da tarefa. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Anexo VII).

5.2.2. Resultados e discussão

Os dados relativos à primeira variável dependente delimitada (tempo de reação – TR) foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA) com *design* fatorial 2X2X2 (*idiomaticidade* x *familiaridade da expressão* x *contexto*), sendo a última variável um fator grupal e as restantes medidas repetidas. Essa análise revelou um efeito principal de *idiomaticidade* ($F(1,38) = 11,6$ $p=0,001$) com tempos significativamente maiores nas condições que incluem expressões classificadas como mais opacas (Médias: 1748 ms para expressões classificadas como mais transparentes e 2042,62 ms para as expressões mais opacas).

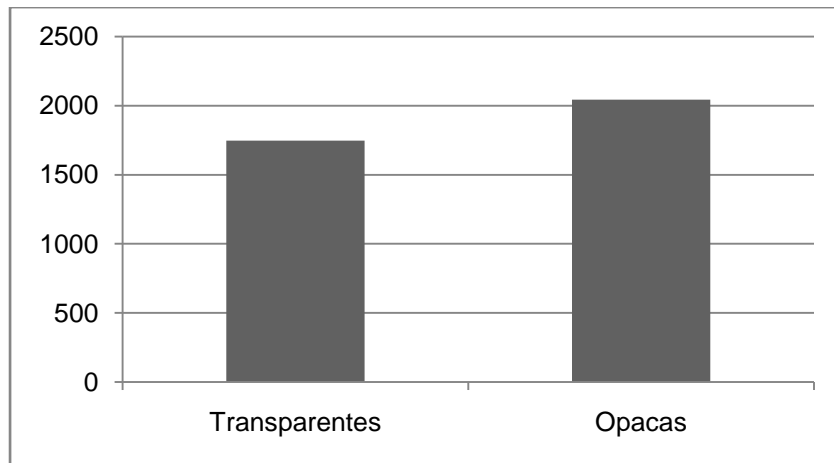


Gráfico 1: Tempo médio de reação em milissegundos em função de *idiomaticidade*.

Ainda com relação aos TRs, foi obtido um efeito principal de *familiaridade* ($F(1,38) = 56,6$ $p=0,000001$) com médias significativamente maiores para as expressões raras (2248,95 ms) em relação às expressões familiares (1541,65 ms).

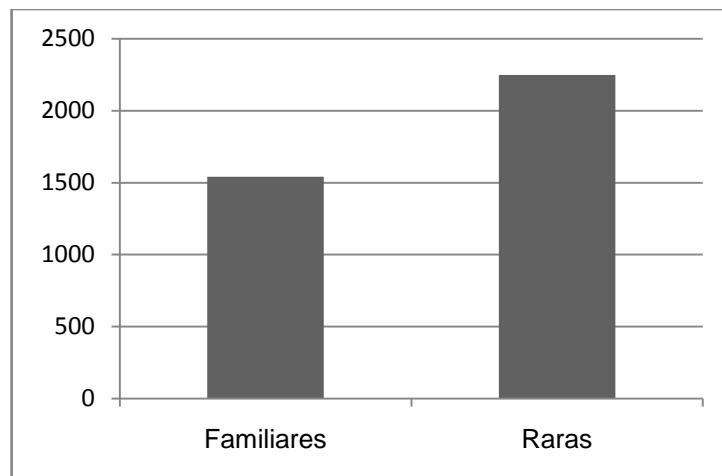


Gráfico 2: Tempo médio de reação em milissegundos em função de *familiaridade*.

O efeito da interação entre *familiaridade* e *contexto* aproximou-se do nível de significância ($F(1,38) = 3,56$ $p=0,06$). As médias foram: 1477,27ms para expressões familiares em contextos informativos; 1606,03ms para expressões familiares em contextos não informativos; 2362ms para expressões raras em contextos informativos e 2136ms para expressões raras em contextos não informativos. Os maiores tempos de reação foram registrados na condição de contexto mais informativo associado a expressões raras.

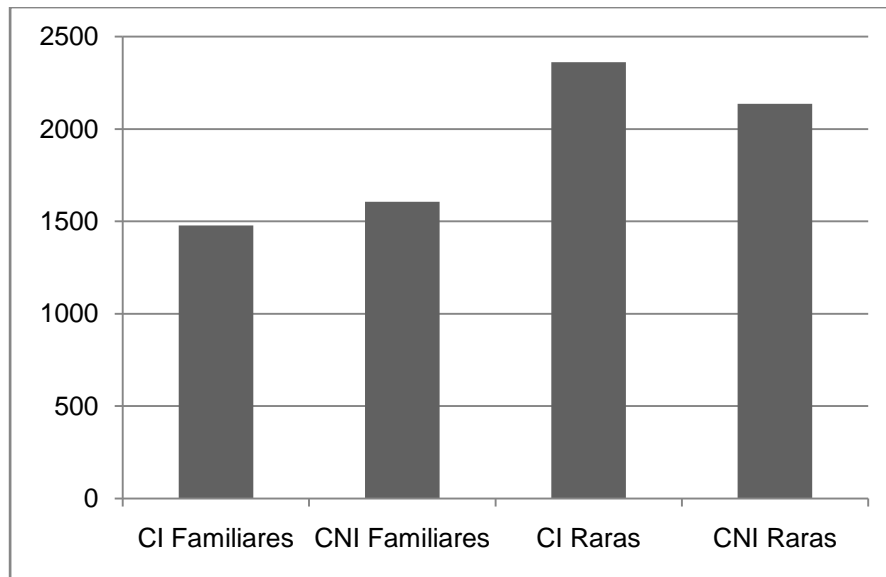


Gráfico 3: Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre *familiaridade e contexto*.

A seguir apresentamos um gráfico que tem como objetivo mostrar as médias de tempo de reação em milissegundos em todas as condições. É possível, a partir dessa imagem, perceber em quais condições os tempos de reação mais se aproximam (contexto menos informativo) e aquelas nas quais os tempos de reação mais se distanciam (contexto informativo, no caso das expressões familiares).

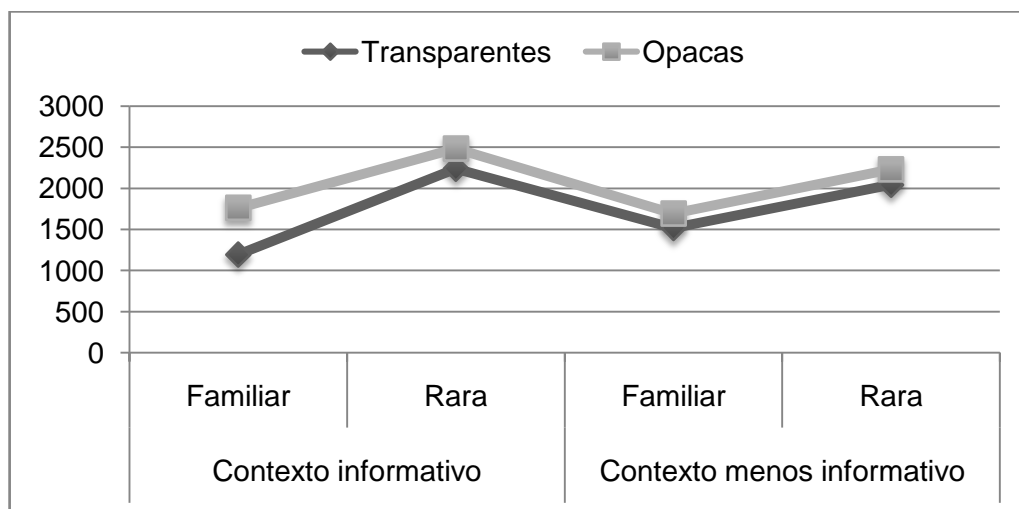


Gráfico 4: Tempo médio de reação por condição experimental e por grupo.

Por sua vez, os dados relativos à segunda variável dependente foram analisados de acordo com o mesmo *design* aplicado para o tempo de reação. Relativamente às médias de resposta-alvo, tivemos, primeiramente, efeito principal de *familiaridade*: ($F(1,38) = 729$ $p=0,000001$). Complementações metafóricas para os verbos das expressões foram selecionadas significativamente mais vezes quando as expressões lidas pelos informantes eram familiares (Médias: 5,37 e 1,98, para expressões familiares e raras, respectivamente; *Max Score* = 6).

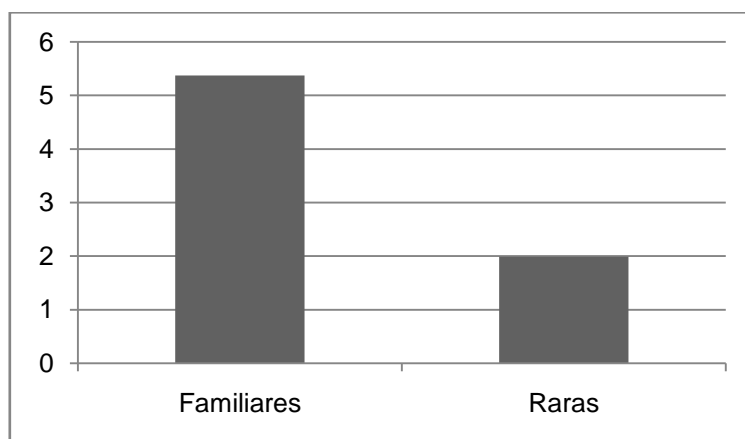


Gráfico 5: Média de respostas-alvo idiomáticas em função de *familiaridade*.

Obtivemos, também, efeito principal de *idiomaticidade* ($F(1,38) = 11,7$ $p=0,001$): complementações metafóricas para os verbos das expressões também foram mais vezes realizadas quando as expressões lidas pelos informantes eram transparentes (Médias: 3,9 e 3,46, para transparentes e opacas, respectivamente).

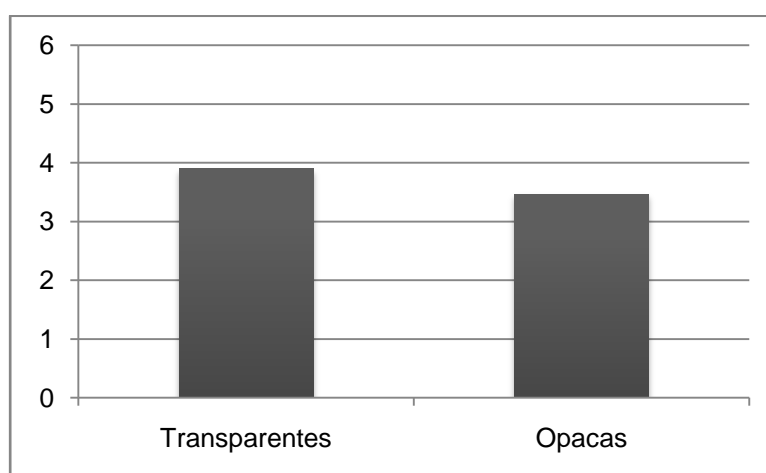


Gráfico 6: Média de respostas-alvo idiomáticas em função de *idiomaticidade*.

A análise apontou ainda um efeito de interação entre *idiomaticidade* e *contexto* ($F(1,38) = 5,07$ $p < 0,03$). Médias: 3,87 expressões transparentes em contextos informativos e 3,92 em contextos menos informativos; 3,72 para expressões opacas em contextos informativos e 3,2 em contextos menos informativos. Expressões opacas em contextos menos informativos receberam o menor número de respostas-alvo.

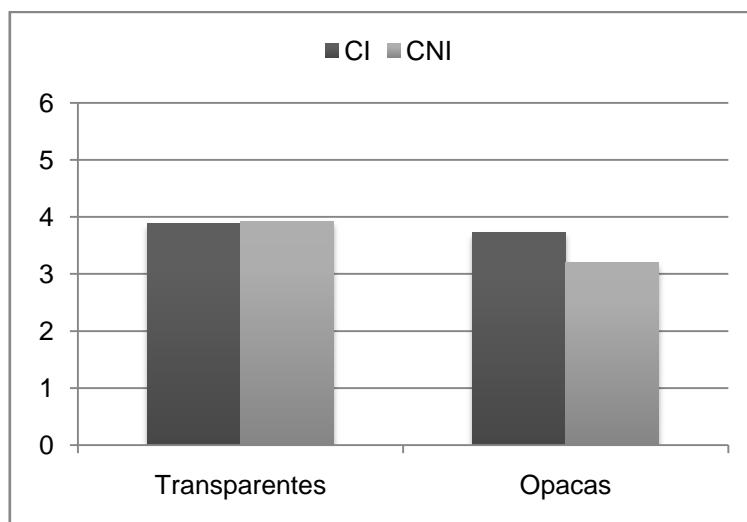


Gráfico 7: Média de respostas-alvo idiomáticas em função de *idiomaticidade* e *contexto*.

Obtivemos também um efeito de interação entre *idiomaticidade*, *familiaridade* e *contexto* ($F(1,38) = 5,42$ $p = 0,02$). As médias por condição são apresentadas na Tabela 1.

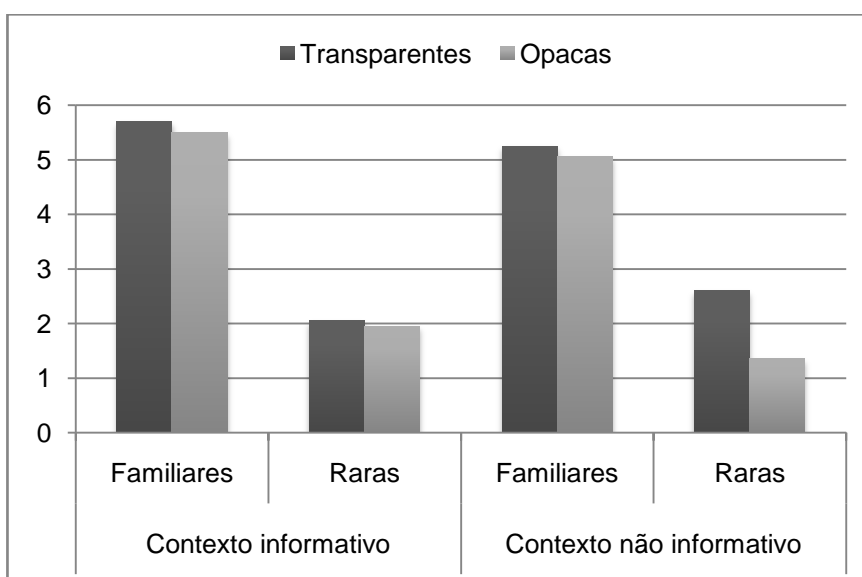


Gráfico 8: Média de respostas-alvo idiomáticas em função de *idiomaticidade*, *familiaridade* e *contexto*.

Grau de idiomaticidade	Contexto mais informativo		Contexto menos informativo	
	Familiar	Rara	Familiar	Rara
Transparente	5,7	2,7	5,25	2,6
Opaca	5,5	1,95	5,05	1,35

Tabela 1: Médias de respostas-alvo por condição experimental.

A princípio, valemo-nos do Teste de Análise de Variância (ANOVA) também relativamente ao número de complementações idiomáticas no teste de leitura automonitorada, a partir da tarefa de *maze* (experimento 1). Embora esses dados constituíssem variáveis discretas, num primeiro momento, aplicamos o teste de análise de variância a eles por desejarmos obter uma ideia global da direção dos efeitos que vínhamos encontrando. Cabe ressaltar que os mesmos dados – número de complementações idiomáticas – obtidos no teste de leitura automonitorada, a partir da tarefa de *maze*, foram analisados, em um segundo momento a partir do Teste de Friedman e do Teste de Wilcoxon – testes estes mais indicados para lidar com variáveis discretas. Em conjunto, os resultados dessas análises se mostram compatíveis com o reportado inicialmente a partir da Análise da Variância.

O teste de Friedman foi aplicado a cada um dos grupos individualmente e revelou um efeito significativo quando consideradas as variáveis analisadas (*idiomaticidade e familiaridade*). Os resultados do teste de Friedman são apresentados na Tabela 2.

Variável Intergruppal - Tipo de Contexto	N	X ²	Graus de Liberdade	p-valor
Grupo 1 (Contexto mais informativo)	20	52,337	3	<0,001
Grupo 2 (Contexto menos Informativo)	20	54,293	3	<0,001

Tabela 2: Resultados da estatística a partir do teste de Friedman.

O teste de Wilcoxon, por sua vez, permitiu a comparação entre pares de condições no interior de cada grupo. Com relação aos resultados do teste de Wilcoxon

(cf. Tabela 2), gostaríamos de chamar a atenção para o fato de, em todas as condições experimentais, ao compararmos ambos os grupos, os resultados terem se apresentado de forma semelhante no que diz respeito a serem, ou não, significativos (sendo considerados como significativos os resultados em que $p < 0.05$). Essa mesma tendência só não foi observada no contraste entre expressões opacas raras e expressões transparentes raras (OR-TR, realçado na Tabela 2 abaixo), em que, apenas no grupo que se deparou com contextos não informativos (G2), obtivemos uma diferença estatisticamente significativa. Esses resultados sugerem que, na ausência de um mínimo apoio contextual, a transparência tenha sido fator fundamental para a complementação idiomática das expressões quando as mesmas eram raras.

Condições Experimentais	G1		G2	
	Z	p-valor	Z	p-valor
TR-TF	-3,976 ^a	<0,001	-3,990a	<0,001
OF-TF	-1,155 ^a	0,248	-1,155a	0,248
OR-TF	-3,941 ^a	<0,001	-3,983a	<0,001
OF-TR	-4,018b	<0,001	-3,960b	<0,001
OR-TR	-0,238^a	0,812	-3,054a	0,002
OR-OF	-3,953 ^a	<0,001	-3,951a	<0,001

Tabela 3: Resultados da estatística a partir do teste de Wilcoxon.

Nossos resultados reforçam a ideia – já aventada na literatura – de que uma maior composicionalidade das expressões pode facilitar seu processamento. As expressões transparentes, de forma geral, registraram significativamente TRs menores e mais escolhas do complemento alvo, independente do *contexto* prévio e do grau de *familiaridade* das mesmas.

No que diz respeito ao nível de *familiaridade* do falante com a expressão, foi possível perceber que expressões mais familiares foram processadas mais rapidamente e completadas pelo seu sentido figurado, na maioria das vezes. Tais resultados foram independentes do tipo de *contexto* (mais ou menos informativo) e do grau de *idiomaticidade*.

Não foram registrados efeitos principais de *contexto*; isto é, quando considerado isoladamente, este não parece influenciar significativamente o processamento das expressões. No entanto, quando associado com as outras variáveis, esse fator se

mostrou relevante: expressões opacas receberam um número maior de respostas-alvo quando inseridas em contextos mais informativos. O tipo de contexto teve efeito (de acordo com os TRs) no caso das expressões raras, mas não das mais familiares.

No que tange aos TRs, vimos ainda que o efeito de interação entre *familiaridade* e *contexto* ficou próximo do nível de significância. Uma ampliação da amostra original seria importante para verificar se tal resultado se mantém e atinge o nível de significância estatística. Em linhas gerais, identificou-se um processamento mais rápido para expressões familiares em contextos informativos e um processamento mais lento para expressões raras, também em contextos mais informativos, o que pode sugerir que mais informação, relacionada a expressões desconhecidas dos falantes, pode ter gerado mais dúvida e, conseqüentemente, aumento de seu tempo de processamento.

O efeito de interação entre *idiomaticidade* e *contexto*, obtido na análise das médias de resposta, ocorreu no sentido de que: expressões transparentes receberam um número semelhante de complementos idiomáticos, independente do tipo de *contexto*. Já, quando as expressões eram opacas, um contexto mais informativo favoreceu a complementação idiomática. Assim sendo, expressões opacas em contextos menos informativos registraram o menor número de respostas-alvo.

Por sua vez, o efeito de interação entre *idiomaticidade*, *convencionalidade* e *contexto*, quando consideradas as médias de resposta, indicou que a maior transparência e a maior familiaridade das expressões idiomáticas de fato mostraram-se fatores altamente relevantes para facilitar o processamento idiomático das mesmas.

Em conjunto, os resultados obtidos no Experimento 1 são consistentes com as previsões levantadas e se mostram compatíveis com a hipótese inicial de que o processamento de expressões idiomáticas é influenciado por fatores diversos que envolvem tanto características intrínsecas da própria expressão (como o grau de *idiomaticidade*), quanto características extrínsecas das mesmas (como o nível de *familiaridade* do falante em relação à expressão), além do *contexto* sentencial no qual a expressão aparece.

5.4. Experimento 2: Investigando o curso temporal do acesso aos sentidos figurado e literal de expressões idiomáticas

Nosso segundo experimento foi inspirado no estudo de Cacciari e Tabossi (1988), resenhado no Capítulo 4. Como vimos, as autoras elaboraram um estudo, em

italiano, acerca da compreensão de expressões idiomáticas. Em seu trabalho, o acesso à compreensão das expressões idiomáticas foi testado, a partir de três experimentos de decisão lexical envolvendo *cross-modal priming*.

Ao longo de nossa resenha acerca do estudo das referidas autoras, fizemos menção a alguns pontos que julgamos um tanto confusos no que tange aos critérios utilizados para a escolha das expressões idiomáticas, em especial, quando as autoras mencionavam que as expressões elencadas para uma das tarefas experimentais poderiam ser completadas de forma literal até sua última palavra.

Neste ponto de nosso trabalho, todavia, gostaríamos de mencionar o fato de que – embora o trabalho de Cacciari e Tabossi seja a inspiração inicial para a elaboração de nosso Experimento 2 – buscamos controlar alguns aspectos que consideramos problemáticos no trabalho original, tanto na seleção das expressões idiomáticas elencadas – no que diz respeito ao tamanho e à eleição de estruturas mais uniformes – V + (NP) (DP) (PP) –, quanto no que tange às palavras-alvo selecionadas para a tarefa de decisão lexical. Diferente do estudo original, em nosso experimento todas as palavras alvo pertencem a mesma classe gramatical – substantivos.

O objetivo geral desse segundo experimento foi o de identificar, a partir dos tempos de resposta na tarefa de decisão lexical, se seriam mais prontamente acessados os alvos literais, ou os alvos idiomáticos tendo o participante ouvido previamente uma frase contendo uma expressão como último segmento. Nesse sentido, buscamos avaliar ainda, em que medida dois dos fatores investigados no Experimento 1 (*idiomaticidade* e *familiaridade*) poderiam ser relevantes na ativação inicial dos sentidos literal ou figurado das expressões.

5.4.1. Método

O pressuposto metodológico fundamental que subjaz ao Experimento 2 é a noção de *priming* semântico apresentada anteriormente. Para avaliar em que medida uma expressão idiomática (tomada como *prime*) pode facilitar a ativação de itens lexicais relacionados com seu sentido literal ou idiomático, valemo-nos de uma tarefa de decisão lexical.

As variáveis independentes foram, assim como no Experimento 1, *idiomaticidade* e *familiaridade*. Neste caso, essas duas variáveis foram combinadas com a variável grupal *tipo de palavra-alvo* (literal/ idiomática/ não relacionada). As variáveis

dependentes foram o tempo de reação para a tarefa de decisão lexical e a própria decisão em si: se palavra, ou não-palavra da língua portuguesa, para cada *trial*.

Com base nos resultados obtidos no Experimento 1, nossa hipótese inicial é a de que há variações relativas ao processamento de expressões idiomáticas, a depender de quão familiares elas são para os falantes, além de seu grau de maior, ou menor transparência (*idiomaticidade*) e, por fim, da qualidade do contexto em que se inserem as sentenças com as expressões idiomáticas. No entanto, nosso primeiro experimento não é informativo quanto ao tipo de interpretação que seria mais rapidamente ativada em função desses fatores (*idiomaticidade, familiaridade e contexto disponível*).

Levando em consideração estudos prévios disponíveis (inclusive, o de Cacciari & Tabossi (1988)), levantamos as seguintes previsões:

- (i) O tempo de resposta na tarefa de decisão será menor frente a alvos idiomáticamente relacionados quando a expressão apresentada for familiar e opaca;
- (ii) Levando em consideração os resultados prévios em função da *idiomaticidade*, expressões transparentes e familiares devem ativar tanto alvos literais quanto idiomáticos;
- (iii) Expressões opacas e raras devem ativar apenas alvos literais enquanto expressões transparentes raras podem eventualmente ativar também alvos idiomáticos (em função de uma maior proximidade entre seu sentido literal e idiomático);
- (iv) Não são esperadas diferenças quanto ao número de julgamento dos alvos (definidos como palavra ou não palavra), já que todas as palavras-alvo experimentais pertencem ao léxico do PB.

Participantes

Sessenta e três informantes participaram do experimento e foram separados em três grupos em função do *tipo de palavra alvo* a que seriam expostos. Os dados relativos a três desses participantes foram excluídos da análise já que esses voluntários não atingiram o percentual mínimo de acertos necessário na tarefa de verificação de memória, utilizada como pós-teste (apresentada na seção de *Materiais e procedimento*). Assim, vinte participantes formaram o grupo ao qual foram apresentados alvos idiomáticos, vinte, o grupo ao qual foram apresentados alvos literais e, por fim, vinte

foram do grupo ao qual foram apresentados alvos controle. Todos os informantes eram graduados, ou graduandos de diversos cursos e apresentavam idade variando de 18 a 52 (30,1 média). Tratava-se de 37 mulheres e 23 homens.

Materiais e procedimento

Vale lembrar que foi utilizada, neste caso, a técnica de *priming* intermodal, em que o *prime* e o *target* são apresentados aos informantes a partir de estímulos de diferentes naturezas: auditivo e visual, respectivamente. Assim, em nosso experimento, os informantes ouviam frases encerradas por expressões idiomáticas e, logo após o fim da última palavra da expressão, aparecia, diante deles, na tela do computador, uma palavra ligada ao sentido figurado da expressão (alvo metafórico), uma palavra vinculada ao sentido literal de algum elemento da expressão (alvo literal), ou uma palavra não relacionada (alvo controle). O informante deveria, então, pressionar as teclas indicadas no laptop como Sim (trata-se de palavra que pertence ao PB), ou Não (não se trata de palavra pertencente ao PB).

O experimento foi elaborado e aplicado através do *software Psyscope*, executado em um *laptop Macbook Pro*. Esse programa permite gravar os tempos de reação, bem como a resposta dos participantes. Durante a realização da tarefa, os participantes ouviam uma sentença via *headphone* acoplado ao mesmo computador e, na sequência, uma palavra aparecia no centro da tela, momento em que o voluntário realizava a tarefa de decisão lexical.

As expressões idiomáticas utilizadas no primeiro foram mantidas para o segundo experimento, bem como as frases, com mínimas alterações. No Experimento 2, foram utilizadas as sentenças correspondentes ao contexto mais informativo do Experimento 1, com a eliminação do último segmento daquelas, de modo que o segmento final das frases foi a própria expressão idiomática. Os exemplos em (53)-(55) ilustram o material utilizado. Vale lembrar que cada participante ouvia a frase uma única vez e avaliava apenas uma das palavras alvo na tarefa de decisão lexical.

(53) Os bandidos, assim que ouviram a sirene da viatura, deixaram o local correndo e *viraram alcanfor*. Palavra-alvo: FUGA – VAPOR – MULHER.

(54) Finalmente, após anos de terapia, a Ana está valorizando seu tempo e esforço e parou de *ensacar fumaça*. Palavra-alvo: DESPERDÍCIO – LABAREDA – DINOSSAURO.

(55) O José era muito arrogante e prepotente, até sua mãe pensava que ele devia *descer do pedestal*. Palavra-alvo: HUMILDADE – ESCULTURA – CHURRASQUEIRA.

As sentenças foram previamente gravadas e editadas por meio do *software Praat*. Como já mencionado, todas as palavras alvo eram substantivos e o tamanho dessas palavras foi controlado de modo que os alvos idiomático, literal e não relacionado associados a uma determinada expressão tivessem tamanhos equivalentes entre si. Foram utilizadas um total de 24 sentenças experimentais e 24 sentenças distratoras. No caso das sentenças distratoras, as palavras que apareciam na tela eram sempre não-palavras.

O experimento foi realizado em ambiente silencioso, no qual os informantes ficaram de frente para a tela do notebook, utilizando headphones apropriados. Como os sujeitos foram instruídos a realizar uma tarefa de decisão lexical (responder se cada palavra surgida na tela do notebook, diante de si, pertencia, ou não, ao Português Brasileiro - PB), eles pressionavam uma tecla para “sim” (colorida de verde e marcada com “SIM”, no teclado do notebook) e outra para “não” (colorida de vermelho e marcada com “NÃO”, no teclado do notebook) imediatamente após o acesso à imagem de cada vocábulo. A seguir, apresentamos um exemplo esquemático do procedimento utilizado.

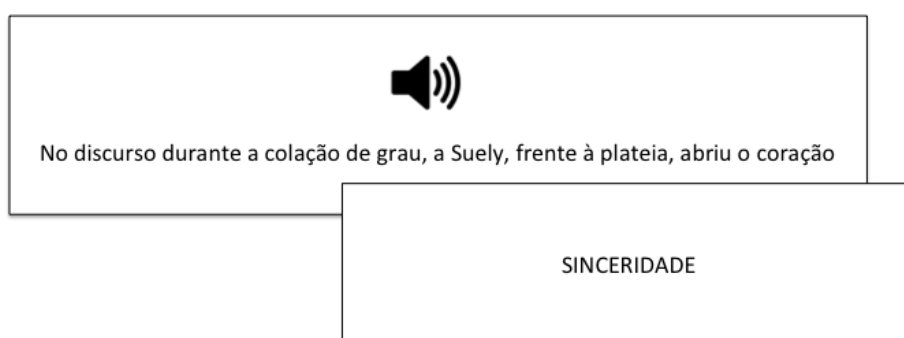


Figura 3: Ilustração esquemática do procedimento do Experimento 2.

Todas as orientações acerca da tarefa haviam sido apresentadas verbalmente e por escrito para os informantes, que tiveram, ainda, a oportunidade de realizar um pequeno treinamento e de tirar eventuais dúvidas que pudessem ter surgido.

Logo após o experimento, cada participante deveria responder um questionário formado por 10 perguntas relativas ao conteúdo das sentenças ouvidas durante o

experimento, o qual tinha como objetivo averiguar se o informante havia se concentrado no que ouvira. Apenas aqueles que acertaram, no mínimo 60% do questionário, foram mantidos como informantes do experimento. Essa proporção foi a mesma considerada no estudo original de Cacciari e Tabossi (1988).

5.4.2. Resultados e discussão

Os dados relativos ao TR na decisão lexical foram submetidos a uma análise da variância com *design 2x2x2* (*palavra alvo x idiomaticidade x familiaridade*), sendo o primeiro um fator grupal e os restantes medidas repetidas. Os resultados apontaram para um efeito principal de *familiaridade* ($(F_{1,57}) = 5,01$ $p < 0,029121$), com as expressões raras registrando tempos menores que as familiares. As médias foram 1058,9ms para expressões familiares e 1019,65ms para expressões idiomáticas raras. Embora a diferença entre ambas as condições seja pequena em termos absolutos, ela se mostrou estatisticamente significativa. Esse resultado pode estar relacionado com o fato de que expressões raras devem ativar apenas um tipo de alvo (seja ele literal ou figurado) e, com isso, o tempo de decisão lexical pode ser mais reduzido nesses casos do que quando mais de uma interpretação está disponível.

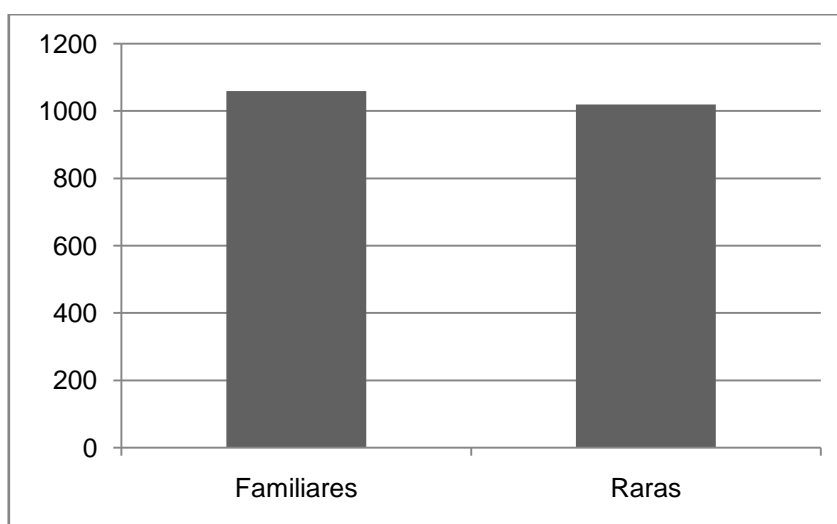


Gráfico 9: Tempo médio de reação em milissegundos para efeito principal de *familiaridade*.

Foi constatado também um efeito de interação entre *palavra-alvo* e *idiomaticidade* ($(F_{2,57}) = 12,5$ $p < 0,000032$). Com as seguintes médias: 1104,15ms para expressões transparentes diante de alvos idiomáticos; 1186,61ms para expressões opacas diante de alvos idiomáticos; 1060,06ms para expressões transparentes diante de

alvos literais; 1009,75ms para expressões opacas diante de alvos literais; 983,56ms para expressões transparentes diante de alvos-controle; 891,48ms para expressões opacas diante de alvos-controle.

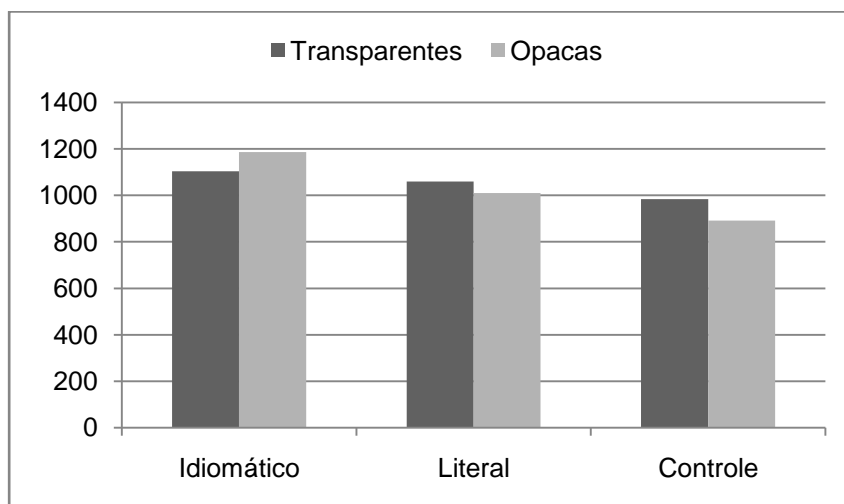


Gráfico 10: Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre *palavra alvo* e *idiomaticidade*.

Houve ainda um efeito de interação entre *palavra alvo* e *familiaridade* ($F_{2,57} = 12,4$ $p < 0,000034$). No Gráfico 10 é possível observar que apenas para palavras-alvo literais, parece haver diferença entre expressões familiares e raras, sendo que as últimas estão associadas a TRs menores na decisão lexical.

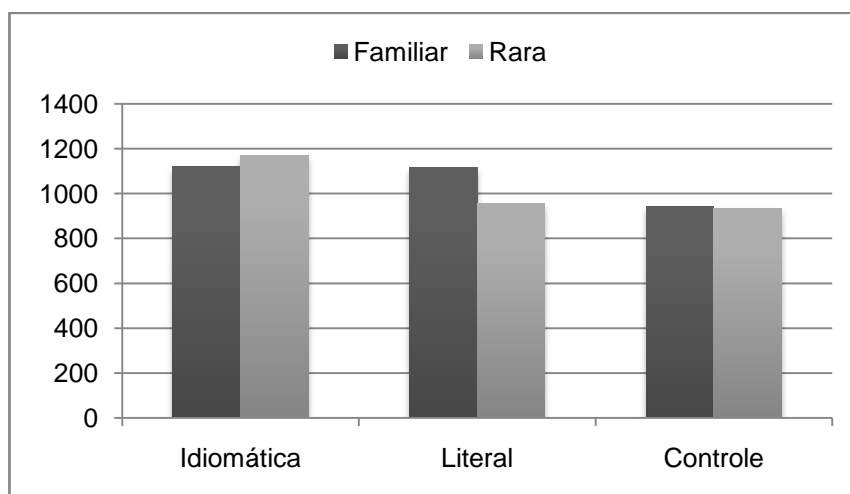


Gráfico 11: Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre *palavra alvo* e *familiaridade*.

Por último, foi registrado efeito de interação entre as três variáveis investigadas: *palavra alvo x idiomaticidade x familiaridade* ($F(2,57) = 3,85$ $p < 0,02$). As médias por condição são apresentadas na Tabela 2 abaixo.

Grau de idiomaticidade	Palavra idiomática		Palavra literal		Palavra não relacionada	
	Familiar	Rara	Familiar	Rara	Familiar	Rara
Transparente	1139,9	1102,9	1158,2	1070,1	962,3	919,9
Opaca	1068,4	1270,3	961,9	949,4	1004,8	863,1

Tabela 4: Tempo médio de reação em milissegundos por condição.

Com relação a esse último efeito de interação, no Gráfico 11 é possível observar que, em geral, alvos não relacionados registraram TRs menores do que os alvos idiomáticos e literais. Para as expressões transparentes e familiares não houve diferença entre alvos idiomáticos e literais ($t(38) = 0,13$ $p = 0,9$). Também não foi registrada diferença entre os alvos relevantes nas expressões opacas e familiares: embora o alvo literal tenha sido mais rapidamente acessado do que o idiomático, essa diferença não se mostrou significativa ($t(38) = 0,26$ $p = 0,79$). O resultado foi semelhante para as expressões raras e transparentes: também não houve diferença entre alvo literal e idiomático ($t(38) = 1,05$ $p = 0,3$). Diferentemente, as expressões opacas e raras registraram os maiores TRs – em comparação com todas as demais condições – quando o alvo era idiomático (esse resultado está destacado na Tabela 2 acima). A diferença entre alvo literal e idiomático foi significativa nesta condição ($t(38) = 1,96$ $p = 0,05$).

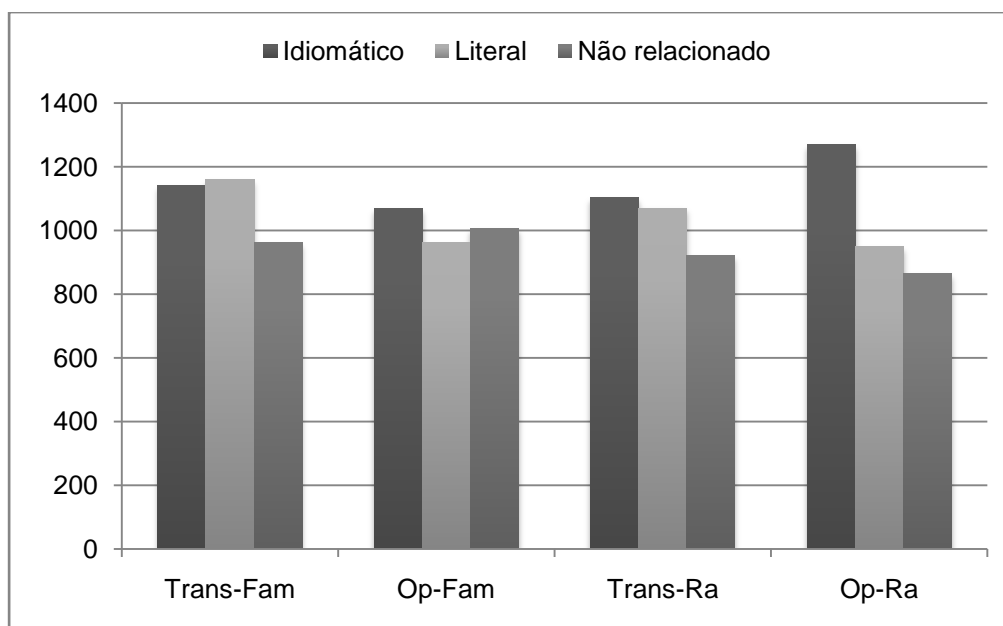


Gráfico 12: Tempo médio de reação em milissegundos em função da interação entre *palavra alvo*, *idiomaticidade* e *familiaridade*.

Como previsto, a média de julgamentos das palavras (na tarefa de decisão), não registrou diferenças, ficando próxima de 100% de acertos para todas as condições.

O efeito principal de *familiaridade*, com as expressões raras sendo associadas a tempos de decisão menores do que as mais familiares parece contrariar, em alguma medida, o observado no Experimento 1. No entanto, é preciso lembrar que as tarefas utilizadas em ambos os experimentos não são equivalentes. Assim, os tempos maiores de reação para as expressões familiares no segundo experimento, não são indicativas de um processamento mais “lento” das expressões em si, mas de uma decisão mais demorada no julgamento da palavra alvo. Uma possível interpretação neste caso é que as expressões menos comuns ativariam um número menor de sentidos “competidores”, enquanto as mais conhecidas poderiam favorecer a ativação de um maior número de informações semanticamente relacionadas, fato que influenciaria na decisão lexical.

Os resultados obtidos reforçam e ampliam o observado no primeiro experimento com relação ao papel da composicionalidade no processamento das expressões. Foi verificado que expressões mais transparentes ativam igualmente alvos literais e idiomáticos, até mesmo quando elas são menos familiares. Um resultado interessante na mesma direção diz respeito ao fato de os alvos literal e figurado também serem igualmente acessados diante de expressões opacas e familiares (já que não foi constatada diferença entre essas condições). Esse resultado se mostra compatível com a ideia de que – mesmo nas expressões mais idiomáticas – algum grau de decomposição é

possível, provavelmente o tipo de decomposição necessário para a computação da estrutura da expressão (incluindo o acesso individual dos itens lexicais que a compõem). Nesse sentido, diante por exemplo de uma expressão opaca como *dar zebra*, essa decomposição inicial da expressão seria suficiente para ativar um alvo literal como “ANIMAL”.

Já no caso das expressões opacas e raras, apenas a palavra literal foi facilmente acessada. O alvo idiomático, por sua vez, registrou a maior média dentre todas as condições. Esse resultado reforça a ideia de que a compreensão do sentido idiomático de expressões pouco composicionais está fortemente atrelada ao conhecimento prévio do falante.

5.5. Síntese dos principais resultados obtidos

Após a análise dos resultados de ambos os experimentos conduzidos nesta pesquisa, parece-nos relevante destacar alguns pontos. Relativamente ao primeiro experimento, percebemos que as expressões transparentes parecem ser, de modo geral, processadas mais rapidamente do que as opacas. Tal resultado se mostra compatível com a ideia de que as expressões não seriam tratadas como “blocos” ou “unidades prontas” durante seu processamento. Essa ideia é consistente também com os resultados do nosso Experimento 2 que sugerem a ativação tanto de alvos literais quanto idiomáticos no caso de expressões transparentes (familiares e raras), mas também quando a expressão é opaca e familiar. Em conjunto, esses resultados parecem ser consistentes com a proposta segundo a qual os itens que compõem a expressão seriam acessados no léxico de forma individual durante o processamento (GIBBS et al., 1989). Vale salientar, no entanto, que os sentidos literal e idiomático apresentam-se mais próximos entre si nas expressões transparentes do que nas expressões opacas, como sugerido pelo fato de que mesmo expressões transparentes raras podem ativar o sentido idiomático. O mesmo não foi verificado quando a expressão é opaca e rara.

Nossos resultados sugerem ainda que mesmo expressões opacas seriam, em algum grau, passíveis de serem decompostas. Salientamos que esses achados não indicam necessariamente que a expressão em si seja primeiramente interpretada como literal e, apenas depois, como idiomática. A decomposição que parece ocorrer estaria vinculada ao acesso lexical dos itens individuais e sua posterior computação sintática e não a uma computação semântica da expressão completa propriamente dita.

Os resultados obtidos nos Experimentos 1 e 2 parecem desafiar as abordagens sobre o processamento de expressões que assumem uma visão “única” ou categórica – seja de acesso direto ou indireto ao sentido figurado – que parecem não dar conta do alto grau de variabilidade envolvido no processamento de tais estruturas. Nossos achados sugerem que os falantes tendem a realizar análises composicionais das cadeias idiomáticas durante a compreensão, nas quais as partes são tidas como independentes, mas não necessariamente literais, e cujos significados contribuem para os sentidos figurados globais dessas expressões (GIBBS & GONZALES, 1985).

Fatores intrínsecos à própria expressão (como o *grau de idiomaticidade*), externos (como o *contexto* prévio) e “mistos” como o nível de *familiaridade* (determinado pela experiência consciente do falante com a expressão em função da sua frequência de uso numa dada comunidade), parecem ser relevantes e precisam ser levados em consideração para uma melhor compreensão do modo como o processamento das mesmas ocorre.

6. Considerações finais

A presente pesquisa buscou contribuir, dentro da perspectiva da Psicolinguística experimental, com a discussão teórica sobre a compreensão da linguagem não literal especificamente no que tange às expressões idiomáticas. Para tanto, a partir da revisão da literatura, procuramos sintetizar as concepções teóricas mais relevantes acerca dos processos envolvidos no processamento das mesmas (representação, acesso e compreensão). Além disso, coube-nos a tarefa de confeccionar, aplicar e reportar os resultados de dois experimentos que julgamos relevantes para nossa pesquisa a fim de que fosse possível avaliar empiricamente o processamento de expressões idiomáticas por falantes de PB. Os experimentos conduzidos tiveram como principal objetivo investigar a importância de um conjunto de fatores – quais sejam, o grau de idiomaticidade, a familiaridade e o contexto prévio – no processamento das expressões.

Destacamos, neste trabalho, que, frequentemente, as expressões idiomáticas são definidas como cadeias de palavras cuja interpretação semântica não se deriva de forma composicional. Em outras palavras, seu sentido não poderia ser extraído a partir da soma de suas partes. As expressões idiomáticas, assim definidas, constituem, segundo Cacciari e Tabossi (1988), um desafio para a visão tradicional da compreensão da língua, de acordo com a qual é necessário haver o reconhecimento das palavras que compõem uma sentença, para que se recuperem seus sentidos individuais a partir do léxico mental, de forma que elas sejam combinadas, estabelecendo relações gramaticais e, só como resultado desse processo, parece ser possível a compreensão da sentença de forma integral.

Relativamente às expressões idiomáticas, entretanto, ressalvas não de ser feitas:

- i) Muitas expressões admitem a possibilidade de serem interpretadas também como sentenças literais, como ocorre no caso de “passar a bola”, “chutar o balde” ou “arregaçar as mangas”, por exemplo;
- ii) Certas expressões podem ser apelidadas de “muito idiomáticas”, uma vez que dificilmente admitiriam a possibilidade de serem interpretadas como sentenças literais, como no caso de “dar zebra” ou “pintar o sete”;
- iii) Expressões idiomáticas diferem entre si em termos de seu nível de cristalização (MUELLER & GIBBS, 1987);

- iv) Expressões idiomáticas também diferem em relação ao tipo de operações sintáticas às quais podem ser submetidas (FRASER, 1970);
- v) O processamento de expressões idiomáticas parece estar sujeito a interferências de propriedades externas, tais quais: qualidade do contexto em que se inserem, ou nível de familiaridade do falante em relação a esta ou àquela expressão (GIORA, 1997, 1999).

Dessa forma, salientamos em nosso trabalho que, por corresponderem a um fenômeno situado na interface externa (relativa à relação entre sintaxe-discurso/pragmática) da língua, as expressões idiomáticas são processadas de modo mais “instável” ou “menos categórico”: o falante pode necessitar do apoio de aspectos cognitivos diversos dos linguísticos, por exemplo, de seu conhecimento de mundo, para alcançar a compreensão das mesmas. Assim, assumimos como hipótese nesta pesquisa que há, de fato, a influência de vários fatores no processamento desse tipo de expressão não literal – fatores que podem atuar facilitando ou dificultando a compreensão – incluindo o grau de *idiomaticidade* e de *familiaridade* associado a cada expressão.

De modo a atingir os objetivos específicos desta pesquisa – apresentados na introdução desta dissertação e recuperados a seguir – foram elaborados dois experimentos para avaliar a compreensão de expressões idiomáticas do PB formadas por verbo + complemento.

- Investigar o papel do *grau de idiomaticidade* (GIBBS et al., 1989) na compreensão de expressões idiomáticas por falantes de PB (Experimentos 1 e 2);
- Avaliar em que medida o *grau de familiaridade* do falante com a expressão influencia no processamento da mesma (Experimentos 1 e 2);
- Explorar a relevância do *contexto sentencial prévio* – mais, ou menos informativo quanto a um possível sentido figurado – na compreensão das expressões idiomáticas pelos falantes. (Experimento 1).
- Pesquisar o curso temporal do processamento de expressões idiomáticas no que diz respeito ao acesso aos sentidos literal e figurado, em função do grau de *idiomaticidade* e de *familiaridade* da expressão (Experimento 2).
- Articular os resultados experimentais obtidos à discussão teórica prévia sobre o processamento da linguagem não literal e, em especial, das expressões idiomáticas.

Como vimos, os resultados do Experimento 1 se mostram compatíveis com a nossa hipótese inicial de que um conjunto de fatores influencia o processamento de expressões idiomáticas.

O papel do *grau de idiomaticidade*, foi investigado em ambos os experimentos conduzidos. Os resultados sugerem que o nível de decomponibilidade das expressões seria relevante na sua identificação e compreensão. No Experimento 1, foi observado que em uma tarefa de leitura, quanto mais transparentes as expressões idiomáticas, mais rapidamente elas foram processadas, e mais complementações metafóricas foram registradas, independente do e do nível de familiaridade do falante com as mesmas e do contexto prévio. Já no Experimento 2, foi constatado que expressões transparentes parecem ativar igualmente alvos vinculados tanto o sentido literal quanto ao sentido figurado da expressão. Nossos resultados relativos ao papel da idiomaticidade dialogam com estudos prévios que defendem que as expressões não seriam tratadas como “unidades” durante o processamento, mas que sua compreensão envolveria as mesmas etapas previstas para o processamento linguístico em geral (GIBBS et al., 1989; GIBBS & NAYAK, 1989; GIBBS & GONZALEZ, 1985; PETERSON et al., 1989, 2001, dentre outros).

É importante lembrar, neste ponto, que inicialmente Gibbs et al. (1989) consideraram que a análise que os falantes fazem ao ouvir ou ler cada uma das partes nas expressões semanticamente decomponíveis faria com que o processamento delas se tornasse mais lento, se comparado com o processamento de expressões não decomponíveis, as quais, segundo eles, seriam processadas como unidades semânticas cristalizadas. Assim, como vimos anteriormente, a previsão dos referidos autores foi a de que a compreensão de expressões não decomponíveis seria conseguida mais rapidamente justamente por não precisarem passar por uma análise composicional, devido à sua cristalização. Entretanto, os achados de Gibbs et al. (1989) - assim como nossos próprios resultados - foram contrários à essa previsão inicial: os falantes realizam, rapidamente, uma análise composicional das partes individuais das expressões para alcançar o sentido idiomático, apresentando maior lentidão, ao contrário do esperado pelos autores citados, no processamento das expressões não decomponíveis. Vale frisar, no entanto, que tais achados não implicam que o processamento das expressões idiomáticas passe primeiro pelo sentido literal, e que, depois do estranhamento sentido pelo falante, ocorra a recuperação do sentido figurado da

expressão. Podemos afirmar, assim, que nossos resultados vão na mesma direção dos de Gibbs et al. (1989).

No que diz respeito ao nível de *familiaridade* do falante com a expressão idiomática, no Experimento 1 obtivemos evidências no sentido de que expressões mais familiares são processadas mais rapidamente durante a leitura. Em nosso experimento, elas foram ainda completadas pelo seu sentido figurado, na maioria das vezes. Esses resultados foram independentes do tipo de contexto (mais ou menos informativo quanto ao sentido idiomático) e do grau de *idiomaticidade*. No Experimento 2, foi confirmada a previsão de que o conhecimento prévio da expressão é fundamental para ativação do sentido idiomático da mesma. No entanto, observamos também que a *familiaridade* só se mostrou relevante no caso das expressões opacas. Já nas expressões transparentes, o fato de os sentidos literal e figurado serem mais próximos entre si parece facilitar a compreensão da expressão como tal, a despeito dela ser pouco conhecida pelo falante.

Quanto ao papel do *contexto* prévio, não foram registrados efeitos principais dessa variável no Experimento 1 o que pode sugerir que, quando considerado isoladamente, ele não teria uma influência decisiva no processamento das expressões idiomáticas. No entanto, quando associado com as outras variáveis, o contexto mostrou-se relevante: observou-se que expressões opacas receberam um número maior de respostas-alvo quando inseridas em contextos mais informativos, o que, talvez, deva-se à necessidade de haver mais informação substancial para que se compreenda seu sentido metafórico, até pelo fato de não poderem ser deduzidas via interpretação de seus elementos constituintes, de forma individualizada. Cabe destacar que o contexto prévio fornecido pode não ter sido robusto o suficiente para que pudesse ser captada sua relevância efetiva. No caso do nosso Experimento 1, o contexto disponível ficou restrito apenas à informação disponível na sentença, sendo que em situações reais de comunicação o falante usualmente conta com um contexto discursivo prévio muito mais rico.

Em síntese, nossos resultados experimentais são favoráveis ao levantado por propostas de cunho “conciliador” para o processamento da linguagem não literal, propostas estas que, como foi visto: i) salientam a necessidade de se levar em consideração um conjunto de fatores relevantes para a computação do sentido figurado; ii) destacam a fragilidade de abordagens “únicas” (seja nos moldes tradicionais/pragmáticos ou do acesso direto), que não dão conta do alto grau de variabilidade envolvido no fenômeno em questão.

É necessário destacar que nosso estudo experimental apresenta um conjunto de limitações e aspectos que podem – futuramente – ser revisados. Um ponto importante diz respeito à necessidade de um controle mais rigoroso na seleção dos itens e na preparação dos estímulos, nos moldes do previsto pelos denominados estudos normativos (RICCI, 2016). Embora nossos resultados apontem nas direções previstas, seria importante conduzir um *follow up* aplicando critérios mais rígidos de modo a reforçar e consolidar os achados iniciais. Em particular, consideramos que um estudo normativo prévio à seleção das palavras alvo do Experimento 2, seria bastante pertinente. Além disso, também gostaríamos de submeter um número maior de informantes aos pré-testes de *cloze* e de paráfrases na pré-avaliação das expressões idiomáticas a serem testadas.

Como desdobramentos futuros da pesquisa – para além dos ajustes e cuidados metodológicos anteriormente mencionados – pensamos ser interessante aplicar uma nova rodada do Experimento 2 a um segundo grupo de informantes, os quais ouviriam as sentenças correspondentes ao contexto não informativo, para, apesar de não termos encontrado efeito principal de *contexto* em nosso Experimento 1, verificarmos se, de fato, não ocorreria tal efeito na tarefa de decisão lexical. Vale comentar que as referidas sentenças já se encontram gravadas e editadas para iniciar a aplicação da tarefa experimental.

Por fim, futuramente, é de nosso grande interesse voltar a nos debruçar sobre o assunto relativo ao processamento das expressões idiomáticas, focando suas propriedades intrínsecas e externas, a partir, nesse caso, de estudos realizados com populações especiais, como os portadores de TEA – Transtorno do Espectro Autista. De acordo com o DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), em sua quinta versão, esse transtorno é marcado por dois critérios: i) déficits persistentes na comunicação social e na interação social, em múltiplos contextos, além de ii) padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses, ou atividades.

Segundo o DSM-V, muitos indivíduos portadores de TEA apresentam déficits de linguagem, os quais variam de ausência total da fala, passando por atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco, até linguagem explicitamente literal ou afetada. Mesmo quando habilidades linguísticas formais (vocabulário, gramática) estão intactas, o uso da linguagem para comunicação social recíproca está prejudicado no transtorno do espectro autista. Assim, oportunamente, o estudo sobre o

processamento de linguagem não literal (em especial, de expressões idiomáticas) por parte dessa população poderá ser alvo de nossas investigações, uma vez que, através de revisão bibliográfica e de tarefas experimentais adequadas, pensamos que será possível verificar a relevância dos fatores *idiomaticidade*, *familiaridade* e contexto, no processamento das expressões por sujeitos diagnosticados como portadores do referido transtorno.

7. Referências bibliográficas

BLASKO, D. G.; CONNINE, C. M. Effects of familiarity and aptness on metaphor processing. *Journal of experimental Psychology: learning, memory and cognition*, n.19, p. 295-308, 1993.

BOBROW, S.; BELL, S. On catching on to idiomatic expressions. *Memory and cognition*, n.1, p. 343-346, 1973.

BOTELHO, S.; CUTLER, A. Idiom ill-formedness and transformability. In: CACCIARI, C. e TABOSSI, P. *Idioms: processing, structure and interpretation*. New York: Psychology Press, 2014, p. 129-143.

BOWDLE, B. F. & ENTNER, D. The career of metaphor. *Psychological review*, v. 112, n. 1, p. 193-216, 2005.

BÖRJESSON, K. *The notions of literal and non-literal meaning in semantics and pragmatics*. 2011. 277f. Dissertação. Faculdade de Filologia da Universidade de Leipzig.

CACCIARI, C.; TABOSSI, P. The comprehension of idioms. *Journal of memory and language*, v. 27, p. 668-683, 1988.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CARSTON, R. *Thoughts and utterances*. The pragmatics of explicit communication. Oxford: Blackwell Publishing, 2002c.

CERMAK, F. La Identificación de las expresiones idiomáticas. In: LUQUEDURAN, J. D.; PAMIES-BERTRAN, A. (Orgs.). *Lexico y fraseología*. Granada: Método Ediciones, 1988. p. 133-148.

CHAFE, W. Idiomaticity as an anomaly in the Chomskyan paradigm. *Foundations of language*, v. 4, 1968, p. 109-127.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Holland: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: it's nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. New York: Cambridge University Press, 1995.

CHOMSKY, N. *On nature and language*. New York: Cambridge University Press, 2000.

CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and beyond: the cartography of syntactic structure*, 3v. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 104-131.

- CUTLER, A. Lexical complexity and sentence processing. In: FLORES D'ARCAIS, G. B.; JARVELLA, R. Y. (Eds.). *The process of language understanding*. Chichester: Wiley, 1983, p. 43–79.
- ESTILL, R. B.; KEMPER, S. Interpreting idioms. *Journal of psycholinguistic research*, v. 11, p. 559-568, 1982.
- FERNÁNDEZ, E.; CAIRNS, H. S. *The fundamentals of psycholinguistics*. Sussex: Wiley: Blackwell, 2011.
- FERRARI, L. *Semântica cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- FILLMORE, C., J. Frame semantics. In: The linguistic society of Korea. *Linguistics in the morning calm*. Soeul: Hanshin. 1982. p. 111-137.
- FRASER, B. Idioms within a transformational grammar. *Foundations of language*, v.6, p. 22-42, 1970.
- FODOR J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT Press/Bradford Books, 1983.
- FOSTER, I. K.; GUERRERA, C.; ELLIOT, L. The maze task: measuring forced incremental sentence processing time. *Behavior research methods*, v. 41, n.1, p. 163-171, 2009.
- FRASER, B. Foundations of language. *Idioms within a transformational grammar*, v. 6, n. 1, p. 22-42, 1970.
- GIBBS, R.W. et al. How to kick the bucket and not decompose: analyzability and idiom processing. *J. mem. lang*, v. 28, p. 576–593, 1989.
- GIBBS, R. Spilling the beans on understanding and memory for idioms. *Context memory and cognition*, v. 8, p. 149-156, 1980.
- GIBBS, R.; GONZALES, G. Syntactic frozenness in processing and remembering idioms. *Cognition*, v.20, p. 243-259, 1985.
- GIBBS, R. Skating on thin ice: literal meaning and understanding idioms in conversation. *Discourse Processes*, v. 9, p. 17-30, 1986.
- GIBBS, R.; NAYAK, N; CUTTING C. How to kick the bucket and not decompose: analyzability and idiom processing. *Journal of memory and language*, v. 28, p. 576-593, 1989.
- GIBBS, R.; NAYAK, N.; BOLTON, J.; KEPPEL, M. Speakers' assumptions about the lexical flexibility of idioms. *Memory and cognition*, v.17, p. 58-68, 1989.
- GIBBS, R., & NAYAK, N. Psycholinguistic studies on the syntactic behavior of idioms. *Cognitive psychology*, v. 21, p. 100-138, 1989.
- GIBBS, R. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, R. Figurative Language. In: WILSON, R. A.; KEIL, F.C. (Eds.). *The MIT encyclopedia of the cognitive sciences*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1999. p. 314.

GILDEA P.; GLUCKSBERG, S. On understanding metaphor: the role of context. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, v. 22, p. 577-590, 1983.

GIORA, R. On the priority of salient meanings: studies of literal and figurative language. *Journal of pragmatics*, v.31, p. 919-929, 1999.

GIORA, R.; FEIN. O. On understanding familiar and less familiar figurative language. *Journal of Pragmatics*, v.12, p. 1601-1618, 1999.

GLUCKSBERG, S.; KEYSAR, B. Understanding Metaphorical Comparisons: Beyond Similarity. *Psychological review*, v. 97, n. 1, p. 3-18, 1990.

GLUCKSBERG, S.; KEYSAR, B. How metaphors work. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 401-424.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). *Syntax and Semantics: speech*. Berkeley: Academic Press, 1975. p. 41-58.

GRODZINSKY, Y.; REINHART, T. The innateness of binding and coreference. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n.1, p. 69–101, 1993.

HORN, L.; WARD, G. *The handbook of pragmatics*. Malden, MA: Blackwell, 2004.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2002.

JANUS, R. A.; BEVER, T. G. Processing of metaphoric language: an investigation of the three-stage model of metaphor comprehension. *Journal of psycholinguistic research*, v. 14, n.5, p. 473-487, 1985.

KEMPSON, R. *Semantic theory*. London: Cambridge University Press, 1977.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily bases of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSESES, Z.; RADDEN, G. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. *Cognitive linguistics*, v. 9, n.1, p. 37-77, 1998.

LAKOFF G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER M. *A field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p.202-251.

LEVINSON, S. C. *Presumptive Meanings*. The Theory of Generalized Conversational Implicature. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000.

MAKKAI, A.; GATES, J.E.; BOATNER, M.T. *A dictionary of American idioms*. New York: Barron's Educational Series Inc., 2013.

MARINIS, T. On-line sentence processing methods in typical and atypical populations. In: UNSWORTH, S.; BLOM, E. (Eds.). *Experimental methods in language acquisition research*. John Benjamins [Language Learning and Language Teaching], 2010, p.139-162.

MARTINS, V. P. S. *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro*. 2013, 412 folhas. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Ceará.

MCGLONE, S. M.; GLUCKSBERG, S.; CACCIARI C. Semantic productivity and idiom comprehension. *Discourse Processes*, v. 17, p. 167-190, 1994.

MILLER, G. A.; JOHNSON-LAIRD. P. N. *Language and perception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

MONTRUL, S. Subject and object expression in Spanish heritage speakers: a case of morpho-syntactic convergence. *Bilingualism: language and cognition*, v. 7, p. 125-142, 2004.

MUELLER, R. A. G.; GIBBS, R. Processing idioms with multiple meanings. *Journal of psycholinguistic research*, v. 16, n.1, p. 63-81, 1987.

NUNBERG, G. *The pragmatics of reference*. In: Indiana University Linguistics Club, 1978.

NUNBERG, G.; SAG, I.A.; WASOW, T. Idioms. *Language*, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994.

ORTONY, A.; SCHALLERT, D.; REYNOLDS, R.; ANTOS, S. Interpreting metaphors and idioms: some effects of context on comprehension. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, v. 17, p. 465-478, 1978.

ORTONY, A. Beyond literal similarity. *Psychological review*, v. 86, p. 161-180, 1979.

PETERSON, R. R., C.; BURGESS, G. S.; DELL, K.; EBERHARD. Dissociation of syntactic and semantic analyses during idiom processing. In: SECOND ANNUAL CUNY CONFERENCE ON HUMAN SENTENCE PROCESSING, 1989, New York.

PETERSON, R. R.; BURGESS, G. S. DELL; K. EBERHARD. Dissociation between syntactic and semantic processing during idiom comprehension. *J. exp. psychol. learn. mem. cogn.*, v.27, n. 5, p. 1223-37, 2001.

- RECANATI, F. *Literal Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- REINHART, T. *Interface strategies: reference-set computation*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- RICCI, A. Q. *O processamento psicolinguístico da metáfora: um estudo experimental no PB*. 2016, 77 folhas. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- ROTHMAN, J.; SLABAKOVA, R. The Mind-Context Divide: on acquisition at the linguistic interfaces. *Lingua*, v. 121, p. 568-576, 2011.
- RUWET, N. Dubon usage des expressions idiomatiques dans l'argumentation en syntaxe générative. *Revue Québécoise de linguistique*, v.1, n.13, p. 23-43, 1983.
- SAEED, J. I. *Semantics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 92-123.
- SORACE, A.; FILIACI, F. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, v. 22, p. 339-368, 2006.
- SORACE, A.; SERRATRICE, L.; FILIACI, F.; BALDO, M. Bilingual children's sensitivity to specificity and genericity: evidence from metalinguistic awareness. *Bilingualism: language and cognition*, v.12, n. 2, p. 239-257, 2009.
- SORACE, A.; SERRATRICE, L.; FILIACI, F.; BALDO, M. Discourse conditions on subject pronoun realization: testing the linguistic intuitions of bilingual children. *Lingua*, v. 119, p. 460-477, 2009.
- SORACE, A.; SERRATRICE, L.; FILIACI, F. Internal and external interfaces in bilingual language development: beyond structural overlap. *International journal of bilingualism*, v. 13, n. 2, p. 195-210, 2009.
- SORACE, A. Pinning down the concept of "interface" in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, v.1, p. 1-33, 2011.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Blackwell: Oxford, 1995.
- STERN, J. *Metaphor in context*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: the mind-body metaphor in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWINNEY, D.; CUTLER, A. The access and processing of idiomatic expressions. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, v. 18, p. 523-534, 1979.

ULLMANN, S. *The principles of semantics*. Glasgow: Jackson & Oxford Blackwell, 1957.

TSIMPLI, I-M; SORACE, A. Differentiating interfaces: L2 performance in syntax semantics and syntax discourse phenomena. In: BAMMAN, D.; MAGNITSKAIA, T.; ZALLER, C. (Eds.). *Proceedings of the 30th annual Boston University conference on language development*. Somerville: Cascadilla Press, 2006. p.653-664.

TVERSKY, A. Features of similarity. *Psychological review*, v. 84, p. 327-352, 1977.

WHITE, L., Grammatical theory: interfaces and L2 knowledge. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (Eds.). *The new handbook of second language acquisition*. Bingley: Emerald Group Publishing, 2009. p. 49-65.

WHITE, L. The interface hypothesis: how far does it extend? *Linguistic approaches to bilingualism*, v.1, p. 108-110, 2011.

8. APÊNDICE

A) Listagem inicial de expressões idiomáticas do PB, a partir da qual, foram retiradas as expressões utilizadas em nossos “pré-testes” (*cloze* e paráfrase).

V + DP

Abandonar o barco: desistir de uma situação que se repete cotidianamente.
Abotoar o paletó: morrer; falecer.
Abrir o coração: desabafar; declarar-se sinceramente.
Abrir os olhos a alguém: denunciar; revelar detalhes.
Adoçar a boca: procurar atrair os favores de alguém com elogios; dádivas.
Afogar o ganso: fazer sexo (homem).
Amarrar o burro: ficar à toa, ou comprometer-se (relacionamentos amorosos).
Armar um barraco: criar confusão em público, brigando, ou discutindo com alguém.
Arregaçar as mangas: iniciar algo.
Bater as botas: morrer, falecer.
Cair a ficha: perceber.
Lavar a égua: ir à forra.
Chutar o balde: agir irresponsavelmente em relação a um problema.
Dar o braço a torcer: voltar atrás numa decisão; colocar o orgulho de lado.
Dar uma mãozinha: ajudar.
Deitar o cabelo: correr muito.
Ir catar coquinho/ ir tomar banho: ir fazer outra coisa.
Ir pentear macaco: não se intrometer.
Lascar o pudim: acelerar-se; apressar-se.
Não fazer bom cabelo: não ouvir; não servir; não combinar bem.
Pagar o pato: ser responsabilizado por algo que não cometeu.
Passar a bola: deixar o outro resolver algo, ou transferir a vez ao outro.
Pendurar as chuteiras: aposentar-se; desistir.
Perder as estribeiras: perder o controle.
Quebrar o galho: dar solução precária; improvisada.
Receber um balde de água fria: situação inesperada que transforma entusiasmo em desilusão.
Resolver um pepino: solucionar um problema.
Arrancar os cabelos: desesperar-se.
Ser o bode expiatório: ser responsabilizado por uma infração/ crime que não cometeu, ou que cometeu em conjunto com outrem, sendo, neste caso, o único responsabilizado.
Ser um chato de galocha: ser muito chato; aborrecer as pessoas; ser inconveniente.
Ser uma mala sem alça: ser muito chato, inconveniente e difícil de ser tolerado.
Soltar a franga: desinibir-se, geralmente assumindo um lado feminino; alegre.
Virar a casaca: mudar de opinião.

V + NP

Aquestrar água para o mate dos outros: trabalhar para proveito alheio.
Babar ovo: idolatrar alguém incondicionalmente; “puxar saco” .
Engolir sapos: fazer algo contrariado; ser alvo de insultos/injustiças/contrariedades sem reagir/revidar, acumulando ressentimento.
Ensacar fumaça: fazer trabalho inútil.
Enxugar gelo: fazer trabalho inútil.

Fazer vista grossa: fingir que não viu; negligenciar.
Fazer boca de siri: manter segredo.
Lavar roupa suja em público: discutir assunto particular em público.
Prometer mundos e fundos: fazer promessas exageradas.
Ser barbeiro: ser mau motorista.
Sentir dor de cotovelo: sentir inveja.
Sentir dor de corno: sentir despeito amoroso.
Tirar onda: brincar; gabar-se.

V + PP

Agarrar com unhas e dentes: aproveitar a chance ao máximo.
Andar na linha: estar elegante, ou agir corretamente.
Andar nas nuvens: estar distraído.
Armar-se até os dentes: estar preparado para qualquer situação.
Acabar em pizza: não se resolver o problema (punição em casos de corrupção).
Bater na mesma tecla: insistir.
Bater com as dez: morrer.
Conversar com a mão de alguém: quando o assunto é chato o interlocutor não deseja continuar a conversa.
Dormir de toca: bobear.
Estar ao deus dará: estar abandonado; sem rumo.
Fazer nas coxas: fazer algo de qualquer forma; sem dedicação, empenho e boa vontade.
Estar de mãos atadas: não ser capaz de resolver o problema.
Estar com a corda toda: estar animado; empolgado.
Estar dando sopa: estar inadvertidamente vulnerável.
Estar nas tintas: assumir atitude de despreocupação; indiferença; irresponsabilidade.
Estar na aba de alguém: usar algo emprestado para não ter que comprar.
Estar no bico do corvo: estar para morrer.
Estar com dor de cotovelo: estar com ciúmes.
Ser de bom comer: ter boa boca, ou consentir na infidelidade da mulher.
Pensar na morte da bezerra: estar distraído.
Acertar na lata: acertar com precisão.
Acertar na mosca: acertar de primeira; com precisão.
Banhar-se me águas de rosas: ter grande satisfação; deleite; alegria.
Estar no sétimo céu: estar realizado; feliz.
Ir para o espaço/ para as cucuias: não funcionar; falhar.
Ir aos trancos e barrancos: ir de forma desajeitada; atabalhoada.
Sair da aba: parar de tomar pertences emprestados.
Tirar de letra: fazer algo com muita facilidade.
Tomar banho de gato: lavar superficialmente as partes do corpo.
Voltar à vaca fria: voltar ao assunto com o qual se iniciou a conversa.

V + PP + PP

Estar com a cabeça nas nuvens: estar distraído.
Estar com a corda ao pescoço: estar com problemas financeiros.
Estar com a faca e o queijo na mão: ter uma grande oportunidade.
Estar com a pulga atrás da orelha: estar desconfiado.
Estar com aperto no coração: ter um mau pressentimento.
Estar com o pé atrás da porta/de pé atrás: estar desconfiado.
Estar com os pés para a cova/o pé na cova: estar prestes a morrer.
Estar com uma pedra no sapato: ter um problema constante.

Estar de mãos a abanar/abanando: estar sem nada para contribuir.

Estar na mão do palhaço: estar em situação fora de controle.

Fazer com o pé às costas/ de olhos fechados: ter facilidade para executar determinada tarefa.

V + DP/ NP + PP

Achar chifre em cabeça de cavalo: encontrar problemas onde eles não existem.

Achar (procurar) pelo em ovo: achar/ buscar coisas impossíveis.

Abrir mão de algo: desistir de algo.

Arrastar as asas (uma asa) para alguém: enamorar-se; insinuar-se romanticamente para alguém.

Arrumar sarna para se coçar: procurar por problemas.

Botar o carro na frente dos bois: pular ou queimar etapas de forma inapropriada, atrapalhando o andamento da situação.

Colocar melancia/ abacaxi na cabeça: querer se exhibir.

Cutucar a onça com vara curta: provocar alguém; criar problemas com alguém.

Meter o dedo na ferida: tocar em assunto delicado; revelar o ponto fraco ou vulnerável.

Meter os pés pelas mãos: piorar uma determinada situação, em vez de ajudá-la a resolvê-la.

Meter o rabo entre as pernas: calar-se; perder os argumentos.

Mudar do saco para a mala: mudar de assunto.

Pôr as cartas na mesa: expor os fatos.

Pôr mãos à obra: trabalhar com afinco.

Pôr minhoca na cabeça: criar ou refletir sobre problemas inexistentes.

Procurar uma agulha num palheiro: tentar algo quase impossível.

Fazer tempestade em copo d'água: fazer escândalo; ter reações exageradas diante de alguma situação pouco, ou nada grave.

Passar a mão no toco: ser agradecido.

Ser amigo da onça: ser falso; não se importar verdadeiramente com os amigos; ser egoísta.

Tirar água do joelho: urinar.

Tirar o cavalo (cavalinho) da chuva: desistir com relutância, por motivo de força maior.

Trocar alhos por bugalhos: confundir as coisas.

Ter macacos no sótão: ter ilusões; achar que algo muito improvável acontecerá.

B) Sentenças utilizadas no pré-teste de *cloze* e expressões apresentadas no teste de paráfrase.

B.1) Sentenças utilizadas no pré-teste de *cloze*:

1 - Sabíamos que a CPI não iria punir os responsáveis: tudo acabou _____. (Item de treinamento)

2 - Como João precisava muito daquele emprego, não discutia, nem se rebelava contra o chefe: preferia engolir _____. (Item de treinamento)

3 - Ellen conhecia profundamente o assunto; já tinha lido muito a respeito: assim, quando o professor perguntou, ela acertou _____. (Item de treinamento)

4 - O comportamento de Vinícius no encontro de jovens do último mês foi tão ruim que o monitor teve que chamá-lo para lhe passar _____.

5 - Depois de um mês hospitalizado com pneumonia, Seu Aroldo abotoou _____.

6 - Mariana era muito discreta: sempre que alguém lhe confiava algo, por mais que ela quisesse compartilhar a informação, ela fazia _____.

7 - Na festa de casamento do ex-namorado, a Paula armou _____.

8 - Depois de muita terapia, a Ana finalmente percebeu que precisava parar de ensacar _____.

9 - Apesar da pouca idade, Mário tinha algumas atitudes e algumas falas que preocupavam muito a família: ele precisava descer _____.

10 - O dono daquele imóvel precisava justificar o preço absurdo pelo qual anunciava sua cobertura, assim, ele ficava, o tempo todo, a enfeitar _____.

11 - Ontem, durante a resolução do problema de matemática, o professor quebrou _____.

12 - Na família do Pedro, sempre recorriam às mulheres da casa para descascar _____.

13 - Depois de horas esperando o resultado do concurso, Ana informou a todos que, infelizmente, tinha dado _____.

14 - Como viram que nada ia dar certo, os integrantes do comitê, um a um, começaram a abandonar _____.

15 - Na colação de grau dos formandos, o professor homenageado, emocionado, abriu _____.

16 - Após uma noite bem dormida, Ana pensou que já era hora de arregaçar _____.

- 17 - Durante a organização da exibição do filme, Beto precisou que Felipe lhe desse _____.
- 18 - Na família da minha mãe, os mais velhos costumam exigir que os jovens, ao falar com eles, dobrem _____.
- 19 - Na primeira oportunidade que teve, na festa do último sábado, Joana pulou _____.
- 20 - Quando se trata de tomar decisões importantes no trabalho, Vicente sempre passa _____.
- 21- Em dezembro de 1988, Seu José percebeu que já era hora de pendurar _____.
- 22- Sendo Júlia sua grande amiga de infância, Maria fez questão de abrir-lhe _____.
- 23 - Por causa das fofocas maldosas sobre sua irmã durante a reunião, Carolina perdeu _____.
- 24 - Logo antes de enviar os convites para o evento, alguém mandou um presente a Pedro para lhe adoçar _____.
- 25 - Depois de mais de seis meses de muita disciplina, na festa de aniversário do filho, lavou _____.
- 26 - Todas as manhãs quando o Alfredo enrola para sair da cama, a mãe pede para que ele lasque _____.
- 27 - Quanto mais ele se intrometia nos assuntos da irmã, mais ela mandava que ele fosse pentear _____.
- 28 - Mariana aprendeu que na empresa tão competitiva em que trabalha não se pode dormir _____.
- 29 - No primeiro encontro com os sogros, Marina soube exatamente o que fazer para quebrar _____.
- 30 - Com toda aquela idade, não era de se espantar que Seu Josué reclamasse da calvície: de fato, todos percebiam que estavam-lhe a cair _____.
- 31 - Roberta sempre foi muito explosiva: ontem mesmo, durante a aula de Linguística, ao ser contrariada pelos colegas, ela foi _____.
- 32 - Os pais de Keila estavam bastante aborrecidos com ela pelo mau comportamento: ela sabia que, com eles, precisava ficar _____.
- 33 - Era muito difícil para Ellen se concentrar durante a conversa, tanto que as amigas sempre precisavam pedir que ela voltasse _____.
- 34 - Por cometer plágio no projeto de pesquisa, Tiago, que achava que passaria ileso, acabou sentando _____.

- 35 - Por diversas vezes, Guilherme se via em situações nas quais, inadvertidamente, lá estava ele a enxugar _____.
- 36 - Maria considerava Pedro um exímio marido: assim, foi difícil cair _____.
- 37 - Foi um ano de muitos problemas na escola, assim Marcos acabou por chutar _____.
- 38 - Todos que conviviam com João no trabalho já haviam percebido que ele carregava _____.
- 39 - Todos foram embora depois do episódio: só João ficou na sala: por isso pagou _____.
- 40 - Durante todo o passeio, a professora constatou que crianças saudáveis sempre pintam _____.
- 41 - Maria queria muito o emprego, porém, devido a algumas más atuações anteriores, resolveu esconder _____.
- 42 - Teo explicou para o terapeuta que, em casa e no trabalho, seus nervos e ansiedade faziam com que ele subisse _____.
- 43 - Aquele ano estava sendo muito duro para Paulo e Tereza: eram muitas obrigações, muitas responsabilidades... como eles precisavam sair para balançar _____.
- 44 - Mal a sirene da viatura foi ouvida na esquina de uma rua muito escura, os bandidos viraram _____.

B.2) Expressões apresentadas no pré-teste de paráfrase:

- 1 - Pensar na morte da bezerra (Item de treinamento.)
- 2 - Estar com a pulga atrás da orelha (Item de treinamento.)
- 3 - Lavar roupa suja (Item de treinamento.)
- 4 - Armar um barraco
- 5 - Chutar o balde
- 6 - Enxugar gelo
- 7 - Descascar o abacaxi
- 8 - Cair a ficha
- 9 - Virar alcanfor
- 10 - Sentar na graxa

- 11 - Ficar pianinho
- 12 - Esconder o leite
- 13 - Balançar o esqueleto
- 14 - Dobrar a língua
- 15 - Pendurar as chuteiras
- 16 - Passar um sabão
- 17 - Cair as telhas
- 18 - Pular a cerca
- 19 - Carregar nas tintas
- 20 - Arregaçar as mangas
- 21 - Subir pelas paredes
- 22 - Pentear macaco
- 23 - Lascar o pudim
- 24 - Perder as estribeiras
- 25 - Pintar o sete
- 26 - Quebrar o galho
- 27 - Pagar o pato
- 28 - Abrir os olhos
- 30 - Dar uma mãozinha
- 31 - Voltar à vaca fria
- 32 - Dormir de touca
- 33 - Adoçar a boca
- 34 - Ensacar fumaça
- 35 - Abotoar o paletó
- 36 - Passar a bola
- 37 - Abandonar o barco
- 38 - Enfeitar o pavão

39 - Dar zebra

40 - Fazer boca de siri

41 - Abrir o coração

42 - Descer do pedestal

43 - Quebrar o gelo

44 - Lavar a égua

45 - Ir aos arames

C) Estímulos completos utilizados no Experimento 1 (tarefa de maze).

- Lista de expressões idiomáticas por condição + complemento não idiomático – Experimento de *maze*.

C.1) Transparentes familiares

- sacudir o esqueleto (V+DP) – o tapete
- arregaçar as mangas (V+DP) – o vestido
- quebrar o gelo (V+DP) – o prato
- passar a bola (V+DP) – a roupa
- perder as estribeiras (V+DP) – os documentos
- abrir o coração (V+DP) – a porta

C.2) Transparentes raras

- virar alcanfor (V+NP) – fugitivos
- ensacar fumaça (V+NP) – grama
- descer do pedestal (V+PP) – do carro
- carregar nas tintas (V+PP) – na maquiagem
- esconder o leite (V+DP) – o cofre
- ficar na tanga (V+PP) – na cidade

C.3) Opacas familiares

- armar barraco (V+DP) – quebra-cabeças
- dar zebra (V+NP) – medo
- engolir sapo (V+NP) – bolo
- pintar o sete (V+DP) – o quadro
- pular a cerca (V+DP) – a corda
- chutar o balde (V+DP) – a bola

C.4) Opaca raras

- cair as telhas (V+DP) – as folhas
- lascar o pudim (V+DP) – a unha
- lavar à égua (V+DP) – os pratos
- enfeitar o pavão (V+DP) – a sala
- dormir de touca (V+PP) – de pijama
- sentar na graxa (V+PP) – no sofá

- **Material completo da tarefa de *maze***

FRASES – Contextos mais informativos

Idioms 1 TF

A Sueli/ xxxx

temos um problema/ devia falar mais
de suas emoções/ desde o Natal
cuja sogra/ porque todos
de vez em quando/ nunca mais
precisam abrir/ deveríamos encomendar

o coração/ a porta
espontaneamente/ xxxx.

Idioms 2 TF

O João/ xxxx
sempre costumamos/ nunca se compromete
seriamente/ suavemente
com nada/ desde o Natal
no outono/ na hora "H"
sua prima disse/ ele sempre passa
a bola/ a roupa
invariavelmente/ xxxx.

Idioms 3 TF

Depois de um mês de descanso/ xxxx
a Ana viu/ as salas são
cujas meias/ que tinha
toda a janela/ muito trabalho acumulado
e percebeu que era hora/ e que discuti com João
de torrarmos/ de arregaçar
o vestido/ as mangas
novamente/ xxxx.

Idioms 4 TF

Nina/ xxxx
gostava muito/ eram antigos
para os hóspedes/ de frequentar baladas
sempre que podia/ nunca com areia
ela saía/ faziam negócios
para sacudir/ ao irmão mais velho
o esqueleto/ o tapete
durante horas/ xxxx.

Idioms 5 TF

Depois da briga entre o casal/ xxxx
poucas fitas coloridas/ o marido puxou conversa
gostei do passeio/ trouxe flores
preparou o jantar/ guardamos a caixa
picotamos os documentos/ fez de tudo
para quebrar/ com tinta
o prato/ o gelo
rapidamente/ xxxx.

Idioms 6 TF

A Marina/ xxxx
diante de tanta injustiça/ sobre o tapete enrolado

para comermos o bolo/ ao ouvir as pessoas
falarem mal/ lavou a louça
para os tios idosos/ de sua melhor amiga
encontraremos/ perdeu
as estribeiras/ os documentos
totalmente/ xxxx.

Idioms 7 TR

Os bandidos/ xxxx
a qual veio/ assim que ouviram
a sirene da viatura/ cor clara do céu
percebeu o engano/ deixaram o local
correndo e/ parafusos
esperaremos/ viraram
fugitivos/ alcanfor
imediatamente/ xxxx.

Idioms 8 TR

Finalmente/ xxxx
antes que a roupa/ após anos de terapia
a Ana/ a sopa
enxugaram os pratos/ está valorizando seu tempo
e esforço/ sem luz
e sem morar/ e parou de ensacar
fumaça/ grama
desnecessariamente/ xxxx.

Idioms 9 TR

O José/ xxxx
somos veterinários/ era muito arrogante
e prepotente/ e penteavam
até sua mãe/ pelos aviões
cantando quando/ pensava que
foram ao cinema/ ele devia descer
do pedestal/ do carro
o quanto antes/ xxxx.

Idioms 10 TR

A Larissa/ xxxx
são os que/ é tão exagerada que
onde mora Laura/ quando conta uma história
as cidades cresceram demais/ nem os amigos se impressionam
assim os leões fogem/ pois sabem que ela
mergulham/ carrega
na maquiagem/ nas tintas
frequentemente/ xxxx.

Idioms 11 TR

O Teo/ xxxx
navios desembarcaram/ precisa tanto daquele emprego
que sempre que neva/ que não revelou os problemas
que já teve/ onde nunca foram
sem sinal de chuva/ com os outros patrões
irá ventar/ preferiu esconder
o leite/ o cofre
por enquanto/ xxxx.

Idioms 12 TR

A Fátima/ xxxx
não sabe/ sempre fomos
partiram cedo de manhã/ administrar bem suas finanças
perdeu dinheiro/ eram Irlandeses
e praias paradisíacas/ e os imóveis que tinha
e ficou/ ou sussurravam
na tanga/ na cidade
novamente/ xxxx.

Idioms 13 OF

Como sempre/ xxxx
cujos amigos/ a Mariângela
fez um escândalo/ encontramos as chaves
na festa de casamento/ sem a ajuda esperada
com as reclamações/ do ex-namorado
armou/ enxugaram
quebra-cabeças/ barraco
várias vezes/ xxxx.

Idioms 14 OF

Infelizmente/ xxxx
diante do fogão/ apesar do empenho
o recheio/ a equipe
não foi bem sucedida/ nunca gelou o suficiente
dos amigos/ nos resultados
deu/ foram
zebra/ medo
desta vez/ xxxx.

Idioms 15 OF

Depois da conversa/ xxxx
o chão molhado/ com o chefe
a vassoura/ o Emanuel
entendeu que/ limpamos todos

para manter seu emprego/ porque as vacas pastam
ele precisava engolir/ a gente dançava
sapos/ bolo
infelizmente/ xxxx.

Idioms 16 OF

Embora amasse/ xxxx
a esposa/ o ônibus
nos potes de vidro/ na festa do sábado
o João/ o caju
bebeu demais e/ recolhemos todo e
fomos/ pulou
a corda/ a cerca
para espanto geral/ xxxx.

Idioms 17 OF

Ao longo do ano/ xxxx
foram tantos problemas e/ ficou careca e
pouco o remédio funcionava/ tantas tentativas de resolvê-los
que o Marcos/ quando o relógio
acabou/ consertamos
cantando/ chutando
o balde/ a bola
desanimado/ xxxx.

Idioms 18 OF

Durante o passeio/ xxxx
da turma/ nove quilos
o limão amarelo/ a nova professora
entendemos quando/ percebeu que
crianças saudáveis/ tangerinas azedas
brincam, pulam e pintam/ descascamos e cortamos
o sete/ o quadro
o tempo todo/ xxxx.

Idioms 19 OR

A calvície/ xxxx
do Seu Joaquim/ da antiga casa
foram despejados/ era iminente
ele precisava passar/ nós queríamos viajar
todas as janelas do prédio/ muito protetor solar na cabeça
nunca saímos da cidade/ não lhe paravam de cair
as folhas/ as telhas
continuamente/ xxxx.

Idioms 20 OR

O Alfredo/ xxxx
são mal-humorados/ é muito dorminhoco
e precisavam de apoio/ e demora para levantar
porque são irmãos/ por isso sua mãe o apressa
e subiriam com o seu/ e pede para que ele
lasque/ andávamos
o pudim/ a unha
diariamente/ xxxx.

Idioms 21 OR

A Maria/ xxxx
encontramos três botões/ passou seis meses
de cores variadas/ de dieta rigorosa
mas na festa de aniversário/ porém nos fios de algodão
do filho/ do terno
lavou/ cozinharemos
a égua/ os pratos
excepcionalmente/ xxxx.

Idioms 22 OR

O corretor/ xxxx
precisa vender/ queríamos dormir
um imóvel/ essa perna
tão caro e ruim/ tanta meia e sapato
quem não telefonou/ que só restou
enfeitar/ descongelamos
a sala/ o pavão
exageradamente/ xxxx.

Idioms 23 OR

Na empresa em que trabalha/ xxxx
muitos colegas/ todas as margaridas
encontramos o gato do vizinho/ cobiçam o cargo da Mariana
por isso ela/ enquanto todos
não pode/ sempre queremos
dormir/ penteei
de touca/ de pijama
de jeito nenhum/ xxxx.

Idioms 24 OR

O Tiago/ xxxx
cometeu plágio/ pegamos carona
no projeto de pesquisa/ do carro da professora
mas foi descoberto/ porém arrastamos os pés
e acabou/ e liberamos
sentando/ presenteados
na graxa/ na poltrona

sumariamente/ xxxx.

FRASES - Contextos menos informativos

Idioms 1 TF

No discurso/ xxxx
durante a colação de grau/ no jogo de baralho
dos tomates frescos/ dos seus alunos
frente à plateia/ longe dos mosquitos
a Sueli/ o melão
abriu/ descascamos
o coração/ a porta
espontaneamente/ xxxx.

Idioms 2 TF

O João sempre/ xxxx
são esses livros/ é um rapaz
alquilados/ querido
por todo mundo/ para nenhuma pessoa
mas ele tem o hábito/ porém nós estudávamos
de passar/ sem caminhar
a bola/ a roupa
invariavelmente/ xxxx.

Idioms 3 TF

Após beber/ xxxx
um café na cozinha/ uma pipoca no cinema
a Ana/ o sal
decidiu que/ reconheciam quando
já era hora de/ já sorriam mais
entrevistas de emprego/ arregaçar
o vestido/ as mangas
efetivamente/ xxxx.

Idioms 4 TF

Naquela época/ xxxx
a Nina/ um ano
estava cheia de energia/ eram bastante envolvidos
mas nunca eles foram/ e sempre que podia
ela dava um jeito/ eles poderiam fazer
de sacudir/ sem enxugar
o esqueleto/ o tapete
durante horas/ xxxx.

Idioms 5 TF

Depois da conversa/ xxxx
para as galinhas do sítio/ de ontem com a Fernanda
o marido/ as sementes
percebeu que precisava/ soubemos que tinha
fazer algo/ untar a forma
por sairmos/ para quebrar
o prato/ o gelo
rapidamente/ xxxx.

Idioms 6 TF

Na festa/ xxxx
da empresa/ do velório
a Marina/ o semestre
ouviu uma colega/ misturamos os ovos
untando a forma do bolo/ falando da sua melhor amiga
e perdeu/ e quebramos
as estribeiras/ os documentos
totalmente/ xxxx.

Idioms 7 TR

Depois do assalto/ xxxx
a qual veio/ da joalheria do centro
os bandidos/ a cor clara do céu
percebeu/ saíram
da cidade/ do engano
e esperaremos/ e viraram
fugitivos/ alcanfor
rapidamente/ xxxx.

Idioms 8 TR

Depois de várias decepções/ xxxx
a sopa/ a Ana
está tentando/ está enxugando
valorizar mais/ torcermos mais
seu tempo/ meus sapatos
e sem morar lá/ e parar de ensacar
fumaça/ grama
desnecessariamente/ xxxx.

Idioms 9 TR

O José/ xxxx
somos veterinários/ não é uma pessoa
humilde/ penteavam
e sua mãe/ e pelos aviões
cantando quando/ pensa que
foram ao cinema/ ele precisa descer
do pedestal/ do carro

o quanto antes/ xxxx.

Idioms 10 TR

A Larissa/ xxxx
são/ adora
mora em Juiz de Fora/ contar histórias
e as cidades sempre/ e os amigos sempre
se divertem/ soube
porque mergulham/ porque ela carrega
na maquiagem/ nas tintas
frequentemente/ xxxx.

Idioms 11 TR

O Teo / xxxx
navios desembarcaram/ fez uma entrevista
de neve hoje/ de emprego ontem
mas foi bastante reservado/ porém somos tímidos
preferiu/ corromperam
ventar/ esconder
o leite/ o cofre
por enquanto/ xxxx.

Idioms 12 TR

A Fátima/ xxxx
costuma comprar/ parecem ir
estrelas do mar/ roupas caras
e no fim do mês passado/ e antes do nascer do sol
acabou/ terá
ficando/ sussurravam
na tanga/ na cidade
novamente/ xxxx.

Idioms 13 OF

Semana passada/ xxxx
a formiga/ a Mariângela
foi na festa/ encontramos as chaves
de casamento/ de queijo
da partida/ do ex-namorado
e armou/ e enxugaram
quebra-cabeças/ barraco
várias vezes/ xxxx.

Idioms 14 OF

Quando os resultados/ xxxx
foi repartido/ foram divulgados
o recheio azedou/ a equipe soube

que não tinha se saído bem/ que ventos do sul gelam
desta vez/ naquele tempo
deu/ foram
zebra/ medo
infelizmente/ xxxx.

Idioms 15 OF

Uma colega de trabalho/ xxxx
juntavam/ disse
para o Emanuel/ para o cachorro
que naquele emprego/ que nesta praia
nós mergulharemos/ ele precisaria
dançavam/ engolir
sapos/ bolo
infelizmente/ xxxx.

Idioms 16 OF

Ontem/ xxxx
na festa de aniversário/ no ônibus
do chefe/ do esqueleto
o João/ o caju
bebemos demais e/ estava um pouco deprimido e
fomos/ pulou
a corda/ a cerca
para espanto geral/ xxxx.

Idioms 17 OF

Aquele mês/ xxxx
o trabalho na empresa/ os pudins de ameixa
aumentou bastante/ inverteram muito
por isso o Marcos/ assim os mosquitos
ficou sobrecarregado/quando o relógio
e acabou chutando/ e temos consertado
o balde/ a bola
exausto/ xxxx.

Idioms 18 OF

Na festa de fim de ano/ xxxx
a professora/ a foca
tomamos água/ tomou conta
das crianças/ dos doces
do primeiro ano/ da roça
que pintaram/ que equivocou-se
o sete/ o quadro
o tempo todo/ xxxx.

Idioms 19 OR

O Joaquim/ xxxx
tinha trinta anos/ tínhamos trinta reais
e precisava/ e era iminente
viajarei/ passar
todas as janelas do prédio/ muito protetor solar na cabeça
nunca saímos da cidade/ não lhe paravam de cair
as folhas/ as telhas
continuamente/ xxxx.

Idioms 20 OR

O Alfredo/ xxxx
são mal-humorados/ tem aula cedo
pelas esquinas/ pela manhã
porque irmãos carregam/ por isso sua mãe pede
porque o seu/ para que ele
lasque/ andávamos
o pudim/ a unha
diariamente/ xxxx.

Idioms 21 OR

A Maria/ xxxx
encontramos três botões/ tem um corpo
invejável/ empoeirado
mas na nave espacial/ mas na festa de aniversário
do filho/ do terno
lavou/ cozinharemos
a égua/ os pratos
excepcionalmente/ xxxx.

Idioms 22 OR

O imóvel à venda/ xxxx
precisa vender/ estava um pouco
afundados/ deteriorado
e essa perna/ e o corretor
alcançaremos/ precisou
enfeitar/ descongelamos
a sala/o pavão
para os clientes/ xxxx.

Idioms 23 OR

Na empresa em que trabalha/ xxxx
muitos colegas/ todas as margaridas
encontramos o gato/ não conhecem
a Maria/ o gato do vizinho
por isso ela/ enquanto todos
não pode dormir/ sempre queremos sair

de touca/ de pijama
de jeito nenhum/ xxxx.

Idioms 24 OR

O Tiago/ xxxx
pegamos carona/ perdeu o prazo final
até ficarmos/ para entregar
o projeto de pesquisa/ os pés de alface
e acabou/ e liberamos
sentando/ presenteados
na graxa/ na poltrona
sumariamente/ xxxx.

FRASES – Distratoras

Idioms 25 D

O Daniel/ xxxx
precisou realizar/ jantaram em uma pizzaria
no próximo mês/ alguns exames
pois sentia dores abdominais/ sempre que era necessário
nas últimas férias/ e azias constantes.

Idioms 26 D

O Ronaldo/ xxxx
avistaram seus amigos/ procurou alguns clientes
para informá-los/ naquela ocasião
de que os preços/ rigorosamente
havia despencado/ xxxxx.

Idioms 27 D

O avô de Cecília/ xxxx
na última sexta-feira/ é necessário
responderam os emails/ recebeu um prêmio
antes que aparecessem/ por ajudar os necessitados.

Idioms 28 D

O Felipe/ xxxx
precisou viajar/ souberam o que fazer
parcialmente/ inesperadamente
para praticar tênis/ para resolver um problema
em outro país/ xxxx.

Idioms 29 D

O Davi/ xxxx

apresentou/ certificaram
um ousado projeto/ várias cidades vizinhas
na mostra de ciências/ dos dias nublados
separadamente/ de sua faculdade.

Idioms 30 D

O Arthur/ xxxx
receberam o material/ arremessou a bola
diretamente na cesta/ amanhã cedo
e foram recebidos/ e foi aplaudido
pelo gerente do banco/ pelos jogadores.

Idioms 31 D

A mulher/ xxxx
do vizinho/ com os pneus
eram inseparáveis/ foi no centro
resolver problemas legais/ perceberam aquela situação
embora estudassem lá/ mas não conseguiu
avistar o avião/ encontrar o escritório
do advogado/ xxxx.

Idioms 32 D

O Manoel/ xxxx
foi assaltado/ foram assaltados
livremente/ por vários bandidos
sem perceber/ no centro da cidade
à paisana/ de Juiz de fora.

Idioms 33 D

A Laura/ xxxx
responderam emails/ conheceu o namorado
na reunião/ o qual roubava carros
de antigos alunos/ na periferia daquela cidade
por vários anos/ do ensino fundamental.

Idioms 34 D

A tia do Pedro/ xxxx
convidou/ queriam
a família/ percevejos
para um jantar/ com um martelo
no domingo/ xxxx.

Idioms 35 D

A mãe da Joana/ xxxx
acenderam a luz/ guardou o cheque

na gaveta/ nos telhados
da escrivania/ do fogão
do quarto de hóspedes/ xxxx.

Idioms 36 D

A Zilda/ xxxx
precisam saber/ precisa saber
se sua viagem/ ao entardecer
acontecem todos os dias/ será adiada
devido ao nevoeiro/ ontem à noite.

Idioms 37 D

Aqueles alunos/ xxxx
cheguei/ saíram
carinhosamente/ às pressas
com casaco/ do evento
para fazer a prova/ por perder o ônibus
final da disciplina/ xxxx.

Idioms 38 D

A Ana Laura/ xxxx
é uma aluna/ são dois amigos
brilhante/ despenteados
e ganhou/ e escrevemos
uma bala/ um prêmio

Idioms 39 D

O ministro/ xxxx
se envolveu/ a qual se envolveu
das falcatruas bilionárias/no programa de delação premiada
e terá reduzida a pena/ ou terão reduzido a pena
que seria de quinze anos de detenção/ xxxx

Idioms 40 D

O Yan/ xxxx
telefonou/ embrulhamos
para Verônica/ sem fita
com grampos/ para agradecer
o presente de aniversário/ xxxx

Idioms 41 D

A Amanda/ xxxx
confeitou o bolo/ cantamos os parabéns
onde estava guardado/ que seria servido
na festa comemorativa/ com a colher

na segunda fileira/ do batizado do primo.

Idioms 42 D

A amiga da Bruna/ xxxx
leu tantos romances policiais/ lemos muitos poemas
a qual chegou atrasada/ que ficou acostumada
em situações críticas/ a identificar pistas
e a reconhecer situações/ e nunca foi percebido
suspeitas/ xxxx.

Idioms 43 D

O Miguel/ xxxx
descascamos a maçã/ apaixonou-se pela Vívian
ainda na infância/ ainda na cozinha
durante umas férias/ diante da poltrona
na serra/ xxxx.

Idioms 44 D

A professora aposentada/ xxxx
anunciou/ escolhemos
a qual não sabia/ que ficaria noiva
de suas atitudes explosivas/ de um velho amigo
surpreendendo/ colorindo
todo mundo/ xxxx.

Idioms 45 D

Os novos vizinhos/ xxxx
cumprimentaram/ fritou
umas colchas velhas/ o síndico do prédio
na reunião/ sem água
de ontem/ xxxx.

Idioms 46 D

Nas férias / xxxx
a Patrícia/ o cinzeiro
gostaria/ esvaziei
dos porteiros/ de viajar
para o Nordeste/ xxxx.

Idioms 47 D

Toda terça-feira/ xxxx
minha mãe/ as formigas
faz aula/ refogamos
de pilates/ xxxx.

Idioms 48 D

O novo filme/ xxxx
do diretor/ com pimenta
que Maria gosta/ quem Pedro beijou
estreia/ pintaram
amanhã/ xxxx.

D) Estímulos do Experimento 2 – Expressões e palavras-alvo (idiomático – literal – controle).

D.1) Expressões transparentes familiares

- sacudir o esqueleto (V+DP) – DANÇA – COVA – BICO
- arregaçar as mangas (V+DP) – TRABALHO – TECIDO – SALADA
- quebrar o gelo (V+DP) – APROXIMAÇÃO – TEMPERATURA – MICROSCOPIO
- passar a bola (V+DP) – RESPONSABILIDADE – FUTEBOLISTA – HELICOPTERO
- perder as estribeiras (V+DP) – RAIVA – ÉGUA – CAMA
- abrir o coração (V+DP) – SINCERIDADE – CARDIOLOGIA – MATEMÁTICA

D.2) Transparentes raras

- virar alcanfor (V+NP) – FUGA – VAPOR – MULHER
- ensacar fumaça (V+NP) – DESPERDÍCIO – LABAREDA – DINOSSAURO
- descer do pedestal (V+PP) – HUMILDADE – ESCULTURA – CHURRASQUEIRA
- carregar nas tintas (V+PP) – MENTIRA – PINTURA – CACHORRO
- esconder o leite (V+DP) – SEGREDO – ORDENHA – POLTRONA
- ficar na tanga (V+PP) – FALÊNCIA – CALCINHA – ESTRIBO

D.3) Opacas familiares

- armar barraco (V+NP) – ESCÂNDALO – MORADIA – HISTÓRIA
- dar zebra (V+NP) – FRACASSO – ANIMAL – SORVETE
- engolir sapo (V+NP) – CONTRARIEDADE – INVERTEBRADO – UNIVERSIDADE
- pintar o sete (V+DP) – AGITAÇÃO – NUMERAÇÃO – CABIDEIRO
- pular a cerca (V+DP) – TRAIÇÃO – MURO – SOFÁ
- chutar o balde (V+DP) – DESISTÊNCIA – RECIPIENTE – CONDOMÍNIO

D.4) Opacas raras

- cair as telhas (V+DP) – CALVÍCIE – COBERTURA – CADEIRA
- lascar o pudim (V+DP) – PRESSA – DOCE – TIGRE
- lavar à égua (V+DP) – EXAGERO – EQUITAÇÃO – TELEVISÃO
- enfeitar o pavão (V+DP) – MAQUIAGEM – PLUMAGEM – ESPIRRO
- dormir de touca (V+PP) – VACILO – CABEÇA – GARRAFA
- sentar na graxa (V+PP) – PROBLEMA – SUJEIRA – JANELA

- **Frases completas contendo a expressão**

1. A Sueli devia falar mais de suas emoções, porque todos, de vez em quando, precisam abrir o coração. TF
2. O João nunca se compromete seriamente com nada, na hora "H" ele sempre passa a bola. TF
3. Depois de um mês de descanso, a Ana viu que tinha muita coisa acumulada e percebeu que era hora de arregaçar as mangas. TF
4. Nina gostava muito de frequentar baladas, sempre que podia, ela saía para sacudir o esqueleto. TF
5. Depois da briga entre o casal o marido puxou conversa, trouxe flores, preparou o jantar, fez de tudo para quebrar o gelo. TF
6. A Marina, diante de tanta injustiça, ao ouvir as pessoas falarem mal de sua melhor amiga, perdeu as estribeiras. TF
7. Os bandidos, assim que ouviram a sirene da viatura, deixaram o local correndo e viraram alcanfor. TR
8. Finalmente, após anos de terapia, a Ana está valorizando seu tempo e esforço e parou de ensacar fumaça. TR
9. O José era muito arrogante e prepotente, até sua mãe pensava que ele devia descer do pedestal. TR
10. A Larissa é tão exagerada que quando conta uma história nem os amigos se impressionam pois sabem que ela carrega nas tintas. TR
11. O Teo precisa tanto daquele emprego que não mencionou os problemas que já teve com os outros patrões, preferiu esconder o leite. TR
12. A Fátima não sabe administrar bem suas finanças, investiu errado, perdeu os imóveis que tinha e ficou na tanga. TR
13. Como sempre, a Mariângela se aborreceu na festa de casamento do ex-namorado e armou barraco. OF
14. Infelizmente, apesar do empenho, a equipe ficou longe do esperado nos resultados, deu zebra. OF
15. Depois da conversa com o chefe, o Emanuel entendeu que, para manter seu emprego, ele precisava engolir sapos. OF
16. Embora amasse a esposa, na festa do sábado, o João bebeu demais e pulou a cerca. OF
17. Ao longo do ano foram tantos problemas e tantas tentativas de resolvê-los que o Marcos acabou chutando o balde. OF
18. Durante o passeio da turma, a nova professora percebeu que crianças saudáveis brincam, pulam e pintam o sete. OF
19. A cabeça do Seu Joaquim era aparente, ele precisava passar muito protetor solar, não lhe paravam de cair as telhas. OR
20. O Alfredo é muito dorminhoco e demora para levantar, por isso sua mãe o acorda cedo e pede para que ele lasque o pudim. OR
21. A Maria passou seis meses de dieta rigorosa, mas, na festa de aniversário do filho, lavou a égua. OR
22. O corretor precisa vender um imóvel tão caro e ruim que só restou enfeitar o pavão. OR
23. Na empresa em que trabalha, muitos colegas cobiçam o cargo da Mariana, por isso ela não pode dormir de touca. OR
24. O Tiago cometeu plágio no projeto de pesquisa, mas foi descoberto e acabou sentando na graxa. OR

DISTRATORAS + não palavra

1. O Daniel precisou realizar alguns exames pois sentia dores abdominais e azias constantes. D - BAPE
2. O Ronaldo procurou alguns clientes para informá-los de que os preços haviam despencado. D – TEREPA
3. O avô de Cecília na última sexta-feira recebeu um prêmio por ajudar os necessitados. D – USFALHS
4. O Felipe precisou viajar inesperadamente para resolver um problema em outro país. D – TGEDSXCE
5. O Davi apresentou um ousado projeto na mostra de ciências de sua faculdade. D – TREAED
6. O Arthur arremessou a bola diretamente na cesta e foi aplaudido pelos jogadores. D – FLIUTRE
7. A mulher do vizinho foi no centro resolver problemas legais, mas não conseguiu encontrar o escritório do advogado. D – GETADE
8. O Manoel foi assaltado por vários bandidos no centro da cidade de Juiz de fora. D – REFUTI
9. A Laura conheceu o namorado na reunião de antigos alunos do ensino fundamental. D – ANHATU
10. A tia do Pedro convidou a família para um jantar no domingo. D – ERZETO
11. A mãe da Joana guardou o cheque na gaveta da escrivaninha do quarto de hóspedes. D – SHIYHDS
12. A Zilda precisa saber se sua viagem será adiada devido ao nevoeiro. D – CKRTRDS
13. Aqueles alunos saíram às pressas do evento para fazer a prova final da disciplina. D – BOLTREA
14. A Ana Laura é uma aluna brilhante e ganhou um prêmio. D – REDSATO
15. O ministro se envolveu no programa de delação premiada e terá reduzida a pena que seria de quinze anos de detenção. D – RETADIR
16. O Yan telefonou para Verônica para agradecer o presente de aniversário. D – PITARCHA
17. A Amanda confeitou o bolo que seria servido na festa comemorativa do batizado do primo. D – ALHITERO
18. A amiga da Bruna leu tantos romances policiais que ficou acostumada a identificar pistas e a reconhecer situações suspeitas. D – TURA
19. O Miguel apaixonou-se pela Vívian ainda na infância durante umas férias na serra. D – LISMO
20. A professora aposentada anunciou que ficaria noiva de um velho amigo surpreendendo todo mundo. D – LSTEAS
21. Os novos vizinhos cumprimentaram o síndico do prédio na reunião de ontem. D – GRSZTRD
22. Nas férias a Patrícia gostaria de viajar para o Nordeste. D – HUDESA
23. Toda terça-feira, minha mãe faz aula de pilates. D – GISTREA
24. O novo filme do diretor que Maria gosta estreia amanhã. D - TUMIRA

E) Questionário de verificação de atenção dos participantes pós-tarefa de decisão lexical.

Nome: _____ Idade: _____

Marque a alternativa correta acerca das frases que você acabou de **ouvir**:

- 1) Você lembra ter ouvido alguma frase em que fosse falado “sacudir o esqueleto”?
() Sim () Não
- 2) Havia uma frase em que uma moça armava um barraco na festa de casamento do ex-namorado?
() Sim () Não
- 3) Você ouviu a frase “A Carolina aprecia um bom vinho tinto”?
() Sim () Não
- 4) Foi ouvida a expressão “abotoar o paletó”?
() Sim () Não
- 5) Você lembra ter ouvido as palavras “carrossel” e “elefante”?
() Sim () Não
- 6) Você ouviu a expressão “chover no molhado”?
() Sim () Não
- 7) Você ouviu: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”?
() Sim () Não
- 8) Você ouviu a frase “O Manoel foi assaltado por vários bandidos no centro da cidade de Juiz de fora”?
() Sim () Não
- 9) Você ouviu a expressão “enfeitar o pavão”?
() Sim () Não
- 10) Você se lembra de ter ouvido “dar um tapa de luvas”?
() Sim () Não

Obrigada por sua participação!

9. ANEXOS

A) Sentenças-teste e alvos (idiomático, literal e controle) dos Experimentos 1 e 2 em italiano do trabalho de Cacciari e Tabossi (1988), citado nesta pesquisa.

Experimento 1

1. Il ragazzo pensava che suo fratello fosse nato con la camicia.
 - Fortunato
 - Cravatta
 - Sorgente
2. Il commesso informò il collega che il principale era andato all'altro mondo.
 - Morto
 - Universo
 - Orologio
3. Il malato di mente era convinto che i medici gli avrebbero fatto la pelle.
 - Ucciso
 - Sudore
 - Negozio
4. La moglie rimproverò il marito di aver fatto un buco nell'acqua.
 - Falitto
 - Fonte
 - Parruca
5. Dopo l'ottima prestazione, il tennista era al setimo cielo.
 - Felice
 - Stelle
 - Rispetto
6. Il giovane disse alla fidanzata che non vedeva più in là del uso naso.
 - Ottuso
 - Orecchie
 - Mare
7. Il direttore si lagnò con la segretaria che aveva fatto un lavoro coi piedi.
 - Male
 - Scarpe
 - Orto
8. L'attore chiese al produttore di aiutarlo col regista mettendo una buona parola.
 - Favore
 - Linguaggio
 - Guanto
9. Il bambino protestava perché non voleva andare a letto con le galine.
 - Presto
 - Oche
 - Sapone

Experimento 2

1. Appena saputi i risultati il candidato liberale accusò il colpo, inaspettato, della perdita delle elezioni.

- Sconfitto
 - Fucile
 - Buco
2. Il regista telefonó al produttore per chiedergli di venire a capo, repidamente, del problema.
- Esito
 - Collo
 - Penne
3. A causa di diverse difficoltà, era andato a monte definitivamente l'intero progetto.
- Fallito
 - Vetta
 - Chioma
4. Quando fu letto il testamento, gli eredi si accorsero che era stato dato fondo, ormani, a tutto il patrimonio.
- Finito
 - Bottiglia
 - Brodo
5. Durante uno dei soliti litigi, la donna accusó il marito di fare lo struzzo.
- Fuga
 - Uovo
 - Orologio
6. La signora non mangió la torta perché aveva l'aluna.
- Nervoso
 - Cielo
 - Vestito
7. L'impiegato non andó via soltanto perché era al verde.
- Denaro
 - Erba
 - Botta
8. La ragazza si decise a mandare al diavolo, una volta per tutte, il fidanzato.
- Lontano
 - Corna
 - Trota
9. Per l'ennesima volta, il ragazzo cadde in piedi.
- Salvo
 - Scarpe
 - Castagna
10. La maestra se accorse che l'alunno stava sulle sue.
- Tímido
 - Proprietá
 - Linea
11. Tutti sapevano che l'uomo si era fatto in quattro, pur di fare studiare il figlio.
- Aiuto
 - Numero
 - Orecchie
12. I parenti gli dissero che la moglie era restata di sale dopo la brutta notizia.
- Male
 - Mare
 - Fonte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento**”. Nesta pesquisa pretendemos investigar o modo como adultos falantes do português brasileiro (PB) monolíngues e bilíngues (falantes/aprendizes de inglês ou espanhol) fazem uso de diferentes recursos da língua (combinação de palavras, melodia da frase, p.ex.). O motivo que nos leva a estudar é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos e não nativos em situações que simulam atividades espontâneas.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: você executará tarefas de produção ou de compreensão de sentenças, com o auxílio de um computador. Essas tarefas envolvem avaliar sentenças como sendo aceitáveis ou inaceitáveis, interpretar ou produzir sentenças. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua**, e dura cerca de 15 minutos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de produção e compreensão de língua por falantes nativos e não nativos.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito a indenização. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da UFJF e a outra será fornecida você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano-UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Nome do Pesquisador Responsável: